

EMÍLIA LAUDICÉIA MOREIRA

**O USO DE *O(S)* *MESMO(S)* COMO ELEMENTO ANAFÓRICO NUMA
MODALIDADE ESCRITA DO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre pelo Curso de
Pós-graduação em Letras, área de concentração
Estudos Lingüísticos, do Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Odete Pereira da Silva
Menon

CURITIBA
2007

DEDICO

A meu pai, o melhor contador de histórias do mundo, ANTÔNIO MOREIRA, que me ensinou a gostar de estudar e, principalmente, de ler, apesar de seus poucos anos de escola.

A minha mãe, LURDES FRANCISCA MOREIRA, que me ensinou a ser corajosa, estando sempre pronta para me apoiar nos papéis de mãe e de administradora do lar.

A meu filho KAUANO, que passou dois anos e meio esperando o término do trabalho para poder ter a companhia materna na realização das coisas que mais gosta de fazer: cantar, dançar e passear no parque.

AGRADEÇO

À prof. Odete Pereira da Silva Menon, pela orientação sábia e atenta, pelos preciosos ensinamentos, por sua exemplar dedicação à pesquisa, e pela contribuição fundamental para meu crescimento intelectual e pessoal.

À prof. Iara Bemquerer Costa, pelas respostas sinceras e sensatas, pelos exemplos de didática e de paciência como professora, pelas recomendações na banca de avaliação para o ingresso no Curso e de qualificação do trabalho.

À prof. Teresa Cristina Wachowcz, pelas sugestões na banca de avaliação para o ingresso no Curso e pela atenção dispensada nos momentos de dúvida.

À prof. Cláudia Mendes Campos, pela indicação de leituras significativas e por participar da banca de qualificação, trazendo sugestões muito importantes.

Às Faculdades SPEI pelo acesso concedido aos trabalhos que constituíram a amostra, pela oportunidade e o incentivo ao crescimento profissional.

Ao Prof. Paulo Soethe, pela disponibilidade em atender, pelos atendimentos sempre atenciosos e por sua dedicação ao Curso.

Ao Odair, pelo apoio técnico e burocrático e pelas palavras de incentivo e de amizade.

À Andréa Tamanine, colega de curso e amiga, pelas conversas enriquecedoras e fortalecedoras.

À amiga Andréia, que soube usar sábias palavras no momento exato.

À amiga Luziane e à Márcia pelo apoio sem o qual não teria atingido mais essa conquista.

A Clóris, amiga de longa data, por sua enriquecedora contribuição intelectual e por estar sempre ao lado nos momentos mais importantes desse percurso.

A Marisete, pelo companheirismo e pela assistência com o inglês.

RESUMO

O presente estudo insere-se no campo da Sociolingüística, sob a perspectiva da Variação e/ou mudança lingüística da Teoria Laboviana. O objetivo desta pesquisa é o de investigar os contextos lingüísticos que estariam favorecendo o emprego de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*, usados como elementos anafóricos em textos produzidos por universitários do primeiro período das Faculdades SPEI. Para a análise dos dados utilizamos o programa estatístico VARBRUL, um modelo estatístico aplicado à Sociolingüística quantitativa. Consideramos sete grupos de fatores lingüísticos: *tipo de retomada* anafórica, *tipo de antecedente* retomado, a *ordem de retomada* do mesmo antecedente, *função sintática* da forma usada, *gênero* e *número* do elemento anafórico, além de identificarmos na codificação dos dados o informante (texto-fonte da ocorrência do dado). Constatamos que o emprego do anafórico estudado está sendo propiciado pelo contexto lingüístico onde se usa sua forma no *masculino*, pelo fato de esta ser a forma não-marcada — que pode ser usada quando relacionado a um nome no masculino ou como forma neutra — segundo MARTIN (1975). Verificamos, assim, que as formas *o mesmo* e *do mesmo* são as mais usadas pelos universitários nas redações que constituem o *cópus* do que as formas no feminino. Além do gênero do elemento anafórico, sua função sintática e também a ordem de retomada que ele faz do mesmo antecedente estariam propiciando esse uso. Outro aspecto importante dos resultados desta pesquisa foi o de mostrar que as formas de *o mesmo* estão sendo empregadas também para retomar nomes [+animados], uso que, provavelmente, aponta para uma mudança em curso na modalidade da língua estudada.

ABSTRACT

This study in Sociolinguistics is based on linguistic Variation and/or Change, in the light of LABOV theory. This dissertation investigates the linguistic contexts that would be in favor of the use of *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma*, *do(s) mesmo(s)* and *da(s) mesma* used as anaphoric elements in texts produced by students from the first year of SPEI College. VARBRUL statistical program was used for the data analysis. Seven groups of linguistic factors were considered: type of anaphoric reference, type of referred referent, number of references of the same referent, sintatic function of the used form, informer, gender and number of the anaphoric element. In this study, the male favored the use of the studied anaphoric. The sintatic function of the anaphoric element and the number of references done of the same reference would favor its use in the academic texts. The results show that the innovate use of *o(s) mesmo(s)* as anaphoric element happens when there is the reference of the referent [+animate].

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 REVISÃO DA LITERATURA.....	6
1.1 A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	6
1.2 A NOÇÃO DE ANÁFORA	8
1.3 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA	11
1.4 DE REFERÊNCIA AO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO	16
1.4.1 Por uma noção de atividade anafórica	17
1.4.2 Noções chaves para o estudo da anáfora	19
1.4.2.1 Quanto ao emprego referencial e o emprego distributivo	19
1.4.2.2 Quanto à correferência e à co-significação	20
1.4.2.3 Quanto às referências exofórica e endofórica	22
1.4.3 Os diferentes Tipos de anáfora para Apothelóz	23
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO VOCÁBULO MESMO	26
2.1 O MESMO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS	29
3 ESTUDOS SOBRE OS POSSESSIVOS.....	34
4 METODOLOGIA	38
4.1 COMPOSIÇÃO DO CÓRPUS	38
4.2 FERRAMENTA USADA NA ANÁLISE DOS DADOS	44
4.3 AS VARIÁVEIS	46
4.3.1 Dois conjuntos de dados	48
4.3.2 Determinação dos grupos de fatores	49
4.3.2.1 O Grupo 1 – Tipos de retomada anafórica	50
4.3.2.2 O Grupo 2 – Tipo de antecedente	53

4.3.2.3	<i>O Grupo 3 – Número de retomada do mesmo antecedente.....</i>	55
4.3.2.4	<i>O Grupo 4 – Função sintática da forma usada.....</i>	58
4.3.2.5	<i>O Grupo 5 – Informante.....</i>	61
4.3.2.6	<i>O grupo 6 – Gênero da forma usada.....</i>	62
4.3.2.7	<i>O grupo 7 – Número da forma usada</i>	63
4.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	65
4.4.1	Dados retirados da amostra	67
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	70
5.1	DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS NA AMOSTRA	70
5.1.1	Quadro Geral da distribuição dos dados de <i>o mesmo</i>	70
5.1.1.2	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 1.....</i>	75
5.1.1.3	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 3.....</i>	76
5.1.1.4	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 4</i>	77
5.1.1.5	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 5.....</i>	78
5.1.1.6	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 6</i>	78
5.1.1.7	<i>Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 7</i>	80
5.1.2	– Quadro Geral da distribuição dos dados de <i>seu/dele etc.</i>	82
5.2	QUADRO GERAL DE PROBABILIDADES OBTIDAS PARA <i>O MESMO</i>	86
5.2.1	Resultado probabilístico de <i>o mesmo</i> para o GF 6 – <i>gênero</i>	87
5.2.2	Resultado probabilístico de <i>o mesmo</i> para o GF 4 – <i>função sintática</i>	89
5.2.3	Resultado probabilístico de <i>o mesmo</i> para o GF 3 – <i>ordem de retomada</i>	90
5.3	QUADRO GERAL DE PROBABILIDADES OBTIDAS PARA <i>SEU/DELE</i>	91
5.3.1	Resultado probabilístico de <i>seu/dele</i> para o GF 1 – <i>Tipo de retomada</i>	92
5.3.2	Resultado probabilístico de <i>seu/dele</i> para o GF 6 – <i>Gênero da forma</i>	93
5.4	COMPARANDO AS PROBABILIDADES OBTIDAS	94
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
	ANEXO I – Informantes descartados da amostra	106
	ANEXO II – Dados de ordem de retomada elevada retirados da amostra	107
	ANEXO III – Dados na função de sujeitos descartados	108
	ANEXO IV – Dados na função de Objeto Indireto descartados	113

INTRODUÇÃO

Para a melhoria da qualidade de ensino de línguas no Brasil, é essencial a promoção de debates e pesquisas sobre a variação lingüística não só no meio acadêmico, mas também entre os profissionais que atuam no Ensino Fundamental e Médio. Talvez as maiores dúvidas desses profissionais sobre o ensino da língua materna sejam em relação à uniformidade lingüística atribuída ao português, que, na realidade da sala de aula, não se sustenta. Por um lado, em sua sala de aula, o professor se depara com a diversidade lingüística existente e percebe que ela faz parte do sistema lingüístico. Por outro, ao buscar respostas nos materiais de que dispõe, ele observa que o conteúdo da gramática normativa, freqüentemente, não contempla essa diversidade e nem as mudanças que ocorrem na língua.

A gramática tradicional não se ocupou em descrever o problema da heterogeneidade lingüística — fenômeno que podia ser observado nos estudos das línguas — já que sob sua perspectiva interessava somente a descrição da língua, que era vista como um sistema homogêneo, sob a perspectiva da existência de um único modelo da língua. Se o falante fugisse do emprego estabelecido na língua normativa, nesse modelo, haveria uma falha em sua produção lingüística. Quando a produção de um falante apresentasse fatos distintos, isso seria atribuído ao fato de um deles utilizar um dialeto diferente do outro, o que levou à nomeação de dialeto qualquer variedade lingüística. A dicotomia Saussuriana entre *langue* – fato social, coletivo, mas paradoxalmente abstrato – e *parole* – particularização da língua, realidade – foi defendida durante muito tempo pelos estruturalistas, fundamentando estudos e discussões de lingüística por várias décadas.

Mais tarde, conforme a Teoria da Variação (LABOV, 1972), a heterogeneidade passa a ser vista como parte da estrutura da língua e não mais como falha de realização, sendo inerente a todo comportamento social. Conforme essa teoria, as línguas apresentam diversidade em todos seus níveis de estruturação. Essa diversidade consiste numa heterogeneidade sistematizada, o que constitui o ponto central do modelo. Sob o ponto de vista desse modelo, é possível estabelecer regularidades nas variações apresentadas na língua em decorrência de seu uso em uma determinada comunidade de fala, ou mesmo no uso de um único falante. Assim, as variações não se processam ao acaso e sim de acordo com um conjunto de regras bem estruturado. A premissa da

Teoria Laboviana da Variação é flagrar a variação e a mudança em curso por meio da aplicação de regras variáveis e da análise da mudança em tempo aparente.

Sob essa perspectiva da Variação e/ou mudança lingüística, este trabalho propõe investigar as ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*¹ fazendo retomadas anafóricas e investigar quais contextos lingüísticos favoreceriam o uso dessas formas. Para isso, foram selecionadas 50 redações de trabalhos acadêmicos, produzidas por estudantes do primeiro período do Curso de Administração, das Faculdades SPEI, no final do primeiro semestre de 2004.

Nesses textos analisados, as formas investigadas, quando acompanhadas da preposição de – *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* –, concorrem com as formas de possessivo – *seu(s)*, *sua(s)*, ou *dele(s)*, *dela(s)* – fazendo referência a um antecedente e estabelecendo entre o nome que acompanha e o antecedente que retoma uma relação de *posse* ou de *pertencimento*. Nesses casos, as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*, que constituem a maior parte dos dados analisados, aparecem exercendo a função de complemento nominal.

Já as formas *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)*, apresentando um menor número de ocorrências, normalmente, exercem o papel de sujeito. Essas formas são usadas para retomar um nome ou um sintagma nominal (SN) já expresso anteriormente, ou seja, são empregadas como elementos anafóricos nos textos analisados neste estudo. Além desse tipo de anáfora, há também casos, inclusive dicionarizados, de retomada de toda uma seqüência anteriormente introduzida no texto, sendo em geral um enunciado ou por vezes todo um parágrafo. Embora esses últimos casos tenham um funcionamento semelhante ao das nominalizações, ao contrário destas, não re-significam o antecedente, ou seja, correspondem a um recurso coesivo gramatical. Na amostra foram encontrados somente dois casos em que *o mesmo* é usado para retomar toda uma sentença anterior, concorrendo assim com o pronome demonstrativo *isso*.² Com isso, levantamos a hipótese de que a função sintática do elemento anafórico usado seria relevante na análise de nossos dados, o que poderia contribuir para o refinamento do resultado.

¹ Entre os 114 dados da amostra, além desse tipo de dados, houve também casos com as preposições: **por** – “..., onde a empresa busca a qualidade de vida das pessoas atendida **pela mesma**...” (quatro dados desse tipo); **em** – “...na redução do estoque, permanecendo **no mesmo**,...” (quatro dados desse outro); **a** – “Serão codificadas todas as peças... o acesso **às mesmas**...” (dois dados desse último).

² Exemplo de *o mesmo* equivalente ao pronome demonstrativo *isso*: “Os funcionários que já estão a mais tempo na empresa, sabem como se comportar nestes casos, porém **o mesmo** não acontece com os novos funcionários.”

O principal objetivo da presente pesquisa é investigar quais contextos lingüísticos estariam propiciando o uso de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* como elementos anafóricos nos textos universitários analisados, demonstrando que esse emprego é um fenômeno de variação lingüística. Olhando para essas ocorrências como sendo um uso inovador na escrita formal do português do Brasil, buscamos quais seriam os fatores lingüísticos que estariam favorecendo o emprego dessas formas nos textos universitários.

Partindo da suposição de que o uso de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* seja uma característica de produções escritas e seja motivado pela formalidade da situação de produção, foram selecionados para a análise textos redigidos em situações consideradas, tanto pelos professores como pelos estudantes, extremamente formais. Essas redações fazem parte de um trabalho de pesquisa do semestre, que é orientado pelos professores das quatro disciplinas do período letivo e que deve ser apresentado oralmente no final desse tempo, valendo um terço da nota do período, sem o qual o aluno é considerado reprovado. Por todo esse peso da nota atribuída ao trabalho, espera-se que os estudantes se esforcem para aplicar todo o conhecimento da norma-padrão da língua que dominam. Os textos contêm aproximadamente 50 páginas e deveriam estar escritos em língua-padrão, respeitando as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas e relacionando os conteúdos das disciplinas do período.

No início desta pesquisa, durante a formação do *cópus* que se pretendia investigar, a fim de testar se *o(s) mesmo(s)*³ seria empregado na oralidade, foram gravadas e transcritas dez das apresentações orais desses trabalhos e em nenhuma delas foi constatado tal emprego. Primeiramente, observamos quais eram os textos que apresentavam maior porcentagem desse uso e foram gravadas as apresentações orais desses trabalhos para verificar se os redatores do anafórico também o usariam na fala formal, o que não se constatou. Assim, assumimos que esse uso é uma inovação da língua escrita, de que se constituem os dados analisados nesta pesquisa.

Legitimando pela necessidade de se ampliar o registro e a análise tanto da modalidade escrita como da oral do português do Brasil, juntamente com outros estudos

³ Observamos que, desta parte em diante, sempre que constar *o(s) mesmo(s)* entenda-se que estamos nos referindo ao conjunto dos 114 dados da amostra, constituída das ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)*, além daqueles dez dados citados na nota 1, acompanhados das preposições **por**, **em** e **a**.

como SILVA (2004) – analisando a fala – e CUSTÓDIO FILHO (2006) – analisando a escrita de pré-universitários – essa pesquisa contribui para a reflexão sobre os mecanismos coesivos empregados na construção de um texto. Cabe ressaltar que essas pesquisas vêm dar suporte às discussões sobre a língua materna, à formação de professores e ao embasamento dos planos pedagógicos das escolas e dos métodos empregados por elas no ensino de língua portuguesa.

Apesar de alguns materiais didáticos conceberem a questão da heterogeneidade como parte da língua, conforme FARACO & TEZZA (2003), ainda são muitos os autores do ensino em nosso país que defendem a idéia de que o nosso idioma é um sistema que possui um modelo único, aquele que está descrito na Gramática Normativa, que é tido como o ideal, para todas as situações. Segundo os autores, professores que atuam no ensino fundamental sob essa visão da língua materna deixam traumas profundos em seus alunos por conta da deficiência em sua formação.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro, encontra-se a revisão da literatura, em que apresentamos e discutimos os conceitos relevantes para este estudo. No segundo, traça-se um breve panorama histórico do percurso dos termos latinos que deram origem ao vocábulo português: *mesmo*, fazendo-se a apresentação de como ele é visto nas gramáticas e dicionários mais usados nas escolas. No terceiro, são apresentados os estudos sobre o possessivo, cujas observações foram essenciais e contribuíram para a pesquisa e a escolha de que fatores lingüísticos seriam importantes considerarmos neste trabalho e, no penúltimo capítulo, descreve-se a metodologia usada nesta pesquisa. Finalmente, no quinto capítulo, é apresentada a análise dos resultados obtidos com a rodada dos dados pelo programa estatístico VARBRUL, um modelo matemático aplicado à sociolingüística quantitativa.

Para a análise de nossa amostra, na coleta e classificação dos dados, consideramos sete grupos de fatores lingüísticos: o tipo de relação anafórica [\pm posse]; o tipo de antecedente retomado [\pm animado]; ordem de retomada do mesmo antecedente; função sintática da forma usada; informante; gênero e número da forma. Os dados foram codificados de acordo com esses sete grupos de fatores e submetidos à análise do programa estatístico VARBRUL.

Ao observar os resultados apresentados pelo programa para os nossos dados, verificamos que o gênero, no caso o masculino, da forma de *o(s) mesmo(s)* foi selecionado como o fator mais significativo para o favorecimento do emprego desse

anafórico. Quando ao tipo de nome que é retomado pela forma, constatamos que esse anafórico é usado, em nossa amostra, com bastante frequência para retomar também SN [+animado]. A ordem de retomada do antecedente, se a primeira, segunda ou terceira vez que o anafórico retoma o mesmo antecedente, parece também propiciar ocorrências de *o(s) mesmo(s)*.

1 – REVISÃO DA LITERATURA

Nessa primeira parte do trabalho, iniciamos com a apresentação dos conceitos nos quais nos fundamentamos para a realização deste estudo. Desenvolvemos a presente pesquisa sob a perspectiva do modelo da Sociolinguística Variacionista, conforme LABOV, 1972. Como nossos dados são elementos coesivos, ou seja, estabelecem uma relação anafórica com um antecedente, apresentamos também as noções de *referência* e de *anáfora*.

1.1 A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Segundo a Teoria Sociolinguística, a variação é inerente ao sistema lingüístico e a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema. As línguas apresentam diversidade em todos os níveis de sua estruturação. A variação existe tanto na comunidade como na fala de uma mesma pessoa. No entanto, essa abordagem pressupõe que nas variações apresentadas na língua é possível estabelecer regularidades, ou seja, a variação não é aleatória, mas está sujeita a condicionamentos de variáveis lingüísticas e sociais.

Segundo essa concepção, a real configuração de uma dada língua – e também dos caminhos de mudança seguidos por ela – só pode ser revelada em dados produzidos em circunstâncias reais. Nesse sentido, Labov (1972) introduziu o conceito de *regra variável* ao realizar o estudo sobre a contração e o apagamento da cópula na fala de adolescentes negros do Harlem, o intitulado *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula* — cujos resultados mostraram como o uso de variantes da cópula *be* no Black English Vernacular (BEV) era influenciado pelos elementos anteriores e posteriores da sentença. Com esse estudo, o pesquisador explicou o caráter heterogêneo variável da língua como sendo um fenômeno regular, motivado por fatores lingüísticos e de caráter social.

Além de assumir essa variabilidade inerente, o modelo laboviano propõe a noção de *regra variável* que incorporaria as restrições capazes de dar conta dessa variabilidade. Essa noção foi adotada como princípio dos estudos variacionistas, para os quais são essenciais os dois conceitos: o de *variável dependente* e o de *variantes*. O primeiro, é a denominação dada ao fenômeno lingüístico variável, ao passo que as

formas lingüísticas que se alternam, apresentando equivalência semântica, em um mesmo contexto lingüístico, são chamadas de *variantes*. Para os estudos de variação, quando a variante inovadora é levada à frente pelos jovens, o fenômeno lingüístico variável tende a ser definido como um processo de mudança em curso.

Entretanto, uma distribuição etária das variantes pode também estar representando uma estratificação por idade e não uma mudança em curso. Além dessa distribuição etária, os pesquisadores variacionistas devem se valer de evidências em tempo real a fim de identificar se uma variável em estudo está em processo de mudança em progresso.

Nesse sentido, Labov (1963) pesquisou a centralização dos ditongos [ay] e [aw], no Estado de *Massachusetts*, na Ilha de *Martha's Vineyard*, com o intuito de verificar a influência de fatores de ordem social na aplicação das variantes centralizadas. Para isso ele selecionou sessenta e nove entrevistados, todos nativos da ilha, e os distribuiu segundo suas profissões (pescadores, agricultores etc.), sua faixa etária, região, etnia e segundo a sua avaliação em relação à ilha (positiva, negativa, neutra). Além disso, a fim de atestar o papel condicionador das variáveis lingüísticas em relação ao fenômeno variável, o pesquisador controlou os contextos precedente e seguinte, tonicidade e tipo de item lexical.

Dessa maneira, os dados são submetidos à análise e o resultado é dado por meio de frequência de aplicação da regra e as interpretações formais da variabilidade lingüística formalizam a natureza sistemática da variação. O estudo de Labov sobre a centralização dos ditongos [ay] e [aw], no Estado de *Massachusetts*, na Ilha de *Martha's Vineyard* (1963) e sua pesquisa sobre a estratificação social do < r > em lojas de departamento na cidade de Nova Iorque (1966) foram trabalhos fundamentais para a sustentação de suas idéias.

As regras variáveis têm sido usadas em trabalhos de sociolingüística para descrever a extensão da variação condicionada de um fenômeno lingüístico em variação. Os dados investigados são submetidos à análise de um programa estatístico especialmente criado para este fim, o VARBRUL, desenvolvido por SANKOF (1978) e retomado por PINTZUK (1988, *apud* SCHERRE, 1992). Os resultados obtidos nessa análise expressam, numericamente, a possibilidade de uma forma lingüística ocorrer em contextos lingüísticos determinados.

1.2 A NOÇÃO DE ANÁFORA

A anáfora é estudada sob diversas perspectivas, ocupando um importante espaço dentre os estudos lingüísticos, o que faz com que tenhamos uma vasta e rica literatura sobre o assunto. Esse interesse pelo estudo da anáfora é devido ao papel essencial que esse mecanismo exerce na construção textual-discursiva. Nos primeiros estudos, a anáfora era considerada o elemento usado para substituir um antecedente, ambos designando o mesmo referente, havendo, normalmente, entre eles a concordância gramatical, condição imprescindível para o estabelecimento da relação anafórica.

A maior parte desses estudos estavam fundamentados na clássica obra *Cohesion in English* de HALLIDAY & HASAN (1976). Segundo esses autores, quando o elemento pressuposto está verbalmente explícito e é encontrado no período anterior temos a forma mais simples de coesão, ou seja, há entre um item lingüístico e outro uma relação anafórica. Tradicionalmente, conforme HALLIDAY & HASAN (1976, p.10), a anáfora é “o caso paradigmático de coesão referencial do ponto de vista teórico” e em sua forma mais simples é a pressuposição de que algo já foi dito. Um elemento substitui um antecedente, designando o mesmo objeto do mundo e havendo entre eles certa concordância gramatical, o que seria decisivo para estabelecer a relação anafórica. Isso equivale a dizer que um correferre o outro, ou seja, há entre o termo anafórico e o anaforizado uma identidade referencial, principalmente, e uma equivalência semântica.

A crença de que a anáfora tem como princípio básico essa operação semântica de correferência orientou as investigações de lingüistas que estudaram não só a anáfora, mas também a coesão textual, conforme ILARI (2001, p.91). Para esse autor, a anáfora e a correferência devem ser entendidas como fenômenos correlacionados, porém, são distintos.

Na literatura há uma grande divergência a respeito dos critérios de definição do fenômeno da anáfora. Essas diferentes linhas de estudo a serem seguidas, ao se tratar de anáforas, poderiam ser agrupadas em dois conjuntos distintos, de acordo com LIMA (2003). Em um deles, temos os estudos que “compartilham concepções mais amplas” do fenômeno, focando a dinâmica textual e a construção de objetos de discurso, conforme LIMA (2003, p.136). No outro, vamos encontrar os que vêem a anáfora como estratégias de interligação dos elementos lingüísticos presentes na superfície textual, o que dá coesão ao texto, confere-lhe *tessitura*.

Os que compartilham da concepção ampliada — APOTHELOZ, 1995 (in Cavalcante, 2003), MONDADA & DUBOIS 1995 (in Cavalcante, 2003), KOCH & MARCUSCHI (1998), KOCH, 2001, MARCUSCHI, 2002 — assumem a anáfora como sendo o recurso que serve não somente para dar continuidade e manutenção referenciais, mas também para a construção dos sentidos do texto. Conforme KOCH (2001), como as expressões referenciais são multifuncionais, além de referir, elas contribuem para elaborar o sentido, como ao indicar pontos de vista ou sinalizar dificuldades de acesso ao referente.

Segundo KOCH & MARCUSCHI (1998), reforçando a noção de referência de MONDADA & DUBOIS, 1995 (in Cavalcante, 2003), os referentes são resultados de um processo de negociação realizado no discurso. Sendo assim, KOCH & MARCUSCHI (1998, p.173) expõe:

“referir não é mais atividade de “etiquetar” um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes.”

Dentro dessa concepção ampliada do processo de referir e, conseqüentemente, de coesão, além das formas lingüísticas, há outros elementos que fazem parte do processo de coesão como as informações dadas pelo contexto que envolve cada expressão referencial, o conhecimento de mundo que cada uma delas aciona ao entrar em funcionamento, a competência lingüística do falante, o contexto de realização da produção (fala / escrita). Essa concepção fundamenta muitas abordagens de textos no campo da lingüística textual atualmente.

Voltando aos dois conjuntos nos quais se agrupam as diversas linhas de estudo da anáfora, além desses que focam a dinâmica do texto e da construção dos sentidos, temos os trabalhos que assumem a anáfora como um fenômeno ligado, principalmente, à coesão textual. Para os pesquisadores que integram esse conjunto, fundamentados em HALLIDAY & HASAN (1976), a anáfora se caracteriza pela retomada de um segmento de texto por outro, ou seja, o elemento anafórico faz referência a um antecedente explícito na superfície do texto.

Essa concepção de anáfora é a que adotamos na presente pesquisa, pois ela dá conta das ligações entre os elementos do texto que nos interessa – um item coesivo que retoma um antecedente explícito no fragmento anterior do texto. Nossos dados são ocorrências de *o mesmo* sendo usado para retomar um nome. Nesse sentido, a noção de

anáfora de HALLIDAY & HASAN (1976) satisfaz o estudo do anafórico aqui investigado. Portanto, faremos a exposição dos principais conceitos formulados por esse autor sobre os recursos usados para conferir a coesão a um texto.

Segundo HALLIDAY & HASAN (1976), a presença de certos traços lingüísticos em um fragmento, formado de um conjunto de sentenças, contribui para sua unidade total, fazendo com que ele seja visto como um texto. Para os autores, é a existência desses traços que vai conferir ao conjunto a *tessitura*, o que distingue um texto de um não-texto. A fim de exemplificar esses recursos lingüísticos HALLIDAY & HASAN (1976, p. 2) apresentam o seguinte exemplo:

(1) “Wash and core **six cooking apples**. Put **them** into a fire proof dish.”

(Lave e tire os caroços de 6 maçãs cruas. Coloque-as num prato refratário.)

Esse exemplo mostra que é a relação de *coesão* que existe entre o pronome *them* e o sintagma nominal *six cooking apples* que constitui a *tessitura* do fragmento, o que faz dele um texto. A *coesão* se dá pela presença do item referente (o pronome) e do item a que ele se refere (no exemplo, o SN).

No caso do exemplo acima, tanto o pronome como o SN se refere à mesma coisa, ou seja, são idênticos em referência, ou *correferenciais*. Nesse caso, é essa correferencialidade dos dois itens que fornece a tessitura ao conjunto, sendo o agente de coesão entre as duas sentenças. Essa correferencialidade se expressa na presença simultânea do item anafórico (*them*) na segunda sentença e do item alvo potencial (*six cooking apples*) na primeira.

Para a ocorrência de um par de itens coesivamente relacionado, como nesse exemplo, HALLIDAY & HASAN (1976) diz que há um *laço coesivo*, termo que denomina a relação entre esses dois itens que se relacionam. Nessa obra, a utilização do termo *laço* tenta facilitar o tratamento de um texto quanto a suas propriedades de coesão e sistematizar seus padrões de tessitura. Segundo os autores, há diferentes tipos de *laços coesivos* que são: *referência*, *substituição*, *elipse*, *conjunção* e *coesão lexical*.

Dentre esses laços, HALLIDAY & HASAN (1976) apontam a *referência* como um dos mecanismos coesivos fundamentais para que um texto se constitua como tal e tenha significado, ou seja, são esses mecanismos que conectam as partes do texto, dando-lhe *tessitura*. Essa concepção de referência de HALLIDAY & HASAN (1976) fundamentou muitos estudos de lingüística.

Para a presente pesquisa, vamos adotar essa noção de referência lingüística mais tradicional, já que o elemento coesivo estudado aqui é o caso chamado de anáfora prototípica: a relação de correferência do pronome com seu antecedente. Nosso objeto de estudo – o emprego de *o(s) mesmo(s)* – são casos de anáforas pronominais. Em nossa pesquisa, geralmente, os dados analisados apresentam essa identidade de referência entre o anafórico e seu antecedente. Como podemos ver em (2), a ocorrência de *as mesmas* retoma um antecedente explícito integralmente e mantém com ele uma identidade significativa:

- (2) “As latas vazias com capacidade de 900 ml entram na linha paletizadas e são depaletizadas em equipamento automático. Após esta operação, **as mesmas** sofrem uma inspeção visual e limpeza por ar comprimido.”

Em (2), o anafórico *as mesmas* faz referência ao antecedente *as latas vazias* que está expresso na sentença anterior. Nesse momento, parece-nos importante fazer algumas considerações sobre a concepção de referência a fim de esclarecer qual é a noção que nos interessa neste trabalho.

1.3 A NOÇÃO DE REFERÊNCIA

Em estudo clássico na filosofia da linguagem, STRAWSON (1964, *apud* VEREZA 2000, p. 89) conceitua a *referência* como uma ação através da qual “identifica-se a referência daquilo a que um estado de coisas qualquer se refere”. A proposição, por exemplo, “Cesar está morrendo”, tem a função geral de identificar um fato ou uma situação histórica e, além disso, tem como parte dessa função a sub-função de designar um item histórico, César, que a situação envolve essencialmente. Essa função da linguagem é chamada pelo filósofo de “referência identificadora”, que pressupõe o princípio da assunção do conhecimento compartilhado” sobre o *que* ou a *quem* a situação relatada se refere. Nesse sentido, mesmo presente lingüisticamente na superfície do texto, a referência só seria estabelecida plenamente, dando significação, através do “contexto” não verbal extra-lingüístico. Ao contrário da referência tratada por STRAWSON (1964, *apud* VEREZA 2000), a referência coesiva pode ser

estabelecida através do co-texto; ou seja, não há uma assunção a priori (pré-texto) de um conhecimento sobre o que está sendo referido.

Conforme ILARI (2002), podemos entender por referência “a operação lingüística por meio da qual selecionamos, no mundo que nos cerca, um ou mais objetos específicos”, que podem ser pessoas, coisas, acontecimentos, os quais são tomados como assunto de nossas falas. Em ILARI (2002, p. 176), o autor afirma que em muitas dessas operações bem sucedidas temos, comumente, a intervenção de:

- “ – uma multiplicação de classes, por meio da qual “cercamos” o objeto visado enumerando suas características;
- uma operação de dêixis, por meio da qual “localizamos” o objeto em questão em relação a um sistema de coordenadas que o interlocutor compartilha.”

O autor acrescenta ainda que as palavras mais empregadas para indicar propriedades que colaboram na constituição de uma operação de referência são os nomes comuns, os adjetivos e as orações adjetivas restritivas e as mais utilizadas para localizar objetos em um sistema de coordenadas são os artigos e os demonstrativos.

Consultando dicionários de lingüística, em CRYSTAL (1997, p. 222), encontramos a seguinte definição para referente:

“referente (referencial) (1) termo usado na semântica e na lingüística filosófica para a entidade (objeto, estado de coisas, etc.) do mundo externo a que se refere a expressão lingüística; por exemplo, o referente da palavra mesa é o objeto ‘mesa’. O termo aparece tanto na análise dupla da significação (ex. palavras – coisas) quanto nas análises triplas (palavras – conceitos – coisas).”

Segundo essa conceituação, o significado se estabelece na relação do item lingüístico com as coisas ou fatos do mundo real, que são nomeados pelos vocábulos da língua. CUNHA LIMA (2004), com a finalidade de ilustrar como funcionaria o princípio básico dessa teoria semântica, cita o comportamento de um personagem de García Márquez, de sua obra *Cem anos de solidão*, que passa a sofrer de problema de memória. Para evitar seu problema de esquecimento do nome das coisas, esse personagem começa a escrever o nome dos objetos em pequenos pedaços de papéis e colocar neles essa etiqueta. Essa solução do personagem para seu problema de memória está baseada numa teoria semântica simples que requer a realização de duas premissas:

- 1 – cada coisa tem um nome;
- 2 – saber o nome de uma coisa é saber o que ela é.

Segundo a exposição que CUNHA LIMA (2004) faz, dizer que “cada coisa tem um nome” vai além de assumir que é possível dar um nome para qualquer objeto ou

evento, ou seja, que é possível nomear todas as coisas. Para CUNHA LIMA (2004, p. 43/44), assumir essa premissa é um pouco mais forte: “quer dizer que cada coisa tem um nome correto, um nome que melhor se aplica e melhor define o que a coisa é, um nome que realmente diz a coisa.” Dessa forma, entendemos que se aplicarmos à coisa o nome correto, de alguma maneira teríamos acesso ao que a coisa é: sua essência, o que a define, o conjunto de suas características essenciais e a que categoria pertence. Isso é o que se quer dizer no segundo pressuposto da teoria.

A definição clássica para a *referência*, que fundamenta muitos estudos no campo da semântica, é a noção defendida por LYONS (1974, p. 93) ao conceituar o termo:

Referência é “a relação existente entre expressões de uma língua (‘nomes’ e ‘predicados’) e ‘coisas ou ‘qualidades’ observáveis (ou classes de ‘coisas’ e ‘propriedades’) às quais se referem ou as quais denotam.”

Segundo essa concepção, as coisas do mundo estariam agrupadas em categorias, conjuntos de coisas definíveis por certas propriedades compartilhadas por todos os membros do conjunto. Por um lado, entender o mundo seria possuir a capacidade de listar os diferentes conjuntos, as características básicas que definem cada um deles e as relações existentes entre cada um deles. O mundo estaria organizado, discretizado “lá fora” e para entendê-lo seria necessário compreender essa organização. Por outro, os nomes refletiriam essa estrutura de organização do mundo e nomear corretamente seria dar nomes de acordo com essa ordem. Sob essa noção, dar nome às coisas seria identificar um determinado conjunto de características necessárias para a inclusão de um ser numa determinada designação e, assim, a língua, nessa sua atividade categorizadora, seria uma cartografia do mundo.

Essa perspectiva de que o conhecimento da realidade do mundo seria condição para fazer semântica foi logo criticada. Uma opção seria restringir o estudo às relações que as palavras mantêm entre si, como se combinam e como se opõem, dentro do sistema da língua, sem se preocupar com a referência que elas fariam ao mundo do qual a linguagem fala. Essa foi a solução encontrada pelos estruturalistas, ao suspenderem a preocupação da existência de uma correspondência entre as palavras e os seres, procurando encontrar o máximo de informação possível sobre o sentido nas regularidades das relações lexicais.

Essa postura se fundamenta no fato de que interessava à investigação lingüística, tanto no projeto estruturalista como nas propostas que o seguiram, focalizar,

exclusivamente, a própria estrutura da língua e sua ordem interna. Dessa maneira, para cada item lexical seria possível dispor de uma descrição que delimitasse suas possibilidades de combinação com outros itens para formar uma sentença.

Tradicionalmente, a concepção de *referência*, que fundamenta vários estudos de semântica, é a de LYONS (1977, P. 174), para quem:

“The term ‘reference’, ..., has to do with the relationship which holds between an expression and what that expression stands for on particular occasions of its utterance.”⁴

Sob essa noção, entendemos que *referência* é a relação estabelecida entre uma expressão e o que ela significa no contexto em que é empregada. Essas expressões, conforme LYONS (1974, p. 93) citado na página anterior, podem ser nomes e predicados e nem todas elas podem ser estabelecidas como referentes, pois para algumas dessas expressões da língua não pode ser encontrado qualquer referente no “mundo objectivo”.

No entanto, não vamos aprofundar aqui a discussão sobre essa noção mais geral de referência, relações entre diferentes tipos de expressões da língua — nomes, predicados —, já que temos como foco na presente pesquisa a análise de um tipo específico de item coesivo explícito no texto: o emprego de *o mesmo* como elemento anafórico. Nesse sentido, retomamos a noção de referência, já mencionada nas páginas 9 e 11, de HALLIDAY & HASAN (1976) e adotada nas abordagens de texto e referência em muitos estudos de lingüística, a fim de destacar que essa noção é satisfatória para a abordagem de relação anafórica que vamos fazer do item coesivo a ser analisado neste trabalho.

A noção de referência coesiva de HALLIDAY & HASAN (1976, p. 3), que fundamenta os estudos sobre coesão textual, demonstra a preocupação de focalizar a estrutura interna da língua. Para eles, a referência coesiva pode ser estabelecida através do co-texto, ela “refere-se às relações de significado que existem dentro do texto, e que o definem como um texto”.

Conforme expusemos na seção anterior, para HALLIDAY & HASAN (1976) a referência é o principal mecanismo coesivo que faz com que um fragmento seja um texto. Para esses autores, o item lingüístico que faz referência ao outro é chamado de

⁴ De LYONS (1977), traduzimos assim: “o termo ‘referência’ designa a relação existente entre uma expressão e o que essa expressão significa na ocasião particular em que é proferida.”

referente, existindo dois tipos de referência: a endofórica e a exofórica. A primeira é a que se dá entre dois itens coesivos na superfície textual. Já o segundo tipo ocorre entre um item lexical e algo extratextual. No entanto, essa referência extra-textual não tem relação direta entre o item lexical e de etiquetagem de objetos ou fatos do mundo real. Tanto na referência endofórica quanto na exofórica, os itens lexicais referem-se indicialmente a objetos, indivíduos ou a fatos relevantes para a construção de um fragmento que possa ser chamado de texto.

Desses dois tipos de referência propostos por HALLIDAY & HASAN (1976), interessa-nos, principalmente, no presente estudo a referência endofórica, devido ao fato de a relação coesiva a ser estudada ocorrer dentro do texto, tendo um referente e um antecedente explícitos no texto.

Essa concepção clássica de referência e, conseqüentemente, de anáfora é ampliada em estudos mais recentes como o de KOCH & MARCUSCHI (1998) para quem, com base em Apothéloz (1995), existem várias estratégias de designação anafórica, mas nem todas são co-significativas. Essa noção leva a observar a anáfora como um fenômeno mais amplo que somente seu aspecto referencial. Sob esse ponto de vista se propõe o uso do termo *referenciação* em lugar de referência.

Embora, para nosso estudo, seja satisfatória a noção clássica de referência e a ferramenta usada seja o método quantitativo, consideramos importante fazer aqui uma breve exposição da noção de referência e de anáfora defendida por KOCH & MARCUSCHI (1998, p. 173). Nesse artigo, os autores defendem suas posições sob a noção de que “a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente constituída”. Em conseqüência disso, para eles a língua é atividade social, para a qual é imprescindível a negociação.

Nesse sentido, a interface entre a Lingüística Textual e a Sociolingüística se dá nessa visão dinâmica da língua. Para a primeira o discurso é construído pelo indivíduo em sua relação com a realidade, é um processo dinâmico, e para a segunda as línguas apresentam diversidade em todos os níveis de sua estrutura. E são essas posições que fundamentam o presente estudo sobre o elemento anafórico *o mesmo* e suas ocorrências nos textos escritos dos universitários selecionados para análise.

1.4 DA REFERÊNCIA AO PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

Os estudos atuais de lingüística textual no Brasil que abordam as questões da referência adotando essa concepção, fundamentam-se, principalmente, em MONDADA & DUBOIS (1995) e KOCH & MARCUSCHI (1998). Para esses autores, os referentes, chamados pelas autoras de *objetos de discurso*, são construtos culturais, representações alimentadas pelas atividades lingüísticas. Sob essa óptica, a fim de ressaltar a idéia de processo que caracteriza o ato de referir, preferem usar o termo *referenciação* em lugar de *referência*.

MILNER (1982), para quem a língua é uma representação perfeita e adequada do mundo real, ao refletir sobre a distinção entre as noções de referência e correferência, apresenta o *referente* como sendo o segmento da realidade que é designado pelas seqüências lingüísticas. Além disso, o autor distingue referência *real* de *virtual*, postulando uma outra correlação: a *correferência real* e a *correferência virtual*.

Esse conceito de correferência é um critério utilizado pelo autor a fim de caracterizar anáfora nominal e anáfora pronominal. Assim como outros estudiosos, ele entende que a anáfora é uma noção diferente de correferência, sendo as duas autônomas, já que a anáfora é uma relação assimétrica entre um anaforizado e um anaforizante, e a correferência é uma ligação que se estabelece simetricamente entre esses dois elementos.

Enquanto MILNER (1982) recorre a sentenças descontextualizadas ao descrever as suas duas anáforas, APOTHÉLOZ (1995) trata do funcionamento da anáfora na dinâmica textual e defende a ampliação da noção de antecedente que não se circunscreva à ligação semântica entre ele e a forma de retomada. Concordando com Mondada e Dubois, Apothéloz assume uma visão de anáfora como a representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com os pressupostos compartilhados pelos participantes da comunicação e com outros fatores contextuais.

Após empreender uma breve revisão de conceitos-chave, o autor traça um paralelo inicial entre empregos referenciais e empregos atributivos, distinguindo finalmente subtipos de *anáfora: fiel e infiel, anáfora por nomeação, anáfora por silepse e anáfora associativa*.

1.4.1 Por uma noção de atividade anafórica

Conforme o exposto anteriormente, consideramos a relação anafórica estabelecida pelo vocábulo *o mesmo* como exemplo da noção de anáfora de HALLIDAY & HASAN (1976). Para esses autores, a anáfora ocorre entre dois elementos formais expressos na superfície do texto, ou seja, são pontualizáveis. Um item lexical chamado de *elemento anafórico* retoma correferencialmente outro item, designado por *antecedente*, que está presente no cotexto retrospectivo, tendo tanto este como aquele o mesmo referente.

No entanto, como conduzimos esta pesquisa sob a concepção de que a língua é dinâmica, não poderíamos adotar uma postura taxativa quanto ao tipo de relação anafórica que *o mesmo* estabeleceria nos dados aqui analisados. Sob o ponto de vista da Sociolinguística, LABOV (1972), há diversidade em todos os níveis da língua e há também variações apresentadas na língua em decorrência de seu uso em uma determinada comunidade de fala, ou mesmo no uso de um único falante. A Teoria Sociolinguística pressupõe que essas variações apresentadas na língua estão relacionadas a fatores linguísticos ou sociais.

Assim, destacamos que o objeto de estudo deste trabalho constitui um fenômeno de variação linguística, portanto, desde o seu recorte se considera a análise sob a luz dessa visão dinâmica da língua.

Encontramos também a defesa dessa dinamicidade da língua na proposta de KOCH & MARCUSCHI (1998, p. 173), quando discutem o pressuposto da indeterminação linguística que, segundo eles, supõe a heterogeneidade, historicidade e variabilidade da língua, além de ser socialmente constituída, conforme citado na seção anterior, pág. 15. Enquanto a Sociolinguística prega a diversidade presente na língua em todos os níveis, a Linguística Textual “postula o princípio de indeterminação em todos os níveis”, segundo KOCH & MARCUSCHI (1998, p. 173).

Nesse sentido, é importante salientar que, além do pressuposto desses autores que supõe uma noção dinâmica da língua, outra contribuição importante para a presente pesquisa é o fato de KOCH & MARCUSCHI (1998, p.173) postularem relação anafórica, ou referenciação, como sendo “um processo realizado negociadamente no discurso”, ou seja, é uma atividade discursiva que resulta na construção do referente. Assim, tentamos estabelecer uma correlação entre esses pressupostos da Linguística

Textual e o que postula a sociolinguística, que sustenta a análise dos dados deste trabalho.

Segundo KOCH & MARCUSCHI (1998), apesar de ser a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, a noção de *retomada anafórica* é talvez mal-compreendida. Essa afirmação é corroborada com a análise de exemplos pelos autores, expondo dois pontos: em primeiro lugar, quando mostram que, muitas vezes, a expressão *retomada* é somente um tipo de *remissão* que estabelece o *contínuo tópico* e nem sempre designa uma retomada referencial em sentido estrito, quando haveria correferência entre o referente e seu antecedente. Em segundo lugar, propondo uma noção de anáfora ampliada, eles afirmam que as relações anafóricas não dizem respeito apenas àquelas estabelecidas por pronomes, mas também por nomes e outras categorias.

KOCH & MARCUSCHI (1998), não se deve continuar a observar a anáfora sob o aspecto referencial apenas, como tradicionalmente esse procedimento foi visto. Para os autores, pode haver uma pluralidade de estratégias de designação anafórica, nem todas co-significativas. Assim, podemos afirmar que a referenciação explícita se dá quando a repetição do item lexical revela traços de correferencialidade e co-significação. E na referenciação implícita, ocorreria a situação em que entrariam casos de associação ou de relações em que a correferenciação e co-significação não operariam nem simetricamente nem paralelamente. Em KOCH & MARCUSCHI (1998), se estabelece o seguinte esquema geral:

- a) referenciação explícita: (correferenciação, co-significação = vinculação textual e antecedentes explícitos)
- b) referenciação implícita: (correferenciação e não-co-significação = vinculação textual)
- c) referenciação implícita: (correferenciação e não-co-significação = vinculação contextual)
- d) referenciação implícita: (não-correferenciação nem co-significação = vinculação situacional, não textual)

Se pensarmos em como seria classificada a relação anafórica estabelecida pelo elemento *o(s) mesmo(s)*, investigado no presente estudo, de acordo com esse esquema proposto por KOCH & MARCUSCHI (1998), interessa-nos apenas a primeira

proposição: *a referenciação explícita*. As demais proposições envolvem relações que não dizem respeito à nossa análise, já que as relações anafóricas que vamos analisar são sempre casos de anáforas *correferências*, ou seja, retomam exatamente um item anterior que está explícito no texto. A seguir, fazemos a exposição de conceitos importantes empregados nos estudos de anáforas como os de *correferência*, *co-significação* e *anáforas associativas*.

1.4.2 Noções chaves para o estudo de Anáforas

Nesta seção, apresentamos abaixo algumas noções bastante usadas para o estudo e a descrição dos casos das anáforas. Vamos organizá-las em três subseções.

1.4.2.1 Quanto ao emprego referencial e emprego atributivo

Nesse ponto APOTHÉLOZ (1995) ressalta que nem todo sintagma nominal — SN — é necessariamente empregado para referir, existindo empregos não-referenciais dos SN's. Para ilustrar esse fato, o autor retoma o seguinte exemplo, empregado em LYONS (1976, *apud* Apothéloz, 1995): “*Giscard d’Estaing est le président de la République française.*” (Giscard d’Estaing é o presidente da República francesa). Segundo LYONS (1976), há duas interpretações possíveis para essa frase:

- 1ª. — Ou “o presidente da República francesa” é uma expressão referencial com o mesmo título que “Giscard d’Estaing”, e a copula estabelece uma relação de identidade entre os dois referentes;
- 2ª. — Ou a expressão “o presidente da República francesa” é utilizada com uma função de atributo (ou predicativo) com o objetivo de fazer aserção a propósito do referente designado pela expressão “Giscard d’Estaing”.

Na primeira interpretação o uso do artigo definido é obrigatório e na segunda ele é facultativo. Ainda nessa segunda possibilidade de interpretação, os dois sintagmas nominais não são intercambiáveis. APOTHÉLOZ (1995) acrescenta ainda uma outra maneira de apresentar a diferença entre esses dois empregos: o *referencial* e o *atributivo*. Segundo ele, sempre que, no exemplo dado, a expressão “Giscard d’Estaing” puder ser substituída por qualquer outra expressão que identifique o mesmo indivíduo — por exemplo, “sucessor de Pompidou” etc. —, o predicado “é o presidente

da República francesa” poderá ser substituído, na interpretação atributiva, por um predicado que não comporta sintagma nominal, mas que tenha o mesmo sentido — por exemplo, uma forma verbal como “governo”). Isso nos leva a entender que o critério de substituição, para os empregos referenciais, é a identidade referencial enquanto que para os empregos atributivos o critério para se substituir é o sentido, segundo LYONS (1976, *apud* Apothéloz, 1995).

Encerrando essa questão, APOTHÉLOZ (1995) observa que enquanto para Halliday e Hasan (1976), a referência é mais um tipo de relação anafórica dentre as várias formas possíveis de se estabelecer essa relação, para “certos autores”⁵ o termo anáfora é somente usado para designar as expressões referenciais. Sob essa perspectiva restrita do termo, somente os sintagmas nominais utilizados referencialmente estão sujeitos a empregos anafóricos, conforme APOTHÉLOZ (1995).

Diante do exposto, o emprego de *o mesmo* analisado neste trabalho é um desses sintagmas nominais tipicamente empregados como anafóricos e o critério de substituição, neste caso, também é o da identidade referencial, tratando-se, portanto, de um *emprego referencial*. Não há entre os dados analisados nesta investigação usos de *o mesmo* segundo o *emprego atributivo*.

1.4.2.2 Quanto à Correferência e à Co-significação

A relação de correferência é quase sempre considerada como o protótipo da anáfora. Conforme APOTHÉLOZ (1995), sempre que duas expressões nomeiam no discurso o mesmo referente, dizemos que existe correferência entre elas. Essa concepção de anáfora levou alguns autores a questionar sobre qual seria a fronteira entre anáfora *correferencial* e anáfora *associativa*. Observe-se o seguinte exemplo:

(3) Nós visitamos uma igreja. *A construção* era grandiosa.

Nesse exemplo (3), podemos considerar que a expressão *a construção* está nomeando somente um aspecto da igreja (sua dimensão arquitetônica) e que estamos, então, em presença de uma anáfora associativa, de acordo com CHAROLLES (1990). Para ele, neste caso, o contexto é que favorece essa interpretação: a dimensão

⁵ ‘certos autores’ são termos usados por Apothéloz, que não explicita quais sejam.

construção como um dos aspectos da igreja que se vê quando ela é visitada. No entanto, em um exemplo como (4), o autor observa que uma interpretação associativa seria mais difícil, dado o contexto ser essencialmente visual.

(4) Na praça, tinha uma igreja. *A construção* era grandiosa.

Segundo APOTHÉLOZ (1995), outro fenômeno semelhante ao da correferência é o das anáforas pronominais qualificadas. O autor dá um exemplo que, segundo ele, é freqüentemente citado na literatura e que foi emprestado de KARTTUNEN, (1969, *apud* Apothéloz, 1995):

(5) O homem que deu **seu salário** à sua esposa é mais sábio do que o homem que *o* deu à sua amante.

Nesse exemplo (5), geralmente a interpretação dada é a de que o pronome *o*, ainda que esteja designando outro salário, não pode ser correferencial, neste caso, com a expressão “seu salário”. Estamos, assim, na presença de um fenômeno de *co-significação*, mas não de *correferência*, de acordo com CONTE (1988).

APOTHÉLOZ (1995) aponta a possibilidade de descrever esse tipo de anáfora lançando mão da terminologia proposta por MILNER (1989), para quem há duas espécies distintas de referência: a *real* e a *virtual*. A *referência virtual*, segundo MILNER (1989), é o significado de um lexema (o conjunto de condições que deve satisfazer um objeto do mundo para poder ser designado por meio de uma expressão que comporte esse lexema) e a *referência real* é o objeto designado por um emprego desta expressão.

APOTHÉLOZ (1995) acrescenta, ainda, a observação de que esse fenômeno pode também ser produzido nas expressões lexicais, exemplificando com:

(6) Assim que La Suisse [um jornal], sua embarcação imponente, parte em viagem, [...] Jean-Claude Nicole apresenta um número para os jornalistas: “Aqui estão as chaves da casa. Eu as coloco aqui, sob o capacho. Acabou La Suisse”, ele lança. Mas diante dos credores, **a manobra** é mais difícil. (Liberation, 11.3.1993. Exemplo emprestado de CHANET, 1994, *apud* Apothéloz 1995, p. 63/64)

Segundo o autor, em (6), a expressão **a manobra** designa a atitude e propósitos de J-C Nicole que são os mesmos tanto diante dos jornalistas como diante dos credores.

Assim, nesse texto, o anafórico funciona como um pivô para a referência, havendo, também nesse caso, *co-significação sem correferência*.

1.4.2.3 Quanto às referências *exofórica* e *endofórica*

Literalmente, quando o objeto nomeado é localizado em uma situação extratextual, temos a referência *exofórica* e quando ele é localizado no cotexto trata-se da referência *endofórica*. APOTHÉLOZ (1995) critica essa visão afirmando que “o referente de uma expressão endofórica, a não ser que esta não seja metalingüística, não está situado, ele próprio no texto.” Para ele, o que se localiza no texto é apenas uma outra expressão que designa este referente. O autor propõe ainda uma reformulação dessas definições. Para o autor, as qualidades de *exofórico* e de *endofórico* indicam a referência aos objetos; as de *exofórico* se referem aos objetos ainda não designados no texto e as de *endofórico* aos já designados. Ele acrescenta, também, que, mesmo com sua reformulação, essa distinção perde boa parte de seu interesse se levarmos em conta que a operação de uma expressão referencial, anafórica ou não, opera sobre uma representação e não sobre um segmento textual.

Para APOTHÉLOZ (1995), às vezes, referência *endofórica* é igualmente utilizada para designar a *déixis textual*. Segundo ele, essa distinção entre *exofórico* e *endofórico* foi considerada bastante pertinente e foi especialmente criticada por BOWN (*apud* Yule (1983)). A partir dessas observações, a discussão em APOTHÉLOZ (1995) se dirige para a questão da *déixis textual* e questão da *referência opaca*. Em um primeiro momento, essas questões não demonstram ser pertinentes para a análise dos dados deste estudo. Tratando da *referência opaca*, o autor aponta como sendo os principais fatores de opacidade contextual os verbos ditos de atitude proposicional (denotando opinião, crença, intenção etc.). APOTHÉLOZ (1995) destaca que, do ponto de vista da comunicação, a opacidade referencial é também um fenômeno gerador de ambigüidade.

Como veremos no capítulo 3, o anafórico aqui estudado ocorre em contextos diferentes desses discutidos por APOTHÉLOZ (1995) quando ele aprofunda as questões de distinção entre *exofórico* e *endofórico* e as sobre contextos opacos. O uso de *o mesmo* se dá para fazer retomada de uma expressão já designada no cotexto. Nesse sentido, mesmo na reformulação proposta por APOTHÉLOZ (1995), o elemento anafórico analisado no presente estudo apresenta as qualidades de *endofórico*.

1.4.3 Os diferentes tipos de anáfora para Apothéloz

Segundo APOTHÉLOZ (1995), a anáfora pode ser classificada em quatro grupos: *fiel* e *infiel*, *anáfora por nomeação*, *anáfora por silepse* e *anáfora associativa*.

Primeiramente, ele faz distinção entre a anáfora *fiel* e a *infiel*, expondo que o caso da *anáfora fiel* é uma das possibilidades de correferência. Ela ocorre quando um SN definido ou demonstrativo retoma um referente precedente de mesmo núcleo (por exemplo, *a casa... esta casa...*). Já, por outro lado, se o nome da forma de retomada é diferente daquele da forma introduzida (um sinônimo ou hiperônimo), ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer (*uma casa... a habitação*) temos a *anáfora infiel*.

Considerando o aspecto de haver a correferência, entendemos que tanto a *anáfora fiel* como a *infiel*, em APOTHÉLOZ (1995), são possibilidades de retomadas correferenciais. Observamos também que nossos dados, se observados sob a classificação proposta pelo autor, são casos de *anáfora infiéis* uma vez que o anafórico *o mesmo* é necessariamente distinto da forma retomada. Não houve caso, no corpus estudado, em que o mesmo retoma um sintagma nomina de mesmo núcleo.

Em segundo lugar, o autor apresenta a *anáfora por nominalização*, explicitando que essa anáfora ocorre quando o SN transforma em referente o processo denotado por uma proposição anterior. Ele cita dois casos possíveis: “a nomeação pode retomar o *conteúdo proposicional* desta proposição; ou o *ato de fala* realizado por meio da enunciação deste conteúdo.” Uma nomeação pode ser construída a partir de conteúdos implícitos, podendo dar ao enunciador a oportunidade de manifestar sua subjetividade, segundo APOTHÉLOZ (1995). Ele ressalta ainda que, com esse fenômeno, é possível perceber que os mecanismos de anáfora podem, além da simples retomada de informação, contribuir para os aspectos mais especificamente construtivos do discurso.

Entre nossos dados encontramos três casos, como o exemplo dado na nota 2, da página 2, em que *o mesmo* retoma em bloco a afirmação precedente. Esses três dados se diferenciam da anáfora por nominalização, uma vez que não re-significam a proposição retomada, apenas as retomam de maneira condensada. Assim, afirmamos que no corpus aqui analisado não há casos de mecanismos anafóricos que contribuam para uma construção do discurso, ou seja, o elemento anafórico estudado apenas mantém o discurso, já que somente retoma antecedentes.

Um terceiro tipo de anáfora apresentado é a *anáfora por silepse*. Uma definição bastante usual para essa anáfora “consiste em dizer que a silepse é uma concordância segundo o sentido e não segundo a gramática.” (Apothéloz, 1995). Estamos diante de uma anáfora por silepse, segundo APOTHÉLOZ (1995), quando o referente que foi introduzido por meio de uma expressão de um determinado gênero gramatical (por exemplo, “a pessoa”) é retomado pelo pronome masculino *ele* para indicar que o sintagma *a pessoa* se refere a alguém de sexo masculino.

Nos dados analisados em nosso trabalho, podemos afirmar que encontramos *o(s) mesmo(s)* nessas condições de anáfora por silepse. Observe-se, em (7), a falta de concordância entre um antecedente e o elemento anafórico:

- (7) “Como o controle de entrada e saída, espera-se que não falte mais material, nem fique sobrando demais; O sr. Marcelo não terá que ir todos os dias praticamente comprar material, ... Com a aquisição do computador para o estoque ficará muito mais fácil controlar as entradas e saídas de material, e a falta **das mesmas**.”

Obs. (Pelo contexto: “o material” é usado para se referir às “peças” já citadas nas páginas anteriores. Apesar de o sintagma nominal “as peças” estar distante no contexto do anafórico “das mesmas”, o leitor não tem dúvida dessa relação anafórica. Parece que o fato de o texto estar descrevendo a rotina de trabalho de uma oficina mecânica e de que nessa rotina o principal “material” são as peças contribui para o estabelecimento da anáfora)

O autor faz a ressalva de que o limite entre a anáfora por silepse e a anáfora associativa é bastante tênue. E em (7) parece que temos um caso que estaria ilustrando esse limite.

Por último, ao tratar da *anáfora associativa*, APOTHÉLOZ (1995) aponta que, geralmente, são designados como expressão em anáfora associativa os SN’s definidos que apresentam ao mesmo tempo: uma certa dependência interpretativa relativamente a um referente anteriormente (ou posteriormente) introduzido ou designado e a ausência de correferência com a expressão que introduziu ou designou anteriormente (ou posteriormente) esse referente. Embora esse tema seja extenso e bastante discutido nos estudos atuais sobre anáforas, não vamos entrar em detalhes aqui sobre essas discussões, visto que as relações anafóricas analisadas neste trabalho são diferentes dessas. Nos dados analisados em nossa pesquisa, normalmente, o item analisado – *o(s) mesmo(s)* – apresenta uma relação anafórica de correferência, e, portanto, não pode ser entendido como um caso de anáfora associativa de APOTHÉLOZ (1995).

Em APOTHÉLOZ (1995), observamos a proposta de uma noção de anáfora e de referência mais ampla, que coincide com a postura de MONDADA & DUBOIS (1995). Ambos defendem uma visão de anáfora e de referência como a representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, conforme fatores contextuais e pressupostos compartilhados pelos interlocutores.

Ao observarmos as noções chaves para o estudo da anáfora discutidas em APOTHÉLOZ (1995), concluímos que o elemento anafórico dos dados da presente investigação ilustra o caso em que existe a *correferência*, uma vez que o elemento anafórico *o mesmo* e o antecedente retomado por ele nomeiam no discurso do corpus analisado o mesmo referente, não havendo, portanto, nesse processo de retomada a co-significação.

Quanto aos empregos *referencial* e *atributivo*, o uso de *o mesmo* analisado aqui é um dos sintagmas nominais tipicamente empregados como anafóricos que tem como critério de substituição o da identidade referencial, tratando-se, portanto, de um *emprego referencial*. Conforme mencionado na seção 1.4.2.1, não há entre os dados analisados nesta investigação usos de *o mesmo* segundo o *emprego atributivo*.

Observando os diferentes tipos de anáfora, segundo a classificação proposta por APOTHÉLOZ (1995), conforme o exposto nesta seção, os dados aqui analisados ilustram casos de *anáfora infiel* uma vez que a forma retomada pelo *o mesmo* é um sintagma nominal diferente do elemento anafórico introduzido (*o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)* etc.). Para o autor, a *anáfora fiel* se dá quando um SN (sintagma nominal) definido ou demonstrativo retoma um referente precedente de mesmo núcleo. No corpus aqui estudado não houve nenhum caso em o anafórico e seu antecedente possuem mesmo núcleo.

Convém salientar que essa breve exposição sobre a classificação de anáfora de Apothéloz tem a intenção de mostrar que as relações anafóricas podem ser estudadas sob diferentes pontos de vista. Além disso, tentamos propor uma inter-relação entre a visão dinâmica que se tem da língua e que sustentam os estudos da Sociolinguística e da Linguística Textual.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO VOCÁBULO *MESMO*

Tendo em vista que o núcleo das formas investigadas na presente pesquisa é o termo *mesmo*, a partir desse momento, apresentamos um breve histórico desse vocábulo e o que se encontra em alguns dos principais autores, de gramáticas históricas e dicionários, sobre sua evolução desde o Latim até o português de hoje. Em seguida, procuramos mostrar o ponto de vista de algumas gramáticas e de livros didáticos sobre o uso de *o(s) mesmo(s)* que é o objeto deste estudo.

Na história da evolução do Latim para as línguas românicas, o termo *mesmo* tem sua origem no latim vulgar, de acordo com o que, normalmente, é apresentado pelas gramáticas históricas e dicionários etimológicos. Essa sua origem também é apontada, de maneira breve, nos dicionários comumente usados na escola como GREGORIM (2002)⁶, para as aulas de português, e o ÁLVARO (1996)⁷, para as aulas de espanhol.

Iniciamos, aqui, com um importante dicionário etimológico da língua espanhola: COROMINAS (1954) e o que ele apresenta sobre o percurso dos termos latinos que teriam dado origem ao vocábulo *mismo* do espanhol. Embora haja trabalhos importantes realizados sobre os textos antigos do Português, sabe-se da dificuldade de encontrar exemplos de determinadas etapas da evolução de nossa língua. De acordo com COROMINAS (1954, p.387/388), essa dificuldade se torna muito maior em algumas línguas românicas como o espanhol. Ao expor esse problema, ele comenta que a partir de *metipsīmus* é fácil explicar formas como a do francês antigo *medesme*, hoje *même*, e talvez até a do italiano *medesimo*, no entanto, acrescenta:

“Pero las formas iberorromances y la frecuente variante oc. *mezesme* presentan un tratamiento de la oclusiva dental, inexplicable en apariencia, pues no creo nadie acepte la explicación de M-L. al suponer que todas las formas romances son préstamos del francés antiguo...”

O autor chama de ibero-romances línguas como o catalão e o espanhol principalmente. Ele apresenta, ainda, outras hipóteses usadas para explicar a forma *mismo* (do espanhol) que se baseiam em razões fonético-fonológicas, porém, salienta que resta ainda uma dificuldade: explicar o *i* desse vocábulo, pois com *ipse*, *ipsimus*, só podíamos ter *me(e)sno* e não formas em *i* como *me(i)no* ou *meime*.

⁶ GREGORIM C. O. et alii. *Michaelis: dicionário escolar língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

⁷ ÁLVARO, J. G. et alii. *Diccionario Esencial Santillana de la Lengua Española*. Madrid: Santillana S. A, 1991.

Para investigar o caminho percorrido pelo vocábulo *mesmo* em sua evolução para as línguas românicas nas gramáticas históricas, tem-se de considerar aspectos fonológicos e morfo-sintáticos. Isso faz com que a pesquisa que se proponha a isso deva levar em consideração diferentes capítulos e/ou tópicos que são apresentados separadamente nessas gramáticas. Além disso, os tópicos sobre o *mesmo* não aparecem listados de maneira explícita nos índices, o que dificulta a pesquisa.

Apresentamos, então, os autores que dispensaram maior atenção aos fatos que deram origem a esse vocábulo em suas obras.

Conforme relato de COUTINHO (1976), no latim clássico, existiam três pronomes demonstrativos, que correspondiam às três pessoas gramaticais: *hic* de primeira pessoa, *iste* de segunda e *ille* de terceira. Ele afirma que, no latim vulgar, a distinção entre esses pronomes já não era muito clara. Assim, desde muito cedo, o pronome de segunda pessoa *iste* substituiu o de primeira *hic*, que acabou caindo em desuso completamente, de acordo com o autor. Mais tarde, segundo ele, o terreno deixado por *iste* foi sendo ocupado pelo pronome de identidade *ipse*, que era de terceira pessoa.

COUTINHO (1976) lembra que, assim como *ipse*, outra partícula muito usada em latim para enfatizar o significado dos pronomes pessoais era *met*, que era posposta a outros pronomes. Ele explica que em *semet ipsum*, por equívoco, *met* acabou sendo ligada a *ipsum*, o que resultou *se metipsum*. Segundo o autor, paralelamente a *ipse*, havia a forma superlativa enfática *ipsimus*, redução de *ipsissimus*, que combinando com *met* deu *metipsimus*, do qual a forma acusativa *metipsimu* resultou no vocábulo português *mesmo*. De acordo com proposta de COUTINHO (1976), temos, então, o seguinte caminho percorrido pelo vocábulo *o mesmo*:

(8) *Metipsimu* > **metissimu* > **medesmo* > *meesmo* > *mesmo*

Ele recorda também que, no português antigo, foi registrado *medês* que veio de *metipse*, apresentado o seguinte percurso:

(9) *Metipse* > **metisse* > **medesse* > *medês* (português arcaico)

Esse mesmo percurso de *Metipsimu* a *mesmo* também é defendido por MAURER JUNIOR (1959). Conforme esse autor, dos seis demonstrativos clássicos, o latim vulgar conservou somente três: *iste* para a 1ª pessoa (próximo da pessoa que fala – em português *este*), *ipse* para a 2ª (próximo da pessoa a quem se fala – *esse*) e *ille* para a 3ª (posição remota – *aquela*). Para ele, o latim vulgar tende a desenvolver essa tríplice oposição por meio desses demonstrativos *iste*, *ipse* e *ille*, que eram comumente reforçados. Quanto ao significado, o *ipse* teria um sentido mais genérico, menos preciso que os outros dois. Talvez por essa indefinição de sentido, *ipse* passa a agregar uma partícula para enfatizar seu significado, o *met*, um reforçador que inicialmente se juntava aos pronomes pessoais como em *egomet* (ego + met). Mais tarde, com essa partícula reforçando *ipse*, temos a origem da forma *metipse* e até *metipsimus*, documentada só na România ocidental, conforme o autor. Assim, teríamos o seguinte:

(10) *metipse* > *metipsimus* > *meesmo* > *mesmo*

Já a proposta de WILLIAMS (1938) para o percurso de *mesmo* em sua evolução se restringe a uma nota no parágrafo que trata da queda do *d* intervocálico, no capítulo dedicado à Fonologia, quando afirma que esse *d* caiu na segunda pessoa do plural em todos os tempos verbais em que permaneceu intervocálico. Ele supõe que essa queda poderia ter sido de origem dialetal, afirmando que ela se deu muito mais cedo no desenvolvimento de **metĩpsĩmum* para *mesmo*. Para ele, o caminho percorrido pelo termo, em sua evolução do Latim Vulgar para o português, seria:

(11) **metĩpsĩmum* > *meesmo* > *mesmo*.

Embora WILLIAMS (1938) nos leve a supor que tenha existido a forma *medeesmo*, já que o esquema em (11) aparece em sua obra exemplificando a queda do *d* do Latim Vulgar, no parágrafo que trata da posição intervocálica dessa consoante, ele não cita essa forma como uma etapa do caminho.

Com posição distinta a desse autor, COROMINAS (1954), por mais de uma vez, explicita que as formas *medesme* e *medisme* como vocábulos registrados em textos do francês antigo. Quanto ao percurso da forma do latim vulgar que levou ao vocábulo *mesmo*, COROMINAS (1954), no mesmo sentido do exposto por MAURER JUNIOR

(1959), concorda com a origem de *mesmo* ter sido a composição do pronome *ipse* com a forma enfática *met*. No entanto, há uma discordância entre eles quanto à forma latina admitida como a original. MAURER JUNIOR (1959) apresenta como a forma de origem *metīpsīmus*, enquanto que COROMINAS (1954) defende a idéia de que essa tenha sido *medīpsīmus*.

Para explicar essa diferença, COROMINAS (1954) levanta a hipótese de que existiria na linguagem coloquial uma variante *–med*. Devemos observar que o autor está interessado em explicar como se chegou a *mismo*, e não ao vocábulo *mesmo* do português. No entanto, em sua explicação, ele cita um grande número de documentos que comprovam a existência de formas que aparecem, em autores de língua portuguesa, como hipotéticas, como é o caso de *medesme*, encontrada em documentos do francês antigo, forma análoga a *meesmo*, registrada no documento intitulado *Las Inquisiciones*, de 1258), sendo substituída mais tarde por *mesmo*. Assim, segundo esse autor, teríamos o que segue:

(12) *medīpsīmus* > *medesme* > *mesmo*

ou

(13) *medīpsīmus* > *m(e)esmo* > *mesmo*.

Em suas pesquisas realizadas em textos antigos do português, MENON encontrou exemplos que completam essa etapa do percurso de *mesmo*. De acordo com os apontamentos dos estudos sobre metaplasmos realizados durante o Curso de Variação e Mudança, ministrado pela Professora em 2005, agregamos mais algumas etapas no caminho percorrido pela forma latina até chegar a *mesmo*. MENON supõe a existência de uma forma latina anterior às outras, porém ainda não pôde comprovar tal fato. Em suas pesquisas, MENON encontrou algumas formas que nos levam a admitir, a partir da expressão *ego[met] ips[e] issim[us]*, o seguinte percurso:

(14) **metipsimum* > *metissimum* > *medeesmo* > *meesmo* > *mesmo*.

2.1 O MESMO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

O uso dos sintagmas nominais (SN's) *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)* – e suas variantes – para estabelecer relações anafóricas, como possíveis concorrentes de *ele(s)*,

ela(s), geralmente, é ignorado pelos manuais de gramática. CUNHA & CINTRA (1985), CEGALLA (1978), entre outros, não comentam absolutamente nada sobre a existência de tal ocorrência. Quando as gramáticas dedicam algum parágrafo comentando esse uso normalmente o fazem sob uma visão negativa da ocorrência. Um exemplo desse tipo de comentário podemos ver em ALMEIDA (1969, p. 173):

“Há um emprego condenável do demonstrativo **mesmo**: Criou-se a custa de ensinamentos de origem duvidosa, verdadeira aversão às formas **a ela, dela, para ela** etc.

Não sei se por temor de, no emprego do pronome **ela**, formar palavras grotescas, como **boca dela**, ou se para evitar a repetição contínua desse pronome, costumam certos autores, **infalivelmente**, substituí-lo por **a mesma, da mesma, para a mesma, com a mesma** etc.

É verdadeiramente ridícula essa substituição, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos.” (Destaque do autor)

Como se pode observar, o autor não vê com bons olhos o emprego de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, comentando que ele se dá por falha do usuário da língua e por falta de recursos lingüísticos. Além disso, ele enumera alguns exemplos “desse erro” e, no parágrafo seguinte, apresenta os mesmos exemplos “corrigidos”, nos quais *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)* foram substituídos por *ele(s)*, *ela(s)*. Observa-se que, com isso, ALMEIDA (1969) figura entre os gramáticos que não aceitam o uso dessas formas para estabelecer relações anafóricas como pertencendo à modalidade padrão do português.

Somando-se a essa postura, porém de maneira menos incisiva, a respeito desse uso de *o mesmo* o FERREIRA (1986)⁸ expõe:

Parece conveniente evitar o emprego de *o mesmo (...)* como equivalente do pronome *ele*, ou *o* etc.: *Vi ontem Fulano e falei com o mesmo a respeito do seu caso; Velho amigo desse rapaz, já tirei o mesmo de sérios embarços*. No primeiro exemplo se dirá, mais apropriadamente, *falei com ele*, ou *falei-lhe* (por “*falei como o mesmo*”), e no segundo, já o tirei (*em vez de “já tirei o mesmo”*).

Nesse dicionário, ainda complementando o exposto, encontramos a afirmação de que é muito freqüente esse uso, “deselegante”⁹, de *o mesmo*. Temos, nesse exemplo, a clara postura em defesa do emprego de *ele* (e os pronomes átonos) para fazer retomada em lugar de *mesmo*, forma advertidamente “inapropriada”¹⁰ segundo o Aurélio.

⁸ FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário (Aurélio) da Língua Portuguesa*. 2ª. edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁹ Termo usado pelo Dicionário Aurélio.

¹⁰ Idem.

Preterindo a existência dessa forma como concorrente desses elementos anafóricos, sobre a alternância *seu(s)* / *dele(s)*, CUNHA & CINTRA (1985, p.312) expõem:

“Para evitar qualquer ambigüidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você*, *do senhor* e outras expressões de tratamento.”

Nota-se que ele não explicita quais seriam essas “outras expressões de tratamento” e nem sequer cita a possibilidade do uso de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* em substituição a *seu(s)*, *sua(s)*, o que poderia ser mais um recurso para desfazer essa ambigüidade. Portanto, o autor tampouco condena esse emprego.

Outro gramático que apresenta recomendação semelhante à de CUNHA & CINTRA (1985), é CEGALLA (1978), em sua Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, como o exposto em:

“Os possessivos *seu(s)*, *sua(s)* podem referir-se à 3ª. Pessoa (*seu pai* = o pai dele), como à 2ª. Pessoa do discurso (*seu pai* = o pai de você).

Por isso, toda vez que os ditos possessivos derem margem a ambigüidade, devem ser substituídos pelas expressões *dele(s)*, *dela(s)*.”

Também apresentando preocupação com relação a essa ambigüidade, em livro didático atual destinado ao ensino médio, SARMENTO & TUFANO (2004, p. 371) alerta para os “problemas com o uso de pronomes possessivos”. Os autores dão o seguinte exemplo: “*Raquel preparou a pesquisa com Sílvio e fez sua apresentação.*” Após apontar o problema da ambigüidade, expõem os sentidos possíveis para o exemplo e sugerem como reformulações da redação estas duas possibilidades:

a) “*Raquel e Sílvio prepararam a pesquisa, e ele fez a apresentação dele.*”

b) “*Raquel e Sílvio prepararam a pesquisa, e ela fez a apresentação dela.*”

Observamos que os autores não mencionam a possibilidade de uso do anafórico *o mesmo* para desfazer a ambigüidade, nem nesse nem em outros exemplos dados.

Essa postura de resistência em admitir o uso da forma *o mesmo* (e suas variantes) e até de condená-lo, como o faz ALMEIDA (1969) citado na página anterior, parece ser repetida e mantida por muitos professores de língua portuguesa, embora já haja estudos lingüísticos que a incluam entre os pronomes, como CUSTÓDIO FILHO (2004) e KOCH (1989). Esta autora explica que existem formas que estabelecem relações anafóricas chamadas de não-referenciais livres. Entre essas formas, segundo a autora, temos os pronomes pessoais de 3ª. pessoas (*ele*, *ela*, *eles*, *elas*) e os pronomes

substantivos em geral (demonstrativos – este, esse, aquele, tal, o mesmo – possessivos – seu, dele etc.). *O mesmo*, na classificação de KOCH (1989), aparece como um determinado tipo de demonstrativo, o qual concorda em gênero e número com seu referente, da mesma maneira que as formas *este, esse, aquele, tal*.

Embora não seja prescrito pela gramática normativa, o uso desse termo para estabelecer relação anafórica é, geralmente, comum em determinados tipos de textos, como os jurídicos, manuais e placas de instrução, conforme ilustram os exemplos 15, 16 e 17, apresentados em seguida:

- (15) “Art. 13º. – **Objetos não Permitidos:** Não é permitido vir para a Escola acompanhado de brinquedos de corda ou sofisticados, ..., pois a Escola não se responsabilizará pela avaria ou perda **dos mesmos**.” (Contrato de Prestação de Serviço da Escola Amigos do Pedrinho – 2005)
- (16) “**Art. 9º - Carteira de Identidade:** (...) As crianças só sairão da Escola em companhia de pessoas que não sejam Pai ou Mãe, desde que *as mesmas* sejam portadoras da CARTEIRA DE IDENTIDADE.”
(Contrato de Prestação de Serviço da Escola Amigos do Pedrinho - 2005)
- (17) “Desrespeitadas quaisquer dos itens acima, elegem o foro de Curitiba-Paraná, para execução *do mesmo*.”
Obs.: O antecedente retomado aqui é o título do documento localizado no início da página: Acordo Extra-judicial, registrado em cartório – 2005.
- (18) “O microondas contém vários interruptores de segurança para permitir que *o mesmo* seja desligado automaticamente ao se abrir a porta.”
(Manual do Consumidor – Microondas Sanyo – 1997)

O fato novo relacionado a esse fenômeno lingüístico parece ficar por conta do tipo de antecedente, segundo o que pudemos observar na amostra coletada para esta pesquisa. Quanto ao tipo de antecedente de *o(s) mesmo(s)*, os dados analisados parecem indicar que estamos diante de uma inovação da língua portuguesa: seu uso também com antecedentes [+ animado], como exemplificado a seguir:

- (19) “**Gestão de Talentos:** para enquadramento dos empregados no processo de alto desempenho e enquadramento **dos mesmos** na prática dos novos preceitos corporativos, a COPEL tem procurado lançar mão da educação corporativa, ...”
- (20) “Semestralmente existem avaliações de desempenho, que tem por objetivo principal, verificar os resultados obtidos pelo colaborador no período, se **o mesmo** agregou ou não valores para a empresa.”

- (21) “*Brainstorming* é um processo em que as pessoas interagem verbalmente. Cada pessoa dá suas sugestões para resolver um problema de forma verbal, sem que **as mesmas** sejam criticadas pelos outros participantes.

Assim, os diversos exemplos de *o(s) mesmo(s)*, encontrados na amostra, retomando um antecedente [+ animado], levaram-nos a levantar a hipótese de que esse emprego já faria parte da escrita de textos universitários analisados produzidos em situação formal ou, pelo menos, já estaria em fase adiantada de entrada nessa modalidade língua usada por esses estudantes. Lembramos que, após a observação das apresentações orais dos mesmos trabalhos produzidos pelos universitários, situação em que não houve ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, passamos a considerar que esse fenômeno seja típico da escrita. Com essa suposição, propusemo-nos a tentar investigar que fatores lingüísticos estariam condicionando sua presença nas redações acadêmicas, além de buscar descrever o número e tipo de ocorrências da forma que estariam sendo mais usadas.

Nessa tentativa, passamos a observar, com mais cuidado, os contextos em que se dava esse emprego e, com essa observação, percebemos que parecia ser escassa a possibilidade de essas formas ocorrerem como o primeiro item coesivo a fazer a retomada. Decorrente dessa observação, outra hipótese que levantamos foi a de que o número de retomadas realizadas (primeira, segunda, terceira retomada etc.) de um mesmo antecedente poderia estar condicionando a ocorrência de *o mesmo* – e suas variantes. Essas formas estariam ocorrendo quando parecia ter esgotado a possibilidade do emprego de outros recursos anafóricos mais comuns, sendo assim uma segunda ou terceira retomada do mesmo referente, possibilidade já levantada por ALMEIDA (1969: p.173) citado anteriormente, na página 30.

Ao analisar ocorrências como as ilustradas anteriormente, o objetivo central desta pesquisa é o de tentar investigar quais seriam os contextos sintáticos motivadores do uso de *o(s) mesmo(s)* para fazer a retomada anafórica. Para isso, propusemo-nos a averiguar quais seriam os fatores lingüísticos que estariam agindo para determinar uma maior ou menor ocorrência desse tipo de elemento coesivo. Assim, pretendemos fornecer informações sobre o estágio em que se encontra esse fenômeno, que nos parece ser a novidade lingüística na modalidade escrita desses estudantes em situação formal, chamando a atenção de outros pesquisadores para o fato.

Apresentamos, no próximo capítulo, alguns estudos sobre o possessivo que nos inspiraram nessa investigação e em nossa busca pela descrição do fenômeno focalizado neste trabalho. O principal desses estudos é o de SILVA (1982), que investigou o caso da entrada da forma *dele*, concorrendo com *seu*, chamada pela autora de forma “desambigüizadora”, no português do Rio de Janeiro. Além desse, SILVA & SCHERRE (1996), SOARES (1999), MONTEIRO (1994) foram importantes para fundamentar nossa observação dos dados e nossa escolha dos grupos de fatores lingüísticos que iríamos considerar.

3 ESTUDOS SOBRE OS POSSESSIVOS

Em SILVA (1982, p.151), depois de apresentar um resumo histórico do termo *dele*, assume-se que esse vocábulo tem geralmente um papel “desambigüizador” embora não obrigatoriamente, sendo justamente esse caráter de não obrigatoriedade que caracteriza a variação. Nessa obra, toma-se o uso da forma *dele* como uma variável sendo influenciada pela ambigüidade. Para a autora, essa variação entre ambíguo e não ambíguo perturbou os gramáticos e todos os que procuraram regras categóricas.

Com exceção da forma reflexiva, não existia em latim pronome pessoal de terceira e sexta pessoas¹¹, conforme SILVA (1982), sendo usado o pronome demonstrativo como forma não reflexiva. A autora afirma, ainda, que devido a essa lacuna, tampouco existia o possessivo não reflexivo de terceira pessoa. Ela acrescenta que quando “queriam usar a terceira pessoa não-reflexiva usavam o genitivo do pronome demonstrativo *illius*.”, SILVA (1982, p.150).

Mais tarde, segundo SILVA (1982), quando foi inserido nas línguas românicas o pronome pessoal para a terceira pessoa, também se acrescentou um possessivo correspondente. Nas várias línguas, como as línguas ibéricas, continuou-se a empregar as formas reflexivas já existentes (*suus, sua, suum*) para as terceiras pessoas. Para a autora, as línguas, nas quais só se usava essa forma para a terceira pessoa do singular, conservaram para a terceira do plural o genitivo plural de *ille*, isto é, *illorum*, como é o caso do francês, do italiano etc. Ela acrescenta que algumas dessas línguas flexionaram a forma proveniente de *illorum* quanto ao número de possuídos – como é o caso de *leur*

¹¹ Em SILVA(1982, p. 149), “sextas pessoas” ou “sexta pessoa semântica” equivale aos pronomes de terceira pessoa, no plural: *eles, elas*.

/ *leurs* do francês, outros idiomas mantiveram-na invariável – como *loro* / *loro* do italiano.

Uma vez assumindo que *dele* seria a forma que veio para desfazer a ambigüidade, papel equivalente ao de *illius*, anteriormente, em algumas línguas românicas, SILVA (1982) afirma que esse recurso à sintaxe pronominal, o de se criar um novo pronome para solucionar o problema semântico da ambigüidade, não é recente nas línguas românicas. Ao levantar a hipótese de que a ocorrência da forma *dele* está diretamente ligada à questão da ambigüidade, a autora passa a descrever os vários tipos de ambigüidade que essa forma viria a desfazer.

Nos resultados de SILVA (1982), o fator [+ ambíguo] condiciona nitidamente o uso da forma *dele*, chegando a ser categórico nos corpora orais. Ela constata também uma diferença no uso dos “alfabetizandoos” e dos universitários. Para a autora, o *dele* está ganhando espaço no português falado, porque é a forma que desfaz a ambigüidade instaurada pela extensão do uso de *seu* que pode referir à segunda como às terceiras pessoas tanto do singular como do plural.

Nos dados de nossa amostra, parece que a forma *do(s) mesmo(s)* também exerceria esse mesmo papel, o que motivaria a expansão de seu uso. Isso levou a se pensar que, talvez, poderia ser interessante para o presente trabalho considerar essa questão da ambigüidade, já que poderíamos assumir a forma *do(s) mesmo(s)* como equivalente a *dele* quanto a seu papel *desambigüizador*. O problema a ser discutido, então, seria sobre como classificaríamos os tipos de ambigüidade.

Para MONTEIRO (1994), existem três tipos de ambigüidade. O primeiro deles está relacionado com a pessoa do discurso, pois *seu* pode se referir tanto à segunda como à terceira pessoa; o segundo tipo está ligado ao número gramatical, pois *seu* pode ser empregado tanto para a segunda e terceira pessoas do singular quanto para as do plural; já o terceiro é provocado pela existência de dois referentes, ambos de terceira pessoas e possíveis possuidores.

A fim de resolver essa ambigüidade relativa à combinação do número dos possíveis possuidores e de possuídos, SILVA (1982) afirma que, de modo geral, nas demais classes gramaticais, o número gramatical coincide com o semântico, o que não acontece entre os possessivos, em que há uma interação entre o número do possuído e o do possuidor. Isso levaria a quatro possíveis combinações. No entanto, ela considerou, também, que a maneira de possuir, se coletiva ou distributivamente, também poderia

influenciar no resultado da análise, o que a levou a acrescentar mais essas duas variáveis, observando, assim, seis números de combinações.

A princípio, pensamos utilizar essa classificação dos tipos de ambigüidade de SILVA (1982), quanto ao número de combinações, na análise de nossos dados por entender que ela nos ajudaria a descrever quais seriam os fatores lingüísticos favorecedores da inserção de *o mesmo* nas redações acadêmicas analisada por nós. Chegamos a realizar, manualmente, um agrupamento dos dados de acordo com essas seis combinações, listando cada tipo de ocorrência.

No entanto, essa observação superficial já nos possibilitou verificar que, no caso do item focalizado em nosso estudo, não havia nenhuma relação entre o emprego de um tipo de ocorrência ou outro com o tipo de classificação de SILVA (1982). Lembramos que, em SILVA & SCHERRE (1996), as pesquisadoras observam que há grande diferença quantitativa entre os *corpora* escrito e oral, devido ao fato de a língua escrita não envolver o leitor, eliminando, assim, automaticamente a ambigüidade entre a segunda e a terceira pessoa. Com isso, entendemos que esse fator ambigüidade poderia mostrar aspectos interessantes da análise de *córpus* constituído de produções orais, mas não no caso desta pesquisa em que são analisadas produções escritas.

Além dessa combinação do número do possuidor e do possuído, SILVA (1982) considera as variáveis: grupo de fatores possuidores *humano X objeto*, o grau de *ambigüidade*, o tipo de *discurso* e a *determinação X a generalidade* do possuidor, entre outros. A autora também considera as variantes: possuidor [+animado] *versus* possuidor [-animado], que mostraram ser determinantes no emprego de *seu* ou *dele* nos dados do português do Rio de Janeiro. Essa constatação feita pela pesquisadora levou-nos a considerar o tipo de antecedente, [\pm animado] como importante para nossa pesquisa. Segundo o estudo de SILVA (1982), o fator [+animado] favorecia a forma *dele* enquanto que o [-animado] a desfavorecia.

SILVA (1996) conclui que a forma *seu* para a terceira pessoa é praticamente inexistente na língua oral, pois ficou reservada para a “segunda pessoa semântica”, o pronome *você*. Conforme a autora, essa modificação significativa no uso dos possessivos acompanha obviamente a mudança paulatina de todo o sistema pronominal (pronomes “retos” e “obliquos”), desde a penetração da forma *você* no sistema.

Essas modificações no quadro dos pronomes têm rendido muitas discussões, que resultaram em vários trabalhos nos últimos anos: MENON (1997), PERINI (1985),

NEGRÃO & MÜLLER (1996), TOLEDO (1998), SOARES (1999) MENON & LOREGIAN-PENKAL (2002) entre outros. Com a finalidade de contribuir com essa discussão, o presente trabalho pretende, na medida do possível, descrever e analisar mais um fenômeno de variação lingüística que pode estar relacionado à alternância *seu/dele*, por exemplo, empregados para possuidores de terceira pessoa.

Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a abordagem do uso de *o(s) mesmo(s)*,¹² sendo usado para fazer retomadas anafóricas nos textos universitários analisados. Primeiramente, fazemos a descrição do *corpus*, informamos o objetivo central da pesquisa e descrevemos os dados a serem incluídos em nossa análise. Em seguida, apresentamos os grupos de fatores a serem testados, relacionando-os com as hipóteses levantadas, com a finalidade de investigar as ocorrências de *o(s) mesmo(s)*.

4.1 COMPOSIÇÃO DO *CÓRPUS*

Ao observar a produção escrita dos estudantes, na disciplina de Comunicação, do 1.º Período dos cursos de Administração, alguns elementos que os universitários usavam em seus textos nos chamavam a atenção. Isso se dava, principalmente, porque quando pesquisávamos em gramáticas e livros didáticos, a fim de embasar as recomendações dadas aos alunos sobre o que deveriam usar, freqüentemente, não obtínhamos respostas satisfatórias. Com relação ao uso de *o(s) mesmo(s)*, empregado pelos estudantes para estabelecer relações anafóricas, ou não encontrávamos nenhuma recomendação a respeito desse fenômeno nessas fontes consultadas ou nos deparávamos, em alguns casos, com posturas que o condenavam veementemente, conforme foi exemplificado no capítulo 2 deste trabalho. Essa situação despertou-nos o interesse pelo estudo do fenômeno, que se apresentava nos textos acadêmicos.

Nesse contexto, observamos também que o emprego de *o(s) mesmo(s)* era típico da escrita dos estudantes, pois quando eles faziam exposições orais a respeito do mesmo trabalho não o usavam, contrariando o que havia ocorrido em seus textos. Foram gravadas dez apresentações orais de trabalhos cuja escrita apresentava ocorrências do anafórico pesquisado e em nenhuma dessas gravações foram encontradas essas ocorrências. Esse fato, aliado a outros exemplos dessas ocorrências na escrita (textos jurídicos e de manuais, por exemplo), levou-nos a considerar o fenômeno aqui

¹² Referimo-nos ao conjunto de dados de ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Ver nota 3, pág. 3.

observado como uso que se manifesta na língua escrita dos universitários, cujos textos observamos.

Devido a todo esse contexto que motivou o presente estudo, foram reunidos, para a constituição do *corpus* da pesquisa, 50 trabalhos escritos de alunos do primeiro período do Curso de Administração de Empresas, período a cujas turmas tínhamos acesso nas Faculdades SPEI naquele momento. Nesses trabalhos, exigidos como requisito para conclusão do semestre, os estudantes descrevem uma empresa onde realizaram a pesquisa, analisam-na sob aspectos que envolvem o conhecimento adquirido nas disciplinas do semestre e fazem sugestões de melhorias às empresas. Essa pesquisa dos universitários se dá sob a orientação dos quatro professores que lecionam naquele período e é avaliada em conjunto por todos eles; tratando-se, assim, de um trabalho interdisciplinar.

Entre esses textos universitários que constituíram o *corpus* analisado, a maioria possui, aproximadamente, 50 páginas. Há também os casos que fogem a essa regra, que seriam oito textos contendo entre 10 e 15 páginas e dois de 72 páginas. Em uma primeira leitura do material se pode observar que o número de páginas não seria relevante de acordo com o objetivo da presente proposta de estudo, já que um maior ou menor número de ocorrências de *o(s) mesmo(s)* não tinha relação com a extensão do texto. Por isso, optou-se pela manutenção de todos os 50 trabalhos na constituição do *corpus* aqui analisado.

Sobre as condições de produção desses textos, lembramos que sua apresentação aos professores devia ter uma redação formal e de acordo com as normas da ABNT, o que colocou os estudantes em uma situação que lhes exigia uma produção escrita conforme a modalidade padrão da língua. Com isso, era de se esperar que eles lançassem mão da variedade da língua mais formal, ou mais cuidada, que se esperaria que dominassem, pois estão produzindo textos em uma situação de tensão, valendo um terço da nota de cada uma das quatro disciplinas do período. Assim, os acadêmicos deveriam usar, conforme o que se espera nessa situação de produção, a modalidade padrão da língua preconizada pelas gramáticas, que, conforme o já exposto no início deste trabalho, ou ignoram o uso de *o(s) mesmo(s)* ou não o recomendam, chegando até a condená-lo. No entanto, esse contexto não foi coercitivo o suficiente para garantir que a intenção de adequar-se à norma culta da escrita do português brasileiro fosse alcançada

pelos universitários, apesar de seus textos demonstrarem a tentativa de responder ao que se espera deles.

Mesmo expostos a essa exigência formal de produção e apesar de alguns autores, por exemplo, FERREIRA (1976) citado na página 30, desaconselharem esse uso – nas poucas vezes em que mencionam o fenômeno – os estudantes estavam empregando as formas de *o(s) mesmo(s)* como elemento coesivo. Essa inadequação dos estudantes — com relação ao emprego de *o mesmo* — às exigências da situação de produção e às recomendações de autores bastante consultados por eles, como FERREIRA (1976), chamou nos a atenção para a investigação desse fenômeno.

O presente estudo se propõe a buscar evidências que indiquem se há fatores lingüísticos que propiciam esse uso do anafórico *o mesmo* e, em caso afirmativo, quais seriam esses fatores. Esta pesquisa também tem como propósito levantar se há contextos sintático-semânticos que poderiam favorecer mais o uso das formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* ou o emprego dos pronomes possessivos de terceira pessoa *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* e *delas(s)*. Acreditando que essas ocorrências de *o mesmo* seriam inovações da modalidade escrita desses textos universitários analisados, pretendemos que nossa análise seja capaz de fornecer elementos que indiquem quais seriam os fatores que propiciariam esse fenômeno.

Com a finalidade de alcançarmos esses objetivos e com o propósito de viabilizar as comparações entre os contextos lingüísticos dos dados da amostra analisada, fez-se necessária organização de dois grupos de dados. Esse agrupamento em dois grupos facilitaria a análise, por um lado, dos contextos em que ocorrem as formas de *do(s) mesmo(s)* e, por outro, daqueles em que há ocorrências dos pronomes *seu(s)*, *dele(s)*. Assim, vamos ter a seguinte composição em cada um dos grupos:

Primeiro grupo de dados – neste primeiro conjunto de dados estão reunidas as ocorrências: *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*, em sua grande maioria, além dos dez casos em que *o(s) mesmo(s)* é antecedido por outra preposição que não o *de*, conforme explicitado na nota 1, pág.2;

Segundo grupo de dados – este segundo conjunto é constituído das ocorrências de outras formas com as quais *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* concorrem, por exemplo, *seu(s)*, *dele(s)*, *de* + *SN's*. Chamamos essas formas do segundo conjunto de formas concorrentes, porque nos mesmos contextos lingüísticos em que são usadas — com a função de estabelecer a relação anafórica expressando a “posse” — os estudantes

empregavam as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*. Doravante vamos usar “posse”, entre aspas, por estarmos considerando dois tipos de ocorrências: as que expressam *posse* e as que expressam *pertencimento*.

Com relação à *posse*, no presente trabalho, quando nos referimos à relação anafórica que expressa “posse”, estamos considerando dois tipos de ocorrências. No primeiro, as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* estão sendo empregadas para estabelecer relação anafórica, havendo, ao mesmo tempo, a expressão da *posse*. Nesse caso, há ligação entre um elemento possuído e um possuidor que é o antecedente retomado. No outro tipo de ocorrências, temos *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* também estabelecendo a relação anafórica. O que difere nesse segundo grupo de dados é que, além do estabelecimento da relação anafórica, há a expressão de uma relação de *pertencimento*, entre um elemento (SN) — que é a parte pertencente — e o antecedente retomado pelo anafórico *do(s) mesmo(s)*, que é o todo do qual esse elemento faz parte. Podemos exemplificar essa relação com o exemplo (22) em seguida.

- (22) “De um modo geral, um elo entre as estratégias e a organização, é a diversificação e a incrementação dos processos **da mesma**.”

No caso desta ocorrência, em (22), a forma *da mesma* retoma o SN *a organização* estabelecendo assim uma relação anafórica. Além disso, o elemento anafórico estabelece uma conexão entre o antecedente retomado (*a organização*) e o SN que acompanha: *dos processos*. Essa conexão estabelece também a relação de *posse*, além da retomada anafórica. Nesse caso, *os processos* pertencem a *a organização* – que é retomada pelo anafórico *da mesma*, ou seja, *os processos* fazem parte do antecedente retomado.

Assim, afirmamos que, além da relação anafórica estabelecida pelo uso de *da mesma*, há em (22) a expressão de uma relação de *pertencimento* entre os elementos que estão conectados por *da mesma* e não de *posse*, uma vez que, neste caso, não há uma relação entre um possuído e um possuidor, pois *processos* não é *possuído* pelo antecedente retomado.

Com isso, salientamos que ao empregarmos a terminologia “posse”, estaremos considerando não só as ocorrências que expressam a *posse* como também as que expressam essa relação de *pertencimento*.

Neste momento, a fim de ilustrarmos o segundo grupo de dados, apresentamos exemplos de ocorrências das formas DE + SN's, que estariam sendo empregadas em contextos lingüísticos similares aos que ocorrem as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*. Assim, temos os exemplos¹³ a seguir:

- (23) “O trabalho é composto pelos seguintes tópicos: (...).

Também foi descrito e detalhado neste trabalho os tipos de estratégias utilizadas pela organização, o modelo das cinco forças de Porter para *a organização*, os recursos e capacidades **da organização**, cultura,... e capital.

A organização analisada é *a empresa AMH Medicamentos Hospitalares Ltda*, que atua no setor de revenda de medicamentos para hospitais e clínicas especializadas.

A escolha **da mesma** se deu pelos seguintes motivos: facilidade para a obtenção de dados, uma vez que um dos integrantes da equipe faz parte da equipe de colaboradores **desta organização** e por pertencer a um ramo de atividade de significativa importância para a sociedade,...”

- (24) “A organização analisada é a *Caixa Econômica Federal*, uma instituição financeira sob a forma de empresa pública, a escolha **da mesma** deve-se ao fato da Caixa ser uma empresa que abrange todos os municípios brasileiros, tratando-se de um conjunto de regras, procedimentos, instrumentos de controle e sistemas operacionais muito bem integrados, facilitando a abordagem sistêmica, contingencial e cultural *da organização*.

A escolha **da mesma** tem os seguinte motivos: é uma instituição financeira conhecida por todos; **sua** cultura é muito vasta; utiliza a estratégia de diferenciação dentre todas as entidades financeiras; a análise econômica é bem clara perante o mercado.”

Em (23) temos a ocorrência de *da mesma* — representando o primeiro conjunto de dados — em posição intermediária ao uso das formas *da organização* (no primeiro parágrafo) e *desta organização* (no segundo parágrafo), esse dois SN's exemplificando os dados do segundo conjunto.

Ao observarmos fragmentos em que havia ocorrências tanto das formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* como também de outras formas usadas para estabelecer a relação anafórica, por exemplo *da organização* e *desta organização*, em (23) e (24), o que nos interessava era a análise dos contextos sintáticos e o tipo de relação anafórica que estava sendo estabelecida. Isso nos levou a pensar que, ao compararmos o contexto das ocorrências desses dois grupos de dados, poderíamos encontrar quais seriam os fatores lingüísticos que estariam favorecendo o emprego de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*.

¹³ Em negrito, temos os anafóricos usados; seus antecedentes estão em itálico e os demais elementos da cadeia anafórica aparecem sublinhados.

No caso de (23), as formas *da organização* e *desta organização* poderiam ser substituídas por *da mesma*, já que são equivalentes ao retomar o mesmo antecedente. A questão pertinente seria, assim, explicar a razão pela qual os estudantes não empregaram então o anafórico *da mesma*, optando pelo uso dos SN's. Podemos observar que se substituirmos estes pelo *da mesma*, não teríamos alteração semântica, tendo assim:

a) *da mesma* em lugar de *da organização*:

(25) "...o modelo das cinco forças de Porter para a organização, os recursos e capacidades **da mesma**, cultura,..."

b) *da mesma* em lugar de *desta organização*:

(26) "A organização analisada é a empresa AMH Medicamentos Hospitalares Ltda,...
A escolha **da mesma** se deu pelos seguintes motivos: facilidade para a obtenção de dados, uma vez que um dos integrantes da equipe faz parte da equipe de colaboradores **da mesma** e..."

Poderíamos pensar que um dos fatores que impediria a ocorrência de *da mesma* seria a proximidade com outro elemento anafórico do mesmo tipo. No entanto, nossos dados parecem contrariar essa expectativa, pois como podemos observar no caso de (26) a primeira ocorrência de *da mesma* não impossibilitou a repetição da forma. Encontramos em nossa amostra repetições desse mesmo tipo de anafórico, ou seja, formas de *o(s) mesmo(s)* fazendo retomadas estando próximas uma das outras. Como podemos observar nos exemplos (24) e (27), há ocorrências do mesmo tipo sendo usadas repetidamente:

(27) "Com a finalidade de satisfazer as necessidades do **seu** único cliente, no que diz respeito a produtos e serviços que **a mesma** produz, a organização possui um contrato de exclusividade com a Volkswagen do Brasil.

Pertencendo ao setor secundário, **a mesma** transforma a matéria prima em produtos e o **seu** sucesso é caracterizado pelo fato de que não possui concorrentes no mercado interno,..."

Após o exame inicial das primeiras amostras dos textos, a expectativa era a de que o uso das formas de *o(s) mesmo(s)* seria corrente em todos os textos, o que foi contrariado mais tarde, ao término da coleta dos dados, quando vimos que alguns textos não as apresentavam. Dentre os 50 textos que compõem o corpus, 33 deles apresentaram ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, um total de 114 dados, enquanto que nos outros 17, não houve nenhum emprego dessas formas.

Durante a preparação dos dados a fim de submetê-los à análise do programa estatístico VARBRUL, descrito mais adiante, o número de dados desconsiderados por serem ocorrências categóricas de um mesmo tipo de dados foi grande e duas situações foram consideradas: a primeira, em que realizamos uma rodada dos dados considerando todos os grupos de fatores, porém com um conjunto menor de dados (44 das 114 ocorrências) devido a esses dados descartados; a segunda, em que consideramos somente três (dentre os sete) grupos de fatores: *número da retomada*, *gênero* e *número da forma*, que haviam sido selecionados pelo programa estatístico na rodada anterior como os mais relevantes. Nessa segunda situação, foi considerado um número maior de dados (86 das 114 ocorrências) do que na primeira situação em que foram considerados somente 44 do total de ocorrências. Para os outros quatro grupos de fatores, houve um número muito grande de dados descartados pelo programa.

Mais adiante, trataremos desses e de outros dados que foram excluídos da amostra. Em seguida, apresentamos mais detalhes sobre o programa estatístico usado na análise dos dados e a descrição da escolha dos grupos de fatores que foram levados em conta nessa análise.

4.2 FERRAMENTA UTILIZADA NA ANÁLISE DOS DADOS

A fim de se calcular o efeito combinado de todos os ambientes contextuais na aplicação de uma determinada regra lingüística, têm sido utilizados diferentes tratamentos estatísticos. Na presente pesquisa, para se alcançar o objetivo de buscar quais seriam os contexto lingüísticos condicionadores das formas de *o(s) mesmo(s)*, todos os dados foram codificados de acordo com as exigências do pacote de programas estatísticos VARBRUL — um modelo matemático aplicado à sociolingüística quantitativa — conforme PINTZUK (1988), cuja versão de que nos valemos é a preparada por SCHERRE (1992), *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Esse programa tem sido usado e citado em diversos trabalhos que tratam da análise estatística de dados lingüísticos. O VARBRUL fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente, ou de cada grupo de fatores condicionadores em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um dos fatores codificados sobre o uso de cada uma das variantes. Ele também seleciona

estatisticamente os grupos de fatores por ordem e relevância, estabelecendo, probabilisticamente, os níveis de interatividade dos grupos de fatores.

O cálculo dessas probabilidades se dá em níveis: no primeiro nível – é feito o cálculo da probabilidade de cada grupo de fatores separadamente, quando normalmente o grupo mais significativo para a escolha das variantes é selecionado; no segundo – o grupo significativo selecionado no primeiro nível é cruzado com cada um dos demais grupos para testar a significância de cada um deles, que é selecionado por ordem de relevância até que mais nenhum outro grupo seja selecionado.

Por fim, o programa seleciona quais os grupos de fatores que mais favorecem a aplicação da regra que está sendo testada, apresentando-os ordenados em seqüência decrescente: do grupo de maior importância entre os fatores significativos para o de menor.

O pacote de programas estatísticos VARBRUL, utilizado na análise dos dados deste estudo, é constituído dos seguintes programas:

1. CHECKTOK, READTOK e MAKECELL – que têm a função básica de preparar os dados para que possam ser submetidos ao programa IVARB. O CHECKTOK checa os dados de entrada, gerando uma lista dos dados incorretamente codificados. Ao passar pelo READTOK, como resultado de sua leitura, ele gera uma lista dos dados corrigidos, agrupando-os em um único arquivo esses diversos arquivos corrigidos. O MAKECELL recebe esse arquivo unificado e corrigido e prepara esses dados para serem executados. Segundo SCHERRE (1992), no decorrer desse processo de preparação dos dados, pode haver nocautes, o que significa que há dados que são descartados por serem ocorrências de um mesmo tipo naquele contexto lingüístico não apresentando variação para alguns fatores lingüísticos considerados.
2. IVARB – é o programa de regra variável que realiza a análise probabilística na forma binária. Segundo SCHERRE (1992), para apresentar seus resultados, esse programa realiza cálculos estatísticos que atribuem pesos relativos aos fatores das variáveis independentes correlacionados às duas variantes do fenômeno lingüístico estudado.
3. CROSSTAB – por meio desse programa, o pesquisador tem a possibilidade de fazer o cruzamento das porcentagens atribuídas a dois grupos de fatores. Essa ferramenta tem como função essencial mostrar, de maneira mais clara, as

interferências possíveis entre dois ou mais grupos de fatores. A cada etapa de sua execução, os cruzamentos dos fatores podem ser realizados entre apenas dois grupos.

4.3 AS VARIÁVEIS

As leituras de SILVA (1982) e (1996), MENON (1997) e SOARES (1999) nos despertaram o interesse pelo estudo das formas de possessivos sob o ponto de vista da mudança/variação lingüística. Essas leituras e as discussões ocorridas nas aulas de Variação Lingüística, ministradas pela professora Odete Menon, levaram-nos à busca de quais seriam os fatores ou grupos de fatores que estariam propiciando o uso, aparentemente corrente, de *o(s) mesmo(s)* nos textos universitários com os quais se tinha contato, que mais tarde vieram a constituir nosso *cópus* de escrita.

SILVA (1996), ao analisar um *corpus* de língua oral, considera as variáveis *generalidade* do possuidor, *possuidor [+animado]* ou *[- animado]* e *ambigüidade* da forma *seu* como determinantes para a ampliação do território ocupado por *dele* no lugar que antes era ocupado por *seu*. Isso nos levou à hipótese inicial deste estudo de que a forma *seu* para terceira pessoa, que na fala foi substituída por *dele* (SILVA, 1996), estaria sendo substituída pela forma *do mesmo* na escrita, isto é, nos textos universitários. Para nossa pesquisa, essa seria a forma correspondente à forma *dele* em SILVA (1982), chamada pela autora de forma “desambigüizadora”, ou seja, o *dele* seria a forma usada para desfazer a ambigüidade instaurada pelo uso de *seu* quando havia mais de um referente possível. SOARES (1999) reforça esse ponto de vista ao afirmar que essa forma — *dele* — é utilizada concorrendo com *seu/sua* para desfazer ambigüidade.

E isso nos levou a supor, inicialmente, que essa também seria uma das razões, entre outros fatores lingüísticos, segundo hipótese levantada neste estudo, de os estudantes empregarem *do mesmo* em lugar de *seu/sua* e/ou *dele/dela*. Nos textos dos universitários analisados a ambigüidade se dá quando temos *do mesmo* sendo empregado para fazer a retomada em um contexto lingüístico em que temos mais de um antecedente possível. Nesses casos a ambigüidade estabelecida se dá com relação ao *gênero* e ao *número* do anafórico e de seu antecedente. Considerando que o emprego de

o mesmo analisado são ocorrências em textos escritos formais, em que não há interação com o leitor, a possibilidade da ambigüidade por conta da possibilidade de o referente ser de segunda ou de terceira pessoa não existe. No entanto, pode ocorrer a ambigüidade com relação da terceira pessoa entre formas de *singular* ou de *plural*.

Nesse sentido, ao nos voltarmos de maneira mais atenta para os dados, verificamos que em muitos casos em que ocorria *o(s) mesmo(s)*, havia um único antecedente possível sendo retomado. Assim, pudemos ver que essa forma estava sendo empregada mais para estabelecer relação anafórica, como elemento coesivo, do que para “desambigüizar”, conforme mostra o exemplo (28):

(28) “Analisando as Cinco Forças de Porter em relação a AKSYS DO BRASIL, cabe ressaltar que **a mesma** não possui empresas rivais no mercado em que atua, ...”

Devido ao grande número de exemplos como esses, em que há clareza sobre qual é o elemento retomado, decidimos não incluir a *ambigüidade* entre os grupos de fatores por nós considerados no presente estudo. No entanto, continuamos a considerar que *do mesmo* corresponderia à forma ‘inovadora’ para expressar a “posse” ao fazer a retomada de um nome na escrita, concorrendo com *seu*. Essa inovação se daria no sentido de o emprego de *do mesmo* estar se especializando quanto a determinados contextos lingüísticos.

Nesse sentido, as formas de *do mesmo* estariam sendo empregadas nos textos universitários com a mesma especificidade que a forma *dele* dos estudos de SILVA & SCHERRE (1996) e SOARES (1999). Segundo esses autores, embora o uso de *dele* não tenha sido recomendado pelos autores antigos e se possa perceber atitude desfavorável a esse emprego por parte de escritores mais recentes, está aumentando consideravelmente a frequência da forma *dele*, que é propiciada pelos casos de nomes completamente definidos e específicos.

Apesar desses trabalhos investigarem dados da produção oral, essa situação parece ser semelhante à que se encontra o uso de *do mesmo* na amostra aqui investigada, já que esse anafórico é usado em determinados contextos lingüísticos, ou seja, parece haver contextos lingüísticos propiciadores de seu emprego. Outro ponto que nos parece importante observar em SILVA & SCHERRE (1996) é o fato de haver diferença de frequência de uso de *dele* ao retomar nomes [+animado] em oposição à retomada de

nomes [-animado]. Isso nos leva a supor que também possa haver essa diferença no uso de *do mesmo*.

4.3.1 Dois conjuntos de dados

Após a conclusão da relação de todas as ocorrências de *o mesmo*, um total de 114 dados, podíamos verificar que havia dois tipos de casos de uso desse anafórico:

a) em um deles, ocorria o emprego de *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)* exercendo, na maioria dos casos, a função de sujeito da sentença e fazendo a retomada de um nome anterior, função que, sob o ponto de vista das gramáticas normativas, se esperaria ser ocupada por anáforas constituídas pelos pronomes pessoais *ele(s)* e *ela(s)*.

b) no outro caso, também para estabelecer a relação anafórica, registramos o uso de *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)*, expressando a “posse”, em concorrência com os pronomes *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* e *dela(s)*.

Para uma primeira observação do número de ocorrências de dados de um tipo – *o(s) mesmo(s)* – e de outro – *do(s) mesmo(s)* –, elaboramos listas de ocorrências de acordo com o tipo da forma empregada. Isso nos permitiu verificar que o número de dados desse segundo tipo era muito maior. Relacionando as leituras dos estudos sobre o assunto com o que os textos acadêmicos mostravam, a primeira hipótese a ser levantada foi a de que os estudantes estariam empregando as formas *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)* em posições em que se empregavam *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* e *dela(s)*.

Conforme o exposto anteriormente, na p. 40, com o propósito de estabelecer comparações entre os contextos sintático-semânticos de uso de *o(s) mesmo(s)* e de testarmos essa hipótese, decidimos reunir dois conjuntos de dados:

Primeiro conjunto — composto pelas ocorrências: *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*, além daqueles dados citados na 1.^a Nota, p.2;

Segundo conjunto — constituído das ocorrências de *seu(s)*, *dele(s)*, *sua(s)*, *dela(s)*, *de* + *SN's*.

Devido à organização desses dois conjuntos, realizamos todas as tarefas de registro, codificação e rodadas dos dados sempre em duas etapas. No primeiro momento, foram realizados o registro, a codificação e as rodadas com os dados do primeiro conjunto. Em seguida, cumpriu-se o mesmo processo com o segundo conjunto

de dados. Após realizarmos a relação e a codificação dos dados, preparamos e realizamos as rodadas dos dados já codificados no programa estatístico VARBRUL, conforme exposto anteriormente, na seção 4.2.

A partir deste ponto do trabalho, relatamos, primeiramente, como foram realizadas a coleta, a organização e a análise do grupo de dados com as 114 ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Em segundo momento, apresentamos como foi organizado o segundo conjunto de dados que reúne as demais formas (*seu, dele, do gerente*, etc.), um total de duas mil e oitocentos e noventa ocorrências.

Na organização e preparação de um e de outro grupo de dados, os grupos de fatores selecionados são os mesmos. Na próxima seção, vamos fazer a exposição de como foram determinados esses grupos de fatores e as razões dessa opção, segundo as hipóteses levantadas em nosso estudo.

4.3.2 A determinação dos grupos de fatores

Entre os grupos de fatores considerados nesta pesquisa, somente o *informante* é um fator não lingüístico. Vale salientar que os textos que compõem nosso corpus são resultados de trabalhos realizados coletivamente pelos estudantes, em equipe de três a cinco estudantes. Dessa maneira, não poderíamos considerar aspectos individuais de cada componente do grupo, mas apenas a autoria conjunta dos textos. Assim, não foi possível considerar fatores sociais como a faixa etária ou outro elemento do perfil do informante.

Com exceção desse grupo de fatores — o *informante* — todos os demais grupos de fatores considerados para a nossa análise são lingüísticos. Os grupos de fatores considerados na análise dos dois conjuntos de dados são os mesmos. Quanto ao grupo de fatores *tipos de retomada anafórica*, para ele vamos ter duas variantes: *a retomada anafórica [- posse]*, em que a forma usada não expressa a “posse”; *a retomada anafórica [+ posse]*, em que a forma empregada, além de retomar um antecedente, expressa uma relação de “posse” entre ele e o nome que acompanha.

Quando esse grupo de fatores está sendo aplicado ao primeiro conjunto, os dados vão ser agrupados em: *o(s) mesmo(s) [+ posse]* e *o(s) mesmo(s) [-posse]*. Já quando o grupo de fator *tipos de retomada anafórica* é aplicado ao segundo conjunto de dados,

vamos ter um número maior de variantes [+ posse], que são: SN = do(s) + NOME, SN = desse(s) + NOME, *seu(s)/dele(s)* e *cujo(s)*. Nesse segundo conjunto, as únicas formas [- posse] são *seu(s) / dele(s)*. Isso se deve ao fato de esse segundo conjunto reunir formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorrem, o que inclui os SN's usados para estabelecer relação anafórica expressando a “posse” e as formas *seu(s)/dele(s)* [- posse] e [+ posse]. Essa forma de agrupar os dados para realizarmos a rodada deles no programa estatístico se deve ao número de dados não ser suficiente para se realizar rodadas e análises separadas.

Em seguida, apresentamos como se deu nossa decisão de incluir cada um desses grupos de fatores em nossa pesquisa, conforme eles iam sendo considerados pertinentes à corroboração de nossas hipóteses. O número de ordem de cada grupo foi sendo dado, durante a triagem dos dados, na medida em que se ia observando os fatores relevantes para nossa análise e conforme as exigências do programa estatístico usado.

4.3.2.1 O Grupo 1 – Tipos de retomada anafórica

A leitura dos estudos de SILVA (1982), de SILVA & SCHERRE (1996), de MENON (1997) e de SOARES (1999), permitiu-nos olhar com mais clareza sobre a amostra de que dispúnhamos. Esses trabalhos abordam a evolução com relação ao uso dos possessivos e a questão da variação que parece estar presente no quadro desses pronomes e mostram, a partir da análise de dados atuais do português, que essa variação e/ou mudança continua existindo. Esses autores nos fizeram pensar no uso de *do(s) mesmo(s)* em concorrência com os possessivos de terceira pessoa e com outras formas que também são empregadas para expressar a “posse”.

Ao observar os grupos de fatores lingüísticos considerados em SILVA (1982) e os resultados a que ela chega — que considera que o *dele* está ganhando espaço no português falado concorrendo com o uso de *seu* — pensamos em tentar buscar que fatores lingüísticos estariam favorecendo as ocorrências das formas de *o(s) mesmo(s)* nos textos que constituíram nosso corpus.

Ao nos voltarmos aos dados, verificamos que dispúnhamos de dois tipos de ocorrências: *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)* e *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*. No caso do uso desse segundo tipo, além de estabelecer a relação anafórica, essas formas expressava uma relação de “posse” ou *pertencimento* entre o antecedente retomado e o

nome acompanhado pela forma empregada, conforme o explicitado anteriormente, nas páginas 40, 41.

Ao constataremos essas diferenças entre os dois tipos de ocorrências, consideramos que seria importante a investigação desses dados separadamente – as ocorrências que fazem a retomada de um antecedente sem expressar a posse e as que retomam um antecedente expressando a posse. Isso nos levou a determinar qual seria o primeiro grupo de fatores a ser considerado em nosso estudo, o grupo 1: *tipos de retomada anafórica*.

Como *variantes* desse grupo de fatores, temos os dois tipos de retomadas anafóricas:

1.º – a retomada anafórica que não expressa a posse – quando as formas de *o(s) mesmo(s)* retomam um antecedente, mas não estabelece uma relação de posse;

2.º. – a retomada anafórica que expressa a posse – quando *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* são elementos coesivos que retomam o antecedente expressando a “posse” entre o antecedente e o nome que complementa.

Com o propósito de ilustrar o primeiro tipo de retomada anafórica, apresentamos, em seguida, os exemplos (29) e (30), nos quais as ocorrências de *o(s) mesmo(s)* estão sendo empregadas como itens coesivos, sem expressar a relação de posse. Vejamos:

- (29) “Neste caso a empresa analisada tem um grande poder de negociação com os seus fornecedores. Ela tem uma grande estocagem de produtos onde pode esperar uma baixa nos preços para adquirir **os mesmos**.”

Em (29), a forma **os mesmos** retoma *produtos*, sem que haja uma relação de posse ou pertencimento entre *produtos* e outro nome da sentença. Neste caso o item coesivo complementa o verbo que o antecede imediatamente, ou seja, o anafórico exerce a função de objeto direto deste verbo. Normalmente, nos casos em que há expressão de posse, as formas de *o(s) mesmo(s)* acompanham um nome, contexto sintático em que o anafórico *o(s) mesmo(s)* exerce a função de *complemento nominal* deste nome que o antecede imediatamente.

Encontramos também dados em que as formas de *o(s) mesmo(s)* exercem essa função gramatical de *complemento*, mas não expressam uma relação de *posse* entre o nome que complementa e o SN que é retomado pelo anafórico. Vejamos uma ocorrência

desse tipo, em que, apesar da presença da preposição, a forma não estabelece a relação de posse:

- (30) “A organização analisada é a empresa AMH Medicamentos Hospitalares Ltda, que atua no setor de revenda de medicamentos para hospitais e clínicas especializadas.

A escolha **da mesma** se deu pelos seguintes motivos: facilidade para a obtenção de dados, uma vez que um dos integrantes da equipe faz parte da equipe de colaboradores desta organização e...”

Em (30), não podemos dizer que há relação de *posse* entre o nome que é complementado por *da mesma* e o que é retomado por essa forma. O nome *a escolha* não é possuído ou pertence à *organização*. Assim, ocorrências como essas foram reunidas no conjunto do primeiro tipo de anáfora, *a que não expressa a posse*. Em suma, observamos que nesse conjunto podemos encontrar tanto ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)* como de *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)*, enquanto que, como ocorrências que fazem parte do segundo tipo de anáfora — as formas que são empregadas para expressar uma relação de *posse* — vamos ter somente formas como *do(s) mesmo(s)* em nossos dados, conforme o ilustrado no exemplo (31):

- (31) “De um modo geral, um elo entre as estratégias e a organização, é a diversificação e a incrementação dos processos **da mesma**.”

Nesse exemplo, o (31), a retomada anafórica feita pela forma **da mesma** expressa também a relação de *posse* entre o antecedente *a organização* e o nome acompanhado por ela *os processos*.

Neste momento da observação dos dados, quando separamos as ocorrências de *o(s) mesmo(s)* segundo esse grupo de fatores — *tipos de retomada anafórica* — verificamos que a função sintática exercida pela forma de *o(s) mesmo(s)* empregada estava estreitamente ligada aos dois tipos de retomada anafórica, [-posse] e [+ posse]. Assim, suspeitamos que a função sintática da forma empregada seria um dos fatores linguísticos importante para nossa análise, o que nos fez considerar como o quarto grupo de fatores: a *função sintática da forma usada*, descrito mais adiante.

Nossa hipótese para o grupo de fatores descrito aqui — *tipos de retomada anafórica* — é a de que um dos tipos de retomada estaria propiciando de maneira mais significativa o emprego do anafórico investigado e o outro favoreceria menos esse uso. Esperávamos que as retomadas do segundo tipo — a que expressa uma relação de posse

— seriam as que estariam favorecendo um maior número de ocorrências, nesse caso, de *do(s) mesmo(s)*, *da(s) mesma(s)*.

Acreditamos que essas formas estariam ganhando espaço na língua escrita como elemento usado para fazer a retomada, expressando uma relação de “posse” entre os itens conectados. Nesse sentido, elas estariam concorrendo diretamente com os pronomes possessivos de terceira pessoa: *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* e *dela(s)*. Levantamos essa hipótese a partir de nossas primeiras observações dos dados, com as quais pudemos verificar que as ocorrências de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* se apresentavam em número bem maior que as formas *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)*.

Nessas observações, verificamos também que havia um número significativo de ocorrências que possuíam um antecedente [+animado]. Isso nos chamou a atenção, pois em exemplos mais conhecidos do uso de *o(s) mesmo(s)* — placas colocadas junto a toalhas de banheiro, placas de elevador e textos jurídicos, como os apresentados na primeira parte deste trabalho —, normalmente, *o(s) mesmo(s)* é empregado para fazer a retomada de um nome [-animado]. Essa observação nos fez selecionar o segundo grupo de fatores a ser considerado na análise de nossos dados, descrito na próxima seção.

4.3.2.2 O Grupo 2 – Tipo de antecedente

O fato de o antecedente retomado ser animado ou não-animado já havia sido considerado em outras pesquisas sobre o pronome possessivo, demonstrando ser bastante significativo nos resultados. Conforme a pesquisa de SILVA & SCHERRE (1996), a forma ‘inovadora’ *dele*, que concorria com *seu* no português falado do Rio de Janeiro, era motivada pela variante antecedente [+animado]. Essa conclusão da autora nos levou a pensar na possibilidade de esse fator lingüístico, o *tipo de antecedente*, também estar favorecendo um número maior de ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Em nossa amostra, as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* são mais frequentes do que as demais formas: *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)*.

Com isso, fomos levados a pensar que, no caso de nosso estudo, as formas de *do(s) mesmo(s)* estariam correspondendo à ‘forma inovadora’ *dele* em SILVA & SCHERRE (1996), e, portanto, poderiam estar sendo usadas em novos contextos lingüísticos, como para retomar antecedentes [+animado]. Em nossa amostra, o uso do

anafórico investigado neste estudo poderia também estar sendo propiciado por uma das variantes: antecedente [+animado] ou [-animado].

Conforme já verificamos, *o mesmo* é comumente usado para retomar um antecedente [-animado], o que foi ilustrado pelos exemplos (15), (17) e (18), na página 32. No entanto, durante a coleta dos dados, registramos um número importante de ocorrências que retomavam um antecedente [+animado], o que nos levou a incluir o segundo grupo de fatores lingüísticos, o *tipo de antecedente*.

Observemos os exemplos que são apresentados, em seguida:

- (32) “De acordo FAUZE N. MATTAR, a empresa deve conhecer o perfil de seus clientes, saber o que mais gosta, o produto preferível, e de preferência ter um cadastros **dos mesmos**, com dia de aniversário para enviar mala direta com ofertas e parabenizando pela data especial.”
- (33) “AUTORIDADE RACINAL-LEGAL: É a autoridade investida no cargo que o indivíduo ocupa, só tendo essa autoridade enquanto **o mesmo** ocupa esse cargo.”
- (34) “Semestralmente existem avaliações de desempenho, que tem por objetivo principal, verificar os resultados obtidos pelo colaborador no período, se **o mesmo** agregou ou não valores para a empresa.”

Dessa maneira, ao decidirmos incluir esse segundo grupo de fatores, o *tipo de antecedente* que é retomado pelo elemento anafórico *o mesmo*, consideramos como parte dele as duas variantes:

- 1.^a *antecedente [+animado]* – quando as formas de *o mesmo* estão sendo usadas para retomar um antecedente [+animado];
- 2.^a *antecedente [-animado]* – quando essas ocorrências retomam um antecedente [+animado].

Podemos observar ocorrências do primeiro tipo, quando há a retomada de um antecedente *animado*, nos exemplos (32), (33) e (34) mostrados acima. Conforme relatamos, verificamos que os estudantes vêm empregando *o mesmo* em suas redações para fazer a retomada desse tipo de antecedente.

Quanto às retomadas de um antecedente [-animado] feitas pelo anafórico, esperávamos que elas estariam favorecendo um maior número de ocorrências. Em seguida, ilustramos as ocorrências que fazem retomadas desse segundo tipo:

- (35) “Os produtos possuem custos altos devidos a sua matéria-prima e a elaboração **dos mesmos** serem de origem escassos e serem medicamentos de perigo Citotóxico.”
- (36) “Com a criação dos códigos das peças, pode-se usar blocos de requisição de materiais, o que além de formalizar, agiliza o processo de entrega, facilita o controle de saída **das mesmas**, criando um sistema de baixa de estoque.”

Nesse exemplo (35), o elemento coesivo *dos mesmos* faz a retomada de *os produtos*, que é antecedente [-animado]. Vemos que esse antecedente já foi retomado por um pronome possessivo de terceira pessoa. Assim, podemos dizer que *dos mesmos* está concorrendo com o pronome possessivo *seu* ou *dele*.

Quanto à hipótese relacionada a esse grupo, o *tipo do antecedente* que é retomado, supomos que o emprego de *o(s) mesmo(s)* para fazer a retomada anafórica de um antecedente [+ animado] seja o uso inovador que vem sendo constatado na escrita dos textos acadêmicos analisados. Como já comentamos anteriormente, já é tido como corriqueiro o uso de *o(s) mesmo(s)* retomando nome [-animado] em determinados tipos de textos (jurídicos, placas). Esperamos, na análise de nossa amostra, poder demonstrar em que estado se encontra essa inovação na utilização de *o(s) mesmo(s)* e se há algum fator lingüístico que esteja propiciando esse uso.

Como podemos constatar em (35), na mesma sentença o sintagma *os produtos* é retomado duas vezes: a primeira pelo pronome possessivo *sua* e a segunda pela forma *dos mesmos*. Essa observação e a comparação deste com outros exemplos que constituem nosso corpus nos levaram à escolha de um terceiro grupo de fatores para ser considerado em nossa análise, o qual descrevemos nesta próxima seção.

4.3.2.3 O Grupo 3 – Número de retomada do mesmo antecedente

Durante a coleta e codificação dos dados de nossa amostra, chamava-nos a atenção o seguinte fato: quando o mesmo antecedente estava sendo retomado mais de uma vez, o elemento coesivo que fazia a primeira retomada desse antecedente parecia ser, normalmente, um pronome possessivo — *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)* ou *dela(s)*. Supomos também que, normalmente, as formas de *o(s) mesmo(s)* pareciam estar sendo usadas para retomar o mesmo antecedente pela segunda ou terceira vez que se fazia essa retomada. Decidimos, então, que seria importante investigar se essa observação inicial se confirmaria ou não. Com isso, teríamos mais elementos lingüísticos — o número de

vezes que se retoma o mesmo antecedente — que poderiam contribuir para a determinação do contexto lingüístico motivador do emprego de *o(s) mesmo(s)*.

Isso nos levou a incluir mais uma variável para nossa análise, o terceiro grupo de fatores: *o número de retomada do mesmo antecedente*. Passamos a considerar a posição em que as ocorrências de *o(s) mesmo(s)* estavam sendo empregadas, ou seja, se estavam sendo usadas para fazer a 1.^a, a 2.^a ou a 3.^a retomada do mesmo antecedente. Em nossa amostra encontramos dados de *o(s) mesmo(s)* que eram empregados para retomar até pela 10.^a vez um mesmo antecedente. Em seguida, em (37), apresentamos um exemplo desse tipo de ocorrência.

- (37) “Basicamente o processo produtivo consiste em: Recepção e Armazenagem da Soja – A soja 1.^a é recebida a granel em caminhões, via rodoviária e descarregada por um tombador hidráulico, em moenda apropriada, de onde ela 2.^a é transportada de maneira adequada, para um silo-pulmão. Após descarga do silo-pulmão o produto recebido 3.^a sofre operação de pré-limpeza para retirada de objetos estranhos, folhas, talos, vagens e poeira. Desta forma os grãos 4.^a seguem transportados para secadores onde é feita uma redução de umidade para que o produto 5.^a possa ser armazenado sem prejuízo de sua 6.^a qualidade. Após seca, a soja 7.^a vai para os silos graneleiros. A soja 8.^a é transportada dos graneleiros para o processo de preparação, onde **a mesma** 9.^a sofre as seguintes operações unitárias: ...”

Quando afirmamos que *o(s) mesmo(s)* está fazendo a retomada de um mesmo antecedente, estamos assumindo noção de KOCH & MARCUSCHI (1998), para quem retomar implica continuidade de um núcleo referencial, numa relação de identidade ou não. No caso de nossos dados, sempre há essa relação de identidade, pois eles estabelecem relações anafóricas correferenciais.

Para a codificação dos dados segundo esse grupo de fatores, consideramos a posição ocupada pela forma de *o(s) mesmo(s)* em um fragmento de texto em que o mesmo antecedente era retomado mais de uma vez. Interessava-nos registrar se essa forma estava sendo usada para fazer a primeira retomada do antecedente, a segunda retomada, a terceira e assim por diante.

Como exemplo da ocorrência de *o(s) mesmo(s)* sendo utilizado para fazer a 1.^a retomada do sintagma nominal, temos:

- (38) “Ao estudar e analisar a organização Meu Pé Calçados, observou-se que **a mesma** possui uma cultura organizacional previamente e claramente definida.”

Em uma observação inicial, 60% das ocorrências que fazem a primeira retomada são do tipo de (38), são formas de *o(s) mesmo(s)* que ocupam a posição de sujeito, estabelecendo a retomada anafórica sem expressar a posse.

Com a finalidade de ilustrar a 2.^a retomada de um mesmo antecedente por uma das formas de *o(s) mesmo(s)*, apresentamos:

- (39) “Uma vez que, a Audi instalou-se no Brasil, esta solicitou a AKSYS da Alemanha, que ingressasse como uma unidade parceira, com o intuito de atender às necessidades imediatas **da mesma** e da Volkswagen no Brasil.”

Nesse exemplo, o sintagma nominal *a Audi* é retomado primeiramente por *esta*, pronome demonstrativo que exerce a função de sujeito, lugar em que poderia ser encontrado o pronome sujeito *ela* ou mesmo uma *elipse*. Como recurso coesivo que realiza a segunda retomada do sintagma nominal, temos o item *da mesma*. Nessa parte da sentença, conforme o que preconiza a gramática normativa, era de se esperar o uso de um possessivo para fazer a retomada, teríamos então: “*atender as suas necessidades imediatas e...*”

Exemplificamos a 3.^a retomada do mesmo antecedente pelo elemento coesivo com:

- (40) “A empresa optou por destacar-se neste setor garantindo aos seus clientes uma rápida entrega e fácil pagamento, tornando isto o seu diferencial em relação aos demais concorrentes, pois **a mesma** não pode utilizar uma estratégia de enfoque por ser difícil conseguir exclusividade...”

Ao compararmos as ocorrências ilustradas por esses exemplos, observamos que o número de ocorrências desse último tipo — quando *o(s) mesmo(s)* faz a terceira retomada do mesmo antecedente — parece ser bem maior que o número de ocorrências do primeiro tipo — quando esse item coesivo faz a primeira retomada do antecedente. Essa percepção inicial nos levou a levantar a hipótese de que as formas de *o(s) mesmo(s)* estariam sendo mais empregadas para fazer uma terceira ou quarta retomada do mesmo antecedente do que para fazer a primeira ou segunda retomada. Assim, a posição de uso do elemento coesivo empregado, ou seja, se ele está em posição de primeira retomada ou de terceira, estaria propiciando uma maior ocorrência de *o(s) mesmo(s)* no papel desse elemento coesivo. Supomos que, quanto mais distante do antecedente fosse essa

posição ocupada pelo item coesivo ao fazer a retomada, maiores seriam as chances de aparecer o emprego de *o(s) mesmo(s)* para estabelecer a relação anafórica.

Esperávamos que, se não houvesse essa relação direta entre essa posição e o emprego de *o(s) mesmo(s)*, talvez esse fator, *o número de retomada do mesmo antecedente*, estaria ligado diretamente ao tipo de retomada anafórica estabelecida – expressando a relação de “posse” ou não. Essas observações nos fizeram acreditar que, após esgotar possibilidades de uso de outros elementos coesivos, os estudantes estariam empregando esses anafóricos em seus textos para fazer as retomadas de antecedentes.

4.3.2.4 O Grupo 4 – Função sintática da forma usada

Como mencionado anteriormente, já em uma observação inicial da amostra, durante a triagem e seleção dos dados, pareceu-nos significativa a *função sintática* ocupada pelo *o(s) mesmo(s)*. Observamos que, pela própria exigência do contexto sintático, quando ocorria a forma *o mesmo*, normalmente, ela exercia a função de *sujeito*, enquanto que a forma *do mesmo*, na grande maioria das ocorrências, exercia a função de *complemento nominal*. Isso nos levou a incluir entre as variáveis mais esse quarto grupo de fatores – *funções sintáticas exercidas pela forma de o(s) mesmo(s) empregada*.

As funções sintáticas encontradas nos dados relacionados foram: *sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adverbial e adnominal*. Dentre essas funções sintáticas, verificamos que as funções de *sujeito* e de *complemento nominal* seriam as mais significativas para a análise. Além disso, as demais funções sintáticas apresentaram um número baixíssimo de ocorrências, o que impossibilita sua rodada pelo programa, pois quando há um número pequeno de dados, não há variação, situação para a qual o programa apresenta nocaute. Portanto, fomos levados a descartar todas as ocorrências que exerciam outra função que não a de *sujeito* ou *complemento nominal*.

Em uma primeira rodada para teste dos dados, usamos como fator de aplicação o grupo *tipos de retomada anafórica* — [- posse] e [+ posse]. Nesse momento, apesar de o número de casos de *o(s) mesmo(s)* exercendo a função de *sujeito* ter sido considerável na amostra, as 44 ocorrências desse anafórico apresentaram nocaute, pois todas eram de um único tipo: retomada anafórica [- posse], em que a forma usada não expressa uma

ligação de “posse” entre antecedente e o nome que acompanha. Mais adiante trataremos desses casos da função sujeito e dos dados retirados da amostra.

Dando sequência à exposição, exemplificamos cada uma das variantes desse grupo *função sintática da forma usada*, iniciando pelo tipo de ocorrência mais freqüente na amostra. O maior número de ocorrências foi de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* exercendo a função de **complemento nominal**: 49 dados dos 111 considerados. A seguir, em (41), exemplificamos esse emprego:

- (41) “CRESCIMENTO – Para que uma organização obtenha um crescimento é necessário que se aumente o número de funções dentro **da mesma**, e com isso, vai surgir à necessidade de contratar novos funcionários e uma maior negociação no mercado.”

Em segundo lugar, quanto ao número de ocorrências, com 44 ocorrências entre os 111 dados, tivemos *o mesmo* na função de **sujeito**¹⁴ da sentença, conforme o ilustrado em (42):

- (42) “A empresa optou por destacar-se neste setor garantindo aos seus clientes uma rápida entrega e fácil pagamento, tornando isto o seu diferencial em relação aos demais concorrentes, pois **a mesma** não pode utilizar uma estratégia de enfoque por ser difícil conseguir exclusividade...”

Tivemos, também, seis ocorrências desempenhando o papel de **Objeto Indireto**¹⁵, como no seguinte exemplo:

- (43) “Os conflitos decisórios como roubo e brigas são resolvidos pelos gerentes, já os conflitos entre funcionários, o consenso depende somente **dos mesmos**.”

Apresentamos, nos exemplos (44) (45) (46) e (47), os casos de *o mesmo* exercendo a função de **adjunto adverbial**:

- (44) “A Organização escolhida para aplicarmos os conceitos foi a COHAB-CT (Companhia de Habitação de Curitiba), por ser uma empresa pública e de fácil acesso, sendo que um dos integrantes do nosso grupo trabalhou **na mesma** por um bom tempo, facilitando o desenvolvimento do trabalho.”

¹⁴ Os dados como o(s) mesmo(s) exercendo a função de sujeito são listados em anexo III.

¹⁵ Essas ocorrências são apresentadas no anexo IV.

- (45) “Realizaremos um inventário, permitindo que este nos auxilie na redução do estoque, permanecendo **no mesmo**, apenas as peças que realmente são necessárias no seu dia –a-dia, em número menor possível.”
- (46) “A compreensão de uma organização fundamentada politicamente deve ser entendida como uma maneira de mensurar os conflitos existentes **na mesma** e as várias formas de manifestação de poder consolidadas entre os grupos de interesses que a compõem. Esta interligação deve ser utilizada como meio de atingir...” **Informante f.**
- (47) “As organizações, como os governos, sempre empregam algum tipo de sistema de regulamentos, como meio de criar a ordem entre seus membros. A análise política de uma organização pode dar uma valiosa contribuição como uma maneira de mensurar os conflitos existentes **na mesma** e as várias formas de manifestação de poder consolidadas entre os grupos de interesses que a compõem.” **Informante g.**

Em (48), (49) e (50), relacionamos os três casos em que a forma exerce a função de *objeto direto*:

- (48) “Quando houver mais de um indivíduo envolvido, as decisões dos outros devem ser incluídas entre as diversas condições que cada um deles deve considerar ao tomar **as mesmas**.”
- (49) “Neste caso a empresa analisada tem um grande poder de negociação com *os seus* fornecedores. *Ela* tem uma grande estocagem de produtos onde pode esperar uma baixa nos preços para adquirir **os mesmos**.”
- (50) “Contudo estes medicamentos tem um certo limite de preço, onde há uma tabela que regulariza os preços, não podendo ultrapassar **o mesmo**. Esta tabela é controlada pelo Ministério da Saúde.”

Em seguida, com (51), (52) e (53), listamos as ocorrências das formas de *o(s) mesmo(s)* exercendo o papel de *agente da passiva*:

- (51) “A Sodexho Pass considera muito a visão que os clientes tem seus valores e ideais. E dessa forma procura trabalhar cada um para ajudar na transformação da vida do cidadão sabendo que isso pode trazer muitos benefícios aos trabalhadores. (...) Nesse caso temos o trabalho conjunto entre a Sodexho Pass e a Estação Especial da Lapa, onde a empresa busca a qualidade de vida das pessoas atendida **pela mesma**.”
- (52) “... é necessário especificar o problema, formular alternativas, analisa-las e escolher o melhor curso de ação que exige a avaliação crítica dos pontos fortes e fracos de cada uma delas e ainda isso não quer dizer que a alternativa escolhida seja a melhor e que possibilite o administrador saber todas as conseqüências que virão no decorrer da ação colocada em prática, mas a auto análise dos pontos das opções permite que ele tenha uma prévia do que pode ou vai acontecer, lembrando que faz parte das funções do administrador se adaptar com as

mudanças e situações inesperadas surgidas de decisões tomadas **pelo mesmo** ou sua equipe.”

- (53) “De um modo geral, o poder é exercido pelo presidente da organização que fica na matriz, e nas filiais o poder se exerce pelo gerente, onde os diretores aceitam a ordens acatadas **pelos mesmos**. A força simbólica é utilizada para pressionar o funcionário quando não há uma eficiência aceitável, onde o gerente adverte verbalmente.”

Desde o início do registro dos dados, esperávamos que pelo menos uma função sintática seria determinante para o tipo de forma empregada. Uma delas seria *o sujeito*, pois o número de ocorrências do anafórico *o mesmo* sendo empregado com essa função parecia ser grande. Parecia também não haver dados que mostrassem o emprego desse anafórico exercendo outra função sintática que a de sujeito; ou a de complemento nominal. No entanto, foram encontrados, em menor número de ocorrências, dados de *o mesmo* em funções como as de *objeto direto* e, ainda – quando acompanhado de preposição – desempenhando o papel de *objeto indireto*, *agente da passiva* e *adjunto adnominal*.

Assim, a primeira hipótese que levantamos para esse grupo de fatores é a de que a função de *sujeito* estaria propiciando uma maior frequência de *o mesmo*, enquanto que a função de *complemento nominal*, que seria também um favorecedor do anafórico, levaria a um menor número de ocorrências do anafórico.

Uma segunda hipótese, com relação à função sintática exercida pelo elemento coesivo, é a de que a função de *complemento nominal* obrigatoriamente condicionaria ocorrências das formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*, que seriam usadas para estabelecer uma retomada anafórica do segundo tipo – a que expressa a “posse”. Conforme o ilustrado pelo exemplo (30), na seção 4.3.2.1, há ocorrências de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* estabelecendo a retomada anafórica do primeiro tipo – a que não expressa a posse.

4.3.2.5 O Grupo 5 – Informante

Conforme já exposto, não consideramos nenhum outro grupo de fatores extralingüísticos para a nossa análise além do *informante*. Lembramos que, pelo fato de os trabalhos terem sido realizados coletivamente, não consideramos aspectos individuais do informante como idade, sexo ou classe social.

Para codificarmos os informantes usamos as letras do alfabeto, iniciando pelo alfabeto maiúsculo e usando, ainda, as primeiras letras do alfabeto minúsculo. Assim, os 33 informantes foram codificados nesta ordem: A; B; C; D; E; F; G; H; I; J; K; L; M; N; O; P; Q; R; S; T; U; V; X; Y; W; Z; a; b; c; d; e; f; g.

Os informantes Z, b e d foram descartados por apresentarem uma única ocorrência, o que não permitiu verificar a variação. Em suma, para esse grupo de fatores acabamos trabalhando com trinta variantes, número correspondente ao de informantes considerados nas rodadas.

Ao considerarmos esse grupo, nossa hipótese era a de que alguns textos, por questões de estilo, apresentariam um maior emprego de *o(s) mesmo(s)*. Com isso, esses textos nos mostrariam elementos que pudessem investigar os fatores favorecedores do emprego desse anafórico.

4.3.2.6 O Grupo 6 – gênero da forma usada

Outro aspecto que também chamou a atenção, inicialmente, foi o *gênero* das formas empregadas: o anafórico na forma de *masculino* e de *feminino*. Esses fatores pareciam estar favorecendo uma maior ou menor percentagem de ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Essa primeira observação fez com que incluíssemos mais esse grupo de fatores: o grupo 6 - *gênero da forma de o(s) mesmo(s)* empregada. Com isso, para esse grupo vamos ter as variantes:

1ª. – masculino;

2ª. – feminino.

A fim de exemplificarmos o uso das formas em masculino, expomos:

- (54) “Quando um país vende mais do que compra, o saldo da conta corrente é positivo. O resto do mundo deve tomar empréstimos desse país para pagar a diferença. O que o resto do mundo deve a esse país, portanto, aumenta, e o capital flui para fora **do mesmo**.”

É evidente que em (54), *do mesmo* é uma forma de masculino porque retoma um nome masculino e nesse tipo de relação anafórica o item coesivo concorda com seu antecedente.

Com (55) ilustramos as ocorrências de formas em feminino:

- (55) “Da implantação do sucesso de uma estratégia organizacional, o que podemos avaliar é a funcionalidade de cada estratégia, visando um melhor resultado final para a organização. Tudo se baseia devido à estrutura de cada organização e as diretrizes **das mesmas.**”

Durante a triagem dos dados, relacionamos as ocorrências encontradas em listas: uma para cada tipo: *o mesmo, a mesma, os mesmos, as mesmas, do mesmo, da mesma etc.* Comparando as listas das ocorrências das formas de *o mesmo* no singular, percebemos que, tanto para as ocorrências sem preposição como para as ocorrências preposicionadas, havia uma maior percentagem de formas femininas que masculinas.

A partir dessa primeira observação, passamos a supor que o *gênero da forma* usada propiciaria uma maior ocorrência de *o mesmo*. Com isso, nossa principal hipótese para esse grupo de fatores seria a de que o fator *feminino* estaria favorecendo uma maior ocorrência do anafórico quando ele retomava nomes no singular e que o fator *masculino* estaria propiciando uma maior percentagem de ocorrências desses anafóricos quando fosse feita a retomada de um nome em plural.

Se essa hipótese fosse confirmada, poderíamos ter, por um lado, mais ocorrências de *a mesma* e *da mesma* e, por outro, iríamos encontrar uma maior porcentagem de *os mesmos* e *dos mesmos*.

4.3.2.7 O Grupo 7 – número da forma usada

Como foi relatado na seção anterior, realizamos uma lista dos tipos de ocorrências que íamos encontrando. Nesse momento os fatores *gênero* e *número* das formas empregadas pareciam ser significativos. Assim, decidimos incluir esse sétimo e último grupo – *número da forma usada* –, acrescentando, com isso, mais duas variantes ao conjunto de fatores a serem testados em nossa amostra:

- 1.º o singular;
- 2.º o plural.

Em (56) ilustramos as ocorrências de formas no singular.

- (56) “De um modo geral, um elo entre as estratégias e a organização, é a diversificação e a incrementação dos processos **da mesma.**”

No caso de (56), o elemento coesivo empregado, *da mesma*, retoma um antecedente, *a organização*, também em feminino devido à exigência de concordância. Como já comentamos, esse tipo de dado – quando o item coesivo retoma um antecedente feminino no singular – parecia ser bastante corrente em nossa amostra.

Já as formas mais comuns em plural são as do seguinte tipo:

- (57) “Como o homem depende dos símbolos, as organizações também dependem **dos mesmos**. È por meio de símbolos em forma de palavras que analisamos situações, ...”

Conforme já foi exposto, no momento inicial da triagem dos dados, observamos que parecia haver um número maior de ocorrências das formas de *o mesmo* no *singular* quando elas não estavam acompanhadas de preposição, por exemplo: *o mesmo* e *a mesma*. Observamos, também, que o contrário parecia acontecer com as ocorrências das formas em *plural*, quando o número de *dos mesmos* – forma com preposição – era consideravelmente maior que outras formas. Essas verificações nos levaram a propor as seguintes hipóteses para esse grupo de fatores:

1.^a os contextos lingüísticos em que se faz a retomada anafórica sem expressar posse estariam favorecendo um maior número de formas no singular, como *o mesmo*;

2.^a já as formas em *plural* estariam sendo favorecidas pelas situações em que se faz a retomada estabelecendo a relação de “posse”; portanto, esse contexto seria um dos fatores que estaria propiciando um maior número de *dos mesmos*, concorrendo com *seus/dele(s)*.

Essas observações nos levaram a esperar, também, que a forma *dos mesmos*, além de estar tomando o território que antes pertencia somente a *seus*¹⁶ na escrita, seria a que ocorre com mais frequência com relação às demais formas de *o(s) mesmo(s)*. Com isso, se realmente houver um maior peso para as ocorrências de *dos mesmos* com relação às demais formas, esperamos que os contextos lingüísticos em que se exige o *plural* atuando em conjunto com a variante *retomada anafórica que estabelece a relação de posse* esteja determinando uma expansão no uso dessa forma em concorrência com o pronome *seu(s)/dele(s)*.

¹⁶ Lembramos que tratamos dessa concorrência direta entre *dos mesmos* e *seus*, sem mencionar as formas *dele(s)*, *dela(s)*, porque consideramos que o uso de *dos mesmos* nas redações acadêmicas analisadas estaria exercendo o mesmo papel de *dele*, que é a forma inovadora para SILVA (1996), nos dados da fala do Rio de Janeiro analisados pela autora.

Nossa expectativa é a de que o resultado do teste das variantes desses dois últimos grupos de fatores — *gênero* e *número* da forma empregada —, na análise de nossa amostra, seja essencial para a satisfação de nossos principais objetivos: verificar quais seriam as situações/contextos de uso dessas formas e descrever quais fatores estariam propiciando a escolha do emprego de *o(s) mesmo(s)* para fazer retomadas anafóricas.

4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conjunto das influências exercidas por vários grupos de fatores lingüísticos é analisado a fim de possibilitar a descrição da distribuição das ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, *a(s) mesma(s)*, *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* nos textos dos calouros universitários, o que é necessário para o teste das várias hipóteses levantadas. Para isso, levamos em conta os sete grupos de fatores (GF's), descritos na seção anterior, que poderiam estar favorecendo essas ocorrências:

GF 1 – *tipo de retomada anafórica*: a que não expressa a posse [-posse] e a que expressa a posse [+posse];

GF 2 – *tipo de antecedente* retomado: [+ animado] e [- animado];

GF3 – *número de retomada*: (o número de vezes que se retoma o mesmo antecedente – 1.^a, 2.^a, 3.^a vez etc.);

GF4 - *função sintática* exercida pela forma usada: sujeito, objeto direto e indireto etc.;

GF5 – *o informante*;

GF6 - *o gênero da forma usada* para fazer a retomada: masculino e feminino;

GF7 - *o número da forma usada* para fazer a retomada: singular e plural.

No primeiro passo da organização dos dados, levantamos todas as ocorrências dos dois conjuntos de dados (o 1.º — ocorrências de *o(s) mesmo(s)* e o 2.º — as formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorre: *seu(s)*, *dele(s)*, *do(s) cliente(s)*) que apareciam nas redações acadêmicas analisadas. Como não dispúnhamos desses textos gravados em disquetes ou Cd's, realizamos a digitação dos fragmentos onde aparecia cada um dos dados, sem fazer nenhum tipo de correção. Em seguida, efetuamos a codificação de cada um dos dados, sendo registrados e codificados 114 dados desse 1.º conjunto da

amostra, dos quais 3 foram descartados de início, já que eram ocorrências únicas em seus informantes.

Em uma segunda etapa, repetimos esse mesmo processo – seleção, registro e codificação – na preparação do 2.º Conjunto de dados (*seu(s) / dele(s), do diretor etc.*). Na composição desse conjunto de dados, registramos 2.895 ocorrências dessas outras formas de expressão de posse, das quais foram consideradas 2.830 no momento da rodada dos dados no programa. As descartadas eram casos de ocorrências isoladas.

Após codificar as ocorrências de *o(s) mesmo(s), a(s) mesma(s), do(s) mesmo(s) e da(s) mesma(s)*, segundo os fatores lingüísticos listados acima, realizamos as rodadas utilizando o programa estatístico VARBRUL (Cedergren & Sankoff, 1974 e Pintzuk, 1988 *apud* Tamanine, 2002)¹⁷, o qual fornece a frequência e o peso relativo de cada uma das variantes de cada grupo de fatores em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada tipo de ocorrência.

Realizamos as primeiras rodadas de *o mesmo* considerando como variável dependente o GF1, *tipo de retomada anafórica*: [- posse] e [+ posse]. No entanto, durante a preparação dos dados pelo programa estatístico, verificamos que o programa indicava nocaute para um grande número de dados. Quanto à *função sintática*, por exemplo, somente a função de *complemento nominal* apresentaria variação. As demais funções sintáticas eram todas de um único *tipo de retomada anafórica*: a que não expressa a posse, [- posse].

Com a constatação dessa dificuldade de observação da variação, sentimos a necessidade de testar outro grupo de fatores como a variável dependente. Observamos também que o GF2, *tipo de antecedente*: [+ animado] e [-animado], era o único grupo de fatores para o qual o programa não apontava nocaute para nenhum dos dados. Com isso, a fim de possibilitar o uso do programa estatístico e na tentativa de trabalhar com o maior número possível de dados, tomamos esse grupo de fatores como a variável dependente, o que foi mantido para todas as rodadas realizadas com os dois conjuntos de dados.

Constatamos também um problema durante a preparação do 2.º conjunto de dados para as rodadas. Em razão de haver um grande número de variáveis para serem testadas, não seria possível realizarmos as rodadas considerando todos os dados e todas

¹⁷ Além de TAMANINE (2002), TAVARES (2003), ao apresentar os resultados de sua tese, faz uma exposição detalhada sobre o funcionamento do VARBRUL.

as variáveis ao mesmo tempo, pois o número de combinações ultrapassava o limite de combinações possíveis no MAKECELL 3000. Para solucionarmos esse problema, subdividimos esse conjunto em dois grupos de dados: os dados dos informantes de **A** até **U**; os dados de **V** até **g**.

4.4.1 Dados retirados da amostra¹⁸

Na primeira etapa de preparação dos dados para executar as rodadas, quando decidimos tomar o GF 1 - *tipos de retomada* como o fator de aplicação da regra variável dependente, verificamos que o programa apontava um número muito grande de nocautes. Já na primeira etapa de preparação inicial dos dados, descartamos os informantes **Z**, **b** e **d** por se tratar de ocorrências categóricas, casos de dado único, para os quais o programa apontaria nocautes. As ocorrências do anafórico nesses informantes que foram descartadas da amostra são as seguintes¹⁹:

Informante Z: “A identidade da organização, diferente do conceito que se tem **da mesma**, como dito anteriormente, é definida por *sua* cultura organizacional, responsável por dar eixo necessário a união dos membros desta sociedade em torno de objetivos, ações e comportamentos.”

Informante b: “Para efeito, esta tendência de alta do dólar torna mais caros os produtos cuja venda é feita nas Lojas Riachuelo S/A. Outro fato colabora à afirmação é a queda dos preços do comércio varejista. Informações **das mesmas** publicadas, em anexo, apontam para a redução nos preços que indica redução de demanda, implicando comércio na redução do faturamento como aponta o e-comércio.”

Obs.: As informações publicadas e anexadas, no final do texto, pelo informante são sobre a queda dos preços e não sobre as lojas.

Informante d: “COORDENADORIA DE VIGILÂNCIA À SAÚDE – Compete elaborar normas de estudos, de pesquisa e de programas de saneamento do meio; vigilância e exercício profissional; elaborar, executar, controlar e avaliar programas de educação referentes às atividades de saneamento, de... Planejar e coordenar as atividades relacionadas às epidemiologias dos agravos à saúde, definindo as medidas do controle **dos mesmos**; além de assessorar o Secretário de Saúde em assuntos de sua área específica.”

Descartamos da amostra também, para o GF 3 – *número da retomada* –, os dados que apareciam fazendo retomadas em posições muito distantes do antecedente retomado, como as ocorrências que retomavam pela 8^{a.}, 9^{a.} e 10^{a.} vez um mesmo

¹⁸ Esses dados retirados da amostra se encontram nos anexos I e II.

¹⁹ Essas ocorrências estão também relacionadas no anexo I.

anterior. Isso se deu pelo mesmo motivo de não termos considerado os dados dos informantes **Z**, **b** e **d**, relatados anteriormente, ou seja, o número desse tipo de dado, fazendo a 8ª, 9ª e 10ª. retomadas, foi muito pequeno ou também casos de ocorrências categóricas. Essas ocorrências estão relacionadas no anexo II.

Para o GF 4 – *função sintática da forma empregada* –, durante a preparação dos dados, o programa indicou nocaute para 44 casos na função de *sujeito*, 6 na de *objeto indireto*, 4 *objetos diretos*, 4 *adjuntos adverbiais* e 3 *agentes da passiva*. (ver anexo III). Foram apresentados nocautes para essas funções sintáticas em razão de não haver variação com relação à variável dependente, que, neste primeiro momento, era o GF 1 – *Tipo de retomada anafórica* (± posse). Conforme o já exposto, a não variação resulta na impossibilidade do uso do programa VARBRUL.

No final dessa primeira análise, observamos que se as rodadas fossem executadas considerando o GF1 (*tipo de retomada anafórica*) como a variável dependente ocorreria um grande número de eliminação dos dados: 65 dados descartados dos 114 coletados. Todos esses dados eram ocorrências que estabeleciam relação anafórica [-posse]. Essa constatação nos fez observar o problema de se tomar esse grupo de fator para ser a variável dependente, já que assim trabalharíamos com um número pequeno de dados.

Isso nos levou a testar o GF 2, *tipo de antecedente*, como a variável dependente, conforme o já exposto anteriormente. Assim, teríamos menos dados descartados pelo programa, já que haveria variação das ocorrências entre as variantes: antecedente [+animado] e [-animado], o que nos permitiu trabalhar com mais dados. Levando em conta o programa VARBRUL usado na análise, é estatisticamente relevante que se trabalhe com o maior número de dados possível.

No entanto, a escolha dessa nova variável dependente não evitou a eliminação de muitos dados do primeiro conjunto – ocorrências de *o mesmo*. Havia casos nos quais os informantes só usaram essa forma com antecedentes [-animado], sendo esses casos de uso categórico de *o mesmo*. A fim de testarmos rodadas que considerassem o maior número possível de dados, realizamos rodadas dos dados de duas maneiras: na primeira, consideramos os GF's 3 (*número da retomada*), 6 (*gênero da forma usada*) e 7 (*número da forma usada*), que eram os grupos de fatores nos quais o número de dados apontados como nocautes havia sido menor; no segundo modo, consideramos todos os sete grupos de fatores escolhidos para a investigação.

A rodada realizada de acordo com a primeira maneira – considerando somente os GF's 3, 6 e 7 – foi a forma de rodada em que o programa considerou um maior número de dados durante sua execução: 86 dos 111 dados. Os percentuais de ocorrências dessa rodada estão apresentados no quadro 2, na seção 5.1.1.

Na segunda forma de organização dos dados para a execução da rodada, quando consideramos todos os GF's, o programa executou a rodada levando em conta 44 dados, o equivalente a 35% do total de dados do conjunto. Os percentuais obtidos nessa rodada são apresentados na seção a seguir, no quadro 9. A fim de avaliarmos se haveria diferenças entre os resultados dessas rodadas, nas quais foram considerados diferentes números de dados, apresentamos, mais adiante, o quadro 11 e colocamos lado a lado os resultados das duas rodadas.

Para as rodadas do segundo conjunto de dados – formas concorrentes de *do(s) mesmo(s)* – não houve um grande número de eliminações. Isso se deve ao fato de esse tipo de ocorrências apresentar uma melhor distribuição entre a retomada de referentes [+ animado] e [-animado], o que não aconteceu nas rodadas do primeiro conjunto.

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados, seguiremos com a exposição dos dados obtidos e com a discussão dos resultados. Primeiramente, apresentaremos a distribuição dos percentuais das ocorrências para cada variável e, em seguida, discutiremos os dados probabilísticos para cada conjunto de variantes.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos e discutimos os resultados referentes ao uso do anafórico investigado nas redações acadêmicas que compõem nossa amostra. Num primeiro momento, faremos a exposição da distribuição dos dados em percentuais e dados probabilísticos mais significativos nos resultados das rodadas do conjunto de dados de *o mesmo*. Em seguida, comentaremos os percentuais obtidos para as ocorrências do segundo conjunto de dados: as formas *seu(s)*, *dele(s)*, entre outras – com as quais as formas *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)* concorrem – e discutiremos os resultados obtidos.

5.1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS NA AMOSTRA

Iniciamos a apresentação de nossas análises com as considerações feitas a partir dos dados freqüenciais. A exposição dos quadros gerais demonstrativos dos resultados obtidos nas rodadas de cada um dos conjuntos de dados teve como objetivo apresentar essa distribuição geral dos dados. Discutiremos, inicialmente, os quadros que demonstram a distribuição das ocorrências dos dados de *o mesmo* e, em seguida, realizaremos o mesmo processo para os resultados obtidos nas rodadas do segundo conjunto de dados – formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorre.

5.1.1 Quadro Geral da distribuição dos dados de *o mesmo*.

Com o propósito de visualizarmos melhor a distribuição das ocorrências de *o(s) mesmo(s)* – segundo as variáveis consideradas na análise – e a fim de buscarmos pistas que nos indicassem quais seriam os contextos lingüísticos motivadores dessas ocorrências, expomos os quadros apresentados em seguida.

No primeiro deles, listamos os resultados, em percentuais, da rodada dos dados de *o mesmo*, na qual consideramos todos os 7 grupos de fatores, no quadro 1,

apresentado em seguida. Como já informamos, o GF 2, *tipo de antecedente*, foi tomado como a variável dependente, conforme indica a primeira linha dos quadros mostrados a seguir. Os demais grupos de fatores linguísticos considerados estão listados sempre na primeira coluna dos quadros. Na segunda coluna, temos as variantes consideradas em cada um desses grupos de fator e, nas colunas seguintes, são apresentados os números de dados ocorridos para cada variante, seguidos do percentual que esse número representa no conjunto dos dados. Para o Grupo 1, vamos ter as variantes: a retomada anafórica que não expressa posse, representada por [-posse] e aquela que, ao estabelecer relação anafórica, expressa posse, sendo representada por [+ posse]. Vejamos:

QUADRO 1: PERCENTUAIS OBTIDOS NA 2ª. RODADA DOS DADOS DE *O MESMO*, considerando todos os grupos de fatores (44 dados rodados).

GRUPO DE FATORES:		Variável Dependente			
		antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
1. tipo de retomada anafórica	Variantes:				
	<i>o(s) mesmo(s)</i> [-posse]	12 /24	50%	12 /24	50%
	<i>o(s) mesmo(s)</i> [+ posse]	5 /20	25%	15 /20	75%
3. número de retomada	1º. retomada	11 /24	46%	13 /24	54%
	2º. retomada	5 /12	42%	7 /12	58%
	3º. retomada	1 /8	13%	7 /8	88%
4. função sintática da forma	Compl. nominal	6 /25	24%	19 /25	76%
	Sujeito	11 /19	58%	8 /19	42%
5. informante	A	1 /3	33%	2 /3	67%
	B	2 /8	25%	6 /8	75%
	H	1 /2	50%	1 /2	50%
	L	1 /2	50%	1 /2	50%
	T	2 /5	40%	3 /5	60%
	X	1 /3	33%	2 /3	67%
	W	1 /4	25%	3 /4	75%
	A	5 /9	56%	4 /9	44%
	C	2 /6	33%	4 /6	67%
	e	1 /2	50%	1 /2	50%
6. gênero da forma.	masculino	16 /26	62%	10 /26	38%
	feminino	1 /18	6%	17 /18	94%
7. número da forma.	singular	11 /27	41%	16 /27	59%
	plural	6 /17	35%	11 /17	65%
TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%

Nesse quadro, apresentamos, em número e percentuais de ocorrências, a distribuição dos dados considerada na discussão dos resultados e em nossas conclusões sobre o fenômeno estudado. Nessa rodada, foi levado em conta um número menor de dados – 44 do total de 111 – do que na primeira rodada mostrada no quadro 2, na qual o programa analisou 86 desse total de dados. No entanto, observamos que tanto em uma como em outra rodada, apesar de o número de dados considerados ser diferente, o resultado da distribuição das ocorrências na amostra se manteve constante. Assim, acreditamos que o fato de tomarmos os resultados da primeira rodada – que levou em conta todos os grupos de fatores, porém, um menor número de dados – não alteraria o teste das hipóteses levantadas para nossa pesquisa.

A fim de evitar desvios na análise em razão do número de dados considerados nesta rodada mostrada acima, comparamos o resultado desta com o de outra rodada, a qual considerou um número maior de dados – 86 dos 111. Lembramos que, para conseguirmos com que mais dados fossem considerados, levamos em conta somente os grupos de fatores para os quais havia sido indicado um número pequeno de nocautes durante a preparação dos dados. A seguir, apresentamos o quadro do resultado dessa rodada.

QUADRO 2: PERCENTUAIS OBTIDOS NA 1ª. RODADA DOS DADOS DE *O MESMO*, considerando os GF's 3, 6 e 7 (86 dados rodados).²⁰

GRUPO DE FATORES:	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
3- número da retomada	1°. retomada	17 /45	38%	28 /45	62%
	2°. retomada	6 /18	33%	12 /18	67%
	3°. retomada	2 /16	13%	14 /16	88%
	5°. retomada	2 /7	29%	5 /7	71%
6- gênero da forma	Masculino	25 /53	47%	28 /53	53%
	Feminino	2 /33	6%	31 /33	94%
7- número da forma.	singular	15 /50	30%	35 /50	70%
	plural	12 /36	33%	24 /36	67%

²⁰ Este quadro representa a rodada que considerou somente os grupos de fatores que apresentaram menos nocautes a fim de proporcionar a análise de um maior número de dados.

TOTAL:		27 /86	31%	59 /86	69%
---------------	--	---------------	------------	---------------	------------

Após a montagem desse quadro, fizemos a comparação entre cada um dos percentuais mostrados nesse resultado, no quadro 2, e no resultado do quadro 1, com o objetivo de verificar se haveria uma tendência de os percentuais obtidos para cada variante se manterem constantes, ou seja, se esses resultados seriam mantidos, independentes do número de dados considerados.

Com a finalidade de visualizarmos melhor essa comparação dos resultados de cada uma dessas rodadas – os da primeira foram mostrados no quadro 10 e os da segunda no 9 – apresentamos o quadro 11 a seguir com os números e percentuais: da primeira rodada, a que considerou 86 dados (dos 111 coletados) e somente 3 variáveis, e da segunda, que considerou 44 dados e todos os grupos de fatores.

**QUADRO 3: PERCENTUAIS OBTIDOS NAS 1.^a E 2.^a RODADAS
DOS DADOS DE *O MESMO*.**

GRUPO DE FATORES:		Resultado da 1. ^a Rodada de <i>O(S) MESMO(S)</i>				Resultado da 2. ^a Rodada de <i>O(S) MESMO(S)</i>			
		[+animado]		[-animado]		[+animado]		[-animado]	
	antecedente	nº.	%	nº.	%	nº.	%	nº.	%
	Variantes:	nº.	%	nº.	%	nº.	%	nº.	%
1. tipo de retomada anafórica	<i>O mesmo</i> [-posse]	-	-	-	-	12 /24	50	12 /24	50
	<i>O mesmo</i> [+posse]	-	-	-	-	5 /20	25	15 /20	75
3. número da retomada	3º. retomada	2 /16	13	14 /16	88	1 /8	13	7 /8	88
	2º. retomada	6 /18	33	12 /18	67	5 /12	42	7 /12	58
	1º. retomada	17 /45	38	28 /45	62	11 /24	46	13 /24	54
	5º. retomada	2 /7	29	5 /7	71	-	-	-	-
4. função sintática da forma	Compl. nominal	-	-	-	-	6 /25	24	19 /25	76
	Sujeito	-	-	-	-	11 /19	58	8 /19	42
5. informante	A	-	-	-	-	1 /3	33	2 /3	67
	B	-	-	-	-	2 /8	25	6 /8	75
	H	-	-	-	-	1 /2	50	1 /2	50
	L	-	-	-	-	1 /2	50	1 /2	50
	T	-	-	-	-	2 /5	40	3 /5	60
	X	-	-	-	-	1 /3	33	2 /3	67
	W	-	-	-	-	1 /4	25	3 /4	75
	A	-	-	-	-	5 /9	56	4 /9	44
	C	-	-	-	-	2 /6	33	4 /6	67
	e	-	-	-	-	1 /2	50	1 /2	50
6. gênero da forma.	masculino	25 /53	47	28 /53	53	16 /26	62	10 /26	38
	feminino	2 /33	6	31 /33	94	1 /18	6	17 /18	94
7. número da	singular	15 /50	30	35 /50	70	11 /27	41	16 /27	59

forma.	plural	12 /36	33	24 /36	67	6 /17	35	11 /17	65
TOTAL:		27 /86	31	59 /86	69	17 / 44	39	27 / 44	61

Nesse quadro comparativo, observamos que o percentual de ocorrências permanece estável para as duas variantes.²¹ Uma delas é a variante apresentada na primeira linha do GF 3 (ocorrências na posição em que se faz a retomada do mesmo antecedente pela 3ª. vez); nessa posição, em 13% dos casos, a forma de *o mesmo* usada retomava um antecedente [+animado] e em 88% dos casos um antecedente [-animado], porcentagens que se mantiveram na segunda rodada, mesmo com um número de dados bem maior. A outra variante que também não sofreu alteração em seus percentuais foi a forma usada no *feminino*. Seu percentual também se manteve estável, com 6% das ocorrências nos casos que retomam um antecedente [+animado] e com 94% nos que retomam um [-animado].

Voltando aos resultados mostrados no quadro 3, as formas usadas no *plural*, a segunda variante do grupo 7, sofreram uma pequena alteração de 2%, percentual que estatisticamente pode ser considerado dentro da margem de erro. Com isso poderíamos assumir que o percentual dessa variante também se manteve relativamente estável, acompanhando o percentual do total dos dados.

Ainda sobre o quadro 3, se olharmos para os percentuais do resultado do total dos dados – no qual há 31% e 39% dos dados da primeira e da segunda rodadas, respectivamente, de ocorrências retomando um antecedente [+animado] – observamos que quando foi levado em conta um número maior de dados, na primeira rodada, houve um acréscimo de 8 pontos percentuais para retomada anafórica desse tipo de antecedente.

Observando os resultados dos percentuais mostrados na coluna desse antecedente, o [+animado], os percentuais mostrados nas variantes 1ª. e 2ª. *retomadas* acompanharam essa tendência de acréscimo do percentual total: de 38% para 46% e de 33% para 42%, respectivamente. Se há um aumento do percentual nas retomadas de antecedentes [+animado] em uma variante, conseqüentemente, ocorre o inverso no percentual das retomadas de antecedentes [-animado].

²¹ Colocamos em negrito, nessa linha (3ª. Retomada) e na segunda linha do GF 6 (feminino), os percentuais que se mantiveram constantes.

Enquanto essas variantes do GF 3 acompanham o acréscimo de 8 pontos percentual do resultado total, as variantes *singular* e *masculino* apresentam um aumento ainda maior de seus percentuais nas retomadas de antecedentes [+animado]: de 30% para 41% e de 47% para 62%, respectivamente.

Em suma, ao compararmos os resultados percentuais das duas rodadas realizadas, apresentados no quadro 11, chamam a atenção os percentuais das variantes 3ª. *Retomada* e *feminino* que se mantiveram estáveis de uma para outra rodada. Outros percentuais que se comportaram diferente do resultado total foi os dos fatores *masculino* e *singular* que sofreram um acréscimo maior, de 15 e 11 pontos respectivamente.

Como essa comparação dos percentuais obtidos nas duas rodadas nos mostrou uma estabilidade dos resultados, decidimos tomar como base para a exposição os percentuais dos grupos de fatores da segunda rodada, que, apesar de ter sido realizada com somente 44 dados depois de todos os nocautes ocorridos, considerou todos os grupos de fatores envolvidos na análise. Em seguida, expomos os percentuais de cada grupo de fatores para as ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. A seqüência da exposição dos percentuais obtidos se dará seguindo a ordem dos grupos de fatores: os GF's 1, 3, 4, 5, 6 e 7. Lembramos que o GF 2 – tipo de antecedente – é a variável dependente.

5.1.1.2 Distribuição freqüencial dos dados de *o mesmo* para o GF 1

QUADRO 4: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE *O MESMO* PARA O GRUPO DE FATORES 1

	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
GF 1: tipo de retomada anafórica	<i>o(s) mesmo(s)</i> [-posse]	12 /24	50%	12 /24	50%
	<i>o(s) mesmo(s)</i> [+posse]	5 /20	25%	15 /20	75%
TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%

Na observação desses percentuais, verificamos que o número de ocorrências de *o mesmo* empregado para estabelecer a relação anafórica, expressando a posse, é bem maior quando é feita a retomada do antecedente [-animado]: 75% dos dados.

Podemos verificar que quando a *retomada anafórica não expressa a posse*, temos 50% de uso dessas formas tanto para retomar antecedentes animados como para

não-animados. Essa igualdade na distribuição dessas ocorrências pode indicar que o fator *retomada anafórica* seja um fator relevante para os resultados da análise já que apresenta um comportamento diferente quanto aos dados de um tipo e de outro de retomada.

No entanto, devemos lembrar que nesse grupo de ocorrências que não expressam a posse tínhamos as formas *o(s) mesmo(s)* e *a(s) mesma(s)*, na função de sujeito, e *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*. Dentre essas formas, para as de *do(s) mesmo(s)* usadas para expressar a posse, fizemos o levantamento de outras formas com as quais elas concorrem com a finalidade de investigar os fatores que as favoreceriam.

Podemos observar que, no total geral dos dados, temos um uso de 39% de formas de *o(s) mesmo(s)* retomando antecedente [+animado], o que nos leva a afirmar com segurança que esse tipo de retomada, o uso considerado por nós como inovador, está presente nos textos de nossa amostra.

Por outro lado, verificamos também que os percentuais para a variante *retomada anafórica expressando a posse* demonstram que essa pode ser um fator importante na investigação dos contextos lingüísticos que propiciam o uso de *do(s) mesmo(s)*, pois em nossos dados essa é a forma de anafórico usado concorrendo com *seu(s)/dele(s)*.

5.1.1.3 Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 3

Para esse grupo de fatores, foram encontradas ocorrências que faziam até a décima retomada de um mesmo antecedente. No entanto, as ocorrências que faziam retomadas em posições muito distantes de seus antecedentes foram descartadas por se tratar de um número pequeno de dados. Assim, foram consideradas, nas rodadas dos dados de *o(s) mesmo(s)*, as ocorrências que faziam a primeira, a segunda e a terceira retomadas do mesmo antecedente.

QUADRO 5: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE O MESMO PARA O GRUPO DE FATORES 3

	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
GF 3 - número da retomada	1°. retomada	11 /24	46%	13 /24	54%
	2°. retomada	5 /12	42%	7 /12	58%
	3°. retomada	1 /8	13%	7 /8	88%

TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%
---------------	--	----------------	------------	----------------	------------

Ao olharmos esses percentuais, observarmos que o percentual de uso de *o(s) mesmo(s)* fazendo a 1ª. Retomada é maior, um índice de 46%, quando o antecedente é animado, acontecendo o inverso para antecedente não-animado. Já na 3ª. posição de retomada, para antecedente não-animado, constatamos a maior percentagem de uso da forma, 88% dos dados. E é justamente nesta posição que temos o índice menor de ocorrências retomando o antecedente animado.

Esses percentuais podem estar demonstrando que o emprego de *o(s) mesmo(s)* é maior quando faz a 3ª. retomada do mesmo antecedente e quando esse antecedente é não-animado. Já quando o antecedente é animado, a 1ª. Posição estaria motivando um maior uso da forma.

5.1.1.4 Distribuição freqüencial dos dados de o mesmo para o GF 4

QUADRO 6: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE *O MESMO* PARA O GRUPO DE FATORES 4

	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
GF 4 - função sintática da forma usada	Variantes:				
	Complemento nominal	6 / 25	24%	19 / 25	76%
	Sujeito	11 / 19	58%	8 / 19	42%
TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%

Para esse grupo de fatores, verificamos que há um maior número de ocorrências na posição de complemento nominal. O índice de 76% das ocorrências com essa função retomam nomes [-animado]. No entanto, quando observamos as ocorrências que retomam antecedentes animados, verificamos que há um aumento no percentual de *o(s) mesmo(s)* na função de sujeito.

Conforme o já exposto anteriormente, a maior parte do total do conjunto de dados ocorre exercendo a função de *complemento nominal* e que essa e a função de *sujeito* foram as funções sintáticas exercidas pela maioria dos dados. Segundo os percentuais mostrados nesse quadro 14, podemos verificar que a função de *sujeito*

parece estar influenciando um número maior de ocorrências, quando retomam antecedentes animados.

5.1.1.5 Distribuição frequencial dos dados de o mesmo para o GF 5

Como mencionamos anteriormente, esse foi o único grupo de fatores extralingüísticos que incluímos no conjunto de GF's a serem considerados em nossa análise. A característica do nosso córpis, textos de trabalhos acadêmicos produzidos em grupo, não permitiu considerar fatores sociais como faixa etária, sexo e origem do informante.

Nesse primeiro conjunto de dados, o número total dos dados aparece muito bem distribuído entre os informantes. Não há um informante que apresente muitas ocorrências de *o(s) mesmo(s)* ou alguma característica de estilo que favoreça o maior uso desses dados. Como podemos ver no quadro 9, só foram considerados 10 dos 33 informantes nessa rodada e a distribuição entre eles varia de 2 a 9 dados. Os demais informantes ou apresentavam ocorrências únicas ou um número pequeno de dados e do mesmo tipo com relação à aplicação da regra variável, que foi o fator retomada de antecedente [-animado] e [+animado].

5.1.1.6 Distribuição frequencial dos dados de o mesmo para o GF 6

QUADRO 7: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE O MESMO PARA O GRUPO DE FATORES 6

	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
GF 6 - gênero da forma usada	Masculino	16 /26	62%	10 /26	38%
	Feminino	1 /18	6%	17 /18	94%
TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%

A distribuição das ocorrências de *o(s) mesmo(s)* no *masculino* ou no *feminino* apontou uma questão interessante a ser observada neste trabalho. Essas são as duas

variantes em que os percentuais mais se distanciam do índice do total de ocorrências usadas para um tipo e outro de antecedente. Enquanto no índice geral temos 39% de ocorrências que retomam nomes animados, o percentual de formas no *masculino* retomando o mesmo tipo de antecedente aumenta para 62%. E para esse mesmo caso temos uma única ocorrência de forma no *feminino*, ou seja, quase o total dos dados de formas de *feminino* estão retomando nomes [- animado], 94% dos casos.

Sobre esses percentuais, é importante lembrarmos que observamos na amostra um número considerável de formas de masculinos que retomavam um nome [+animado] usado no sentido genérico, como no seguinte exemplo:

- (58) “Portanto os conceitos estudados foram aplicados na organização, concluindo-se que o poder e a influência dentro da organização terá uma nova variação entre os funcionários, esta influencia diretamente no desempenho **dos mesmos**, trazendo consequências negativas para o seu funcionamento, como discussões e intrigas.”

Nesse caso, *os funcionários*, que é o substantivo masculino a ser retomado pelo *dos mesmos*, está significando o conjunto de empregados da empresa. O nome retomado, usado no masculino, generaliza todos os postos de trabalho da empresa.

Outro aspecto que devemos observar em nossa amostra, textos que descrevem e analisam uma empresa, é o grande número de ocorrências que retomam um nome feminino. Em nossa amostra, geralmente, nomes femininos são usados como sinônimo de “empresas”, conforme estes exemplos:

- (59) “Este trabalho tem por objetivo analisar a organização LOJAS COLOMBO, ... Demonstraremos no desenvolvimento de nosso trabalho como a organização vem utilizando os conceitos ... Escolhemos esta organização em virtude dos dados estarem ao nosso alcance, pois **a mesma** encontra-se na cidade onde moramos.”
- (60) “É também, o conjunto de objetivos,... postulados de forma a definir em quais atividades encontra-se a empresa, que tipo de empresa ela é ou deseja ser. (Andrews, 1971); Em suma ela é definida como um caminho, ou maneira, ou ação estabelecida e adequada para alcançar os desafios e objetivos da empresa. Da implantação do sucesso de uma estratégia organizacional, o que podemos avaliar é a funcionalidade de cada estratégia, visando um melhor resultado final para a organização. Tudo se baseia devido à estrutura de cada organização e as diretrizes **das mesmas**.”
- (61) “Analisando as Cinco Forças de Porter em relação a AKSYS DO BRASIL, cabe-se ressaltar que **a mesma** não possui empresas rivais no mercado em que atua...”

- (62) “A organização analisada é a Caixa Econômica Federal, uma instituição financeira sob a forma de empresa pública, a escolha **da mesma** deve-se ao fato da Caixa ser uma empresa...”
- (63) “A empresa optou por destacar-se neste setor garantindo aos seus clientes uma rápida entrega e fácil pagamento, tornando isto o *seu* diferencial em relação aos demais concorrentes, pois **a mesma** não pode utilizar uma estratégia...”

Com os exemplos (59), (60), (61), (62) e (63), podemos observar que é corrente em nosso corpus o termo *empresa* ser retomado por nomes femininos, usados como sinônimos desse vocábulo. Com isso, esses nomes são retomados por uma forma de *o(s) mesmo(s)* em feminino. É possível que o grande número de repetições de exemplos como esses sejam a razão do percentual de 94% das ocorrências retomando antecedentes não-animados para as formas de feminino, conforme o quadro 15.

Esses percentuais mostram que o uso de *o mesmo*, principalmente quando há a retomada de um antecedente [+animado], parece estar sendo favorecido pelo contexto lingüístico em que se retoma um nome *masculino*, ou em que há a exigência de uma concordância da forma de *o mesmo* em *masculino*, já que as formas de feminino seriam usadas unicamente para fazer a retomada de um ou mais nomes também de feminino, os chamados contextos “puros” – conforme MARTIN (1975) – em que há somente nomes no feminino e, conseqüentemente, a concordância será em feminino. Em todas as demais situações – retomadas de um ou mais nomes de masculino e de um feminino + masculino, etc. – ocorreriam formas de masculino para fazer as retomadas.

5.1.1.7 Distribuição freqüencial dos dados de *o mesmo* para o GF 7

Desde o início da triagem dos dados, havia a suspeita de que esse grupo de fatores, *o número da forma anafórica empregada*, poderia ser relevante para nossa análise, pois percebemos que havia diferenças entre a freqüência de ocorrências das formas de *o(s) mesmo(s)* no *singular* e no *plural*. Com isso, incluímos esse grupo de fator em nossa análise a fim de que ele possa fornecer evidências sobre quais seriam os contextos lingüísticos favorecedores de *o(s) mesmo(s)*. Vejamos como se apresentou a distribuição dos dados segundo as variantes *singular* e *plural*.

QUADRO 8: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE *O MESMO* PARA O GRUPO DE FATORES 7

	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
GF 7 - número da forma usada.	singular	11 /27	41%	16 /27	59%
	plural	6 /17	35%	11 /17	65%
TOTAL:		17 / 44	39%	27 / 44	61%

Ao observamos os maiores índices de ocorrências de *o(s) mesmo(s)* para cada uma das variantes, o *singular* e o *plural*, verificamos que em situações nas quais se retoma um antecedente [+animado], há um maior número de formas em *singular*. Para essa mesma variante, o percentual de ocorrências que retomam nomes [-animado] é menor. Vamos observar que para retomar nomes [-animado], há um percentual maior para formas no *plural*.

Esses percentuais mostram que o fator *número da forma usada* pode ser relevante para este estudo. Conforme o quadro 16, se considerarmos os percentuais, as formas em *singular* estariam favorecendo as ocorrências de *o(s) mesmo(s)* retomando um antecedente [+animado], enquanto que o plural estaria propiciando o uso dos anafóricos retomando nomes [-animado].

Acreditamos que o emprego de *o mesmo* para retomar nomes animados seja o emprego inovador desses anafóricos. Esse uso estaria sendo propiciado pelos contextos lingüísticos em que o anafórico *o mesmo* é empregado em *singular*. Já quando é usada uma forma em *plural*, normalmente, em nossa amostra, a forma retoma um antecedente [-animado]. O uso de *o mesmo* para retomar antecedente [- animado] é o emprego já conhecido em determinados tipos de textos, como os exemplos retirados de textos jurídicos e manuais, mostrados na primeira parte deste estudo, e o texto legal amplamente divulgado e conhecido pelas placas de elevadores:

(64) “**Aviso aos passageiros**

Antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar. (lei n.º 9502/11/março/1997)”

Os índices de ocorrências das variantes desse grupo, *número da forma usada*, parecem ser mais significativos se comparamos com o resultado do grupo anterior, *gênero da forma*. Para o fator *número*, o *singular* estaria propiciando um maior número de ocorrências de *o(s) mesmo(s)* para fazer retomada de nomes [+animado], enquanto

que para o fator *gênero* é o *masculino* que parece favorecer o emprego dessas ocorrências para fazer retomada do mesmo tipo de antecedente. Assim, essas variantes seriam as que propiciam o uso de *o(s) mesmo(s)* para retomar nomes animados, que é o emprego inovador mostrado pelos nossos dados.

Dando seqüência à exposição da distribuição geral das freqüências de ocorrências, apresentamos os quadros gerais para o segundo conjunto de dados – formas de *seu(s)*, *dele(s)*, com as concorrentes de *do(s) mesmo(s)*.

5.1.2 – Quadro Geral da distribuição dos dados de *seu/dele etc.*

Com a finalidade de verificarmos quais contextos lingüísticos estariam propiciando uma maior ocorrência das formas de *o(s) mesmo(s)*, montamos também os quadros das formas *seu(s)*, *dele(s)*, entre outras, com as quais *do(s) mesmo(s)* concorrem, apresentados em seguida.

Assim como para o primeiro conjunto de dados, o GF 2 – tipo de antecedente (+ / - animado) – é a variável dependente. A fim de facilitar a visualização e comparação dos percentuais de ocorrências dos dados dos dois conjuntos, usamos o mesmo formato de quadro. Os grupos de fatores considerados são idênticos, exceto para o grupo de fatores 1 – tipo de retomada – que, nas rodadas deste segundo conjunto de dados tem um número maior de variáveis: SN = *do(s) cliente(s)*, SN = *desse(s) cliente(s)*, *seu(s)*, *dele(s)* [+possessivo], *cujo(s)+N* e *seu(s)*, *dele(s)* [-possessivo].

No início da preparação desse segundo conjunto de dados, as formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorrem, para a execução das rodadas, observamos que seria necessário subdividir o conjunto de dados, devido ao número de células envolvidas na análise e a existência de um limite de número de células rodadas pelo programa. Para esse conjunto de dados, dividimos os dados em dois grupos e realizamos três rodadas diferentes. Na primeira, não incluímos o grupo de fatores *informante*, pois ele era o que apresentava maior número de células, impossibilitando a rodada, conforme quadro 17; na segunda, incluímos somente os grupos de fatores que foram selecionados pelo programa como significantes na primeira rodada e parte dos informantes; na terceira, incluímos os mesmos grupos significantes e a outra parte dos informantes. Os percentuais dessa rodada são apresentados no quadro 17 a seguir:

QUADRO 9: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE *SEU/DELE* FORMAS COM AS QUAIS *DO MESMO* CONCORREM

GRUPO DE FATORES:	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
1. tipo de retomada	Variantes:				
	SN= do(s) +N [+posse]	26 / 350	7%	324 / 350	93%
	SN= desse(s) +N [+posse]	7 / 46	15%	39 / 46	85%
	<i>seu(s), dele(s)</i> [+posse]	679 / 2.251	30%	1.572 / 2.251	70%
	cujo(s) + N [+posse]	6 / 46	13%	40 / 46	87%
	<i>seu(s), dele(s)</i> [- posse]	30 / 137	22%	107 / 137	78%
3. número da retomada	1°. retomada	525 / 1.978	27%	1.453 / 1.978	73%
	2°. retomada	159 / 594	27%	435 / 594	73%
	3°. retomada	43 / 183	23%	140 / 183	77%
	4°. retomada	17 / 60	28%	43 / 60	72%
	5°. retomada	4 / 15	27%	11 / 15	73%
4. função sintática da forma usada	Compl. nominal	629 / 2.416	26%	1787 / 2416	74%
	Obj. indireto	10 / 37	27%	27 / 37	73%
	Obj. direto	3 / 10	30%	7 / 10	70%
	Adj. adnominal	104 / 362	29%	258 / 362	71%
	Ag. da passiva	2 / 5	40%	3 / 5	60%
6. gênero da forma usada	Feminino	409 / 1.462	28%	1.053 / 1.462	72%
	Masculino	339 / 1.368	25%	1.029 / 1.368	75%
7. número da forma usada	singular	413 / 1.589	26%	1.176 / 1.589	74%
	plural	335 / 1.241	27%	906 / 1.241	73%
TOTAL:		748 / 2.830	26%	2.082 / 2.830	74%

A fim de testar a relevância do GF 5 – *informante* – e como o número de células ultrapassaria o limite de células possíveis de serem rodadas de uma só vez pelo programa, para incluirmos esse grupo, tivemos que subdividi-lo em dois. Assim, realizamos uma rodada considerando os dados de 19 dos 33 informantes, o que

contabilizou 1.861 dados, e uma outra com os demais 14 informantes, que apresentavam um total de 987 dados considerados. Em seguida, no quadro 18-a, apresentamos a rodada que considerou um maior número de dados, os 1.861, e mais adiante em 18-b, a distribuição da outra parte dos dados, os 987.

QUADRO 10-a: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE *SEU/DELE* FORMAS COM AS QUAIS *DO MESMO* CONCORRE – CONSIDERANDO O GF 5

GRUPO DE FATORES:	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
1- tipo de retomada	Variantes:				
	SN= do(s) +N [+posse]	21 / 285	7%	264 / 285	93%
	SN= desse(s)+N [+posse]	4 / 33	12%	29 / 33	88%
	<i>seu(s), dele(s)</i> [+posse]	397 / 1.436	28%	1.039 / 1.436	72%
	cujo(s) + N [+posse]	5 / 29	17%	24 / 29	83%
	<i>seu(s), dele(s)</i> [- posse]	18 / 78	23%	60 / 78	77%
5-Informantes	A	25 / 143	17%	118 / 143	83%
	B	38 / 132	29%	94 / 132	71%
	C	34 / 111	31%	77 / 111	69%
	D	11 / 73	15%	62 / 73	85%
	E	25 / 127	20%	102 / 127	80%
	F	17 / 60	28%	43 / 60	72%
	G	18 / 59	31%	41 / 59	69%
	H	44 / 113	39%	69 / 113	61%
	I	8 / 107	7%	99 / 107	93%
	J	39 / 140	28%	101 / 140	72%
	K	8 / 33	24%	25 / 33	76%
	L	35 / 153	23%	118 / 153	77%
	M	21 / 72	29%	51 / 72	71%
	N	26 / 120	22%	94 / 120	78%
	O	48 / 129	37%	81 / 129	63%
	P	14 / 90	16%	76 / 90	84%
	S	6 / 41	15%	35 / 41	85%
	T	12 / 80	15%	68 / 80	85%
	U	14 / 54	26%	40 / 54	74%
6 - gênero da forma usada	Feminino	237 / 955	25%	718 / 955	75%
	Masculino	208 / 906	23%	698 / 906	77%
TOTAL:		445 / 1.861	24%	1.416 / 1.861	76%

Como podemos observar no quadro 18, são poucos os informantes que apresentam percentuais de ocorrências muito diferentes do percentual total dos dados. O

informante H foi o que apresentou um percentual de uso das formas de *seu(s)*, *dele(s)* para retomar antecedentes [+animado] mais distante do percentual geral: 39%, enquanto que o geral é de 24%. Já o informante I apresenta o maior índice para retomadas de antecedente [-animado], 93% bem mais alto que o percentual total de 76%.

Quanto ao número de dados, o informante K é o que menos usou essas formas para fazer as retomadas, 33 ocorrências. O número maior de ocorrências mostrado nesse quadro é o de *seu(s)*, *dele(s)* para fazer a retomada de antecedente [-animado] expressando a posse. Observando ainda o número de dados, podemos ver que essas formas são pouco usadas para as retomada sem expressão de posse. O segundo maior número de ocorrências são as das formas SN – *do(s) cliente(s)*, por exemplo – usadas para expressar a posse. Com isso, podemos considerar que *do(s) mesmo(s)* concorrem, principalmente, com esses dois tipos de formas, já que elas são a grande maioria dos dados desse conjunto.

Em seguida apresentamos, no quadro 19, os resultados da rodada da segunda parte dessas ocorrências, com os 987 dados do total de 2.830.

QUADRO 10-b: FREQUÊNCIA GERAL DE OCORRÊNCIAS DE SEU/DELE FORMAS COM AS QUAIS DO MESMO CONCORRE – CONSIDERANDO O GF 5

GRUPO DE FATORES:	Variável Dependente	antecedente [+ animado]		antecedente [- animado]	
		nº.	freq.	nº.	freq.
1- tipo de retomada	Variantes: <i>seu(s)</i> , <i>dele(s)</i> [-posse]	12 / 59	20%	47/59	80%
	SN = do(s)+N [+posse]	5 / 67	7%	62 / 67	93%
	<i>seu(s)</i> , <i>dele(s)</i> [+posse]	282 / 821	34%	539 / 821	66%
	SN= desse(s)+N [+posse]	3/14	21%	11/14	79%
	cujo(s) + N [+posse]	10/26	38%	16/26	62%
5-Informantes	V	26 / 54	48%	28 / 54	52%
	X	14 / 41	34%	27 / 41	66%
	Y	29 / 58	50%	29 / 58	50%
	W	38 / 115	33%	77 / 115	67%
	a	55 / 150	37%	95 / 150	63%
	b	9 / 70	13%	61 / 70	87%
	c	4 / 43	9%	39 / 43	91%
	d	22 / 80	27%	58 / 80	72%
	e	16 / 94	17%	78 / 94	83%
	f	56 / 122	46%	66 / 122	54%
	g	43 / 160	27%	117 / 160	73%
6 - gênero da	Masculino	131 / 466	28%	335 / 466	72%

forma usada	Feminino	181 / 521	35%	340 / 521	65%
TOTAL:		312 / 987	32%	675 / 987	68%

Ao observarmos esse quadro, verificamos que a grande maioria dos dados, 821 dos 987, é de *seu(s)*, *dele(s)* usados para expressar a posse e que o segundo maior número de dados é o da forma SN, também fazendo a retomada com a expressão da posse. O quadro 10-a mostrou esse mesmo aspecto nos resultados da rodada da outra parte dos dados.

Quanto às ocorrências usadas para fazer retomadas de antecedente [+animado], o menor número de dados foi o do informante **c**, com 4 dados, seguido pelo **b**, com 9 dados. Se olharmos para os percentuais representados por esses dados, podemos observar que eles ficaram bem abaixo do percentual total, que é de 32%. O informante que apresentou um maior número dessas formas para retomar esse tipo de antecedente foi o **a**, com 55 dados.

Podemos verificar, com os números apresentados nos quadros 10-a e 10-b, que os resultados para os GF 1, tipo de retomada, e o GF 6, gênero da forma, apresentam uma mesma tendência de um subgrupo para o outro: as formas que mais ocorrem são *seu(s)*, *dele(s)* para fazer *retomadas com a expressão da posse* e os percentuais das variantes *masculino* e *feminino* acompanham o percentual do total dos dados.

5.2 QUADRO GERAL DE PROBABILIDADES OBTIDAS PARA O MESMO

A partir desse momento, analisamos os pesos relativos atribuídos a cada uma das variantes dos grupos de fatores lingüísticos que foram selecionados como significativos pelo programa estatístico. Esses pesos foram obtidos em rodadas que tinham como fator de aplicação da regra variável o GF 2, *tipo de antecedente retomado* — antecedente [+animado] e [–animado]. Inicialmente, discutimos os resultados obtidos nas rodadas do primeiro conjunto de dados – ocorrências de *o(s) mesmo(s)* e, em seguida, os resultados para o segundo conjunto – formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorrem (*seu(s)*, *dele(s)* etc.).

Iniciaremos a apresentação e discussão dos resultados dos três grupos selecionados como significativos na rodada do primeiro conjunto de dados – ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. São eles: GF 6 – *gênero da forma usada* –, o GF 4 – *a*

função sintática – e GF 3 – *número da retomada*. Mais adiante, comparamos esses resultados com os obtidos pela rodada do segundo conjunto de dados.

5.2.1 Resultado probabilístico de *o mesmo* para o GF 6 – *gênero*

Iniciamos com a exposição dos pesos relativos atribuídos ao GF 6, *gênero* da forma usada, que foi o grupo considerado mais relevante. Os outros dois foram o GF 4 *função sintática* e o GF 3 *número de retomada*. Os pesos relativos, que refletem as várias dimensões de interferência, sobre o uso de uma forma, variam de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0 for o peso, menos influi o fator que o recebeu e quanto mais próximo de 1, maior é sua influência. Um peso de valor 0,50, muitas vezes, é considerado como indiferente na avaliação da variação de um fenômeno estudado. No entanto, dependendo do fenômeno de variação e/ou mudança que se está estudando, é extremamente importante observar como se dá esse peso em relação aos atribuídos às demais variantes.

Vamos observar os resultados obtidos para o GF 6, *gênero da forma usada*, dos dados que, no caso desse conjunto de dados, são ocorrências de *o mesmo* sendo usadas para fazer a retomada anafórica.

QUADRO 11: RESULTADO PROBABILÍSTICO PARA O GRUPO DE FATORES 6

Fator de aplicação: antecedente [+animado] e [-animado]

GF 6 - gênero da forma usada:	Peso relativo
masculino	.79
feminino	.12

Olhando para os pesos relativos do quadro acima, podemos afirmar que o *masculino* estaria propiciando o emprego das formas de *o mesmo*, enquanto que o *feminino* não parece significativo para o uso desses anafóricos.

Quanto ao *gênero* das formas, MARTIN (1975, p. 6-8) propõe, em substituição ao conceito de *gênero*, o conceito de formas *marcadas* e *não marcadas*. Os substantivos no feminino seriam as formas *marcantes* e as formas *marcadas* corresponderiam aos adjetivos e pronomes que são marcados por esse substantivo. Assim, as *formas marcadas* aparecem somente quando estão relacionadas a um substantivo *marcante*, ou seja, no *feminino*.

As formas *não marcadas*, as de *masculino*, aparecem em duas circunstâncias: quando estão relacionadas a um substantivo *não-marcante*, substantivo masculino para a gramática tradicional; quando não estão relacionadas a nenhum substantivo, o que para MARTIN (idem) são formas *neutras*.

Conforme a proposta de MARTIN (idem), podemos entender que há maiores possibilidades de ocorrer formas de *o(s) mesmo(s)* no masculino, já que essa seria a forma geral, *não-marcada*, sendo usada quando relacionada a substantivos não-marcantes e quando não está ligada a nenhum substantivo. Em nossa amostra, encontramos *o(s) mesmo(s)* sendo empregado como a forma neutra para fazer a retomada, equivalendo a um pronome demonstrativo neutro. Vejamos o exemplo:

- (65) “A responsabilidade das empresas com relação à proteção de seus empregados estende-se ao campo da Justiça, posto que culpas ou omissões constatadas possibilitam que os empregados ou seus representantes (sindicatos por exemplo) ingressem em Juízo com os mais diversos tipos de ação tais como indenizações, adicionais de insalubridade, periculosidade entre outros. **O mesmo** pode ser afirmado com respeito ao Ministério Público, que pode propor ações de natureza criminal contra a empresa se entender que houve culpa em algum acidente que tenha resultado em morte ou dano ao meio ambiente, por exemplo.”

Nesse exemplo, a forma de *masculino* retoma completamente a afirmação feita na sentença anterior, funcionando como o demonstrativo neutro *isso*. Além desse exemplo, temos outras ocorrências em que a forma de masculino faz também a retomada de um nome feminino somado a um masculino. Assim, podemos verificar que há um número maior de contextos lingüísticos em que ocorreriam formas de masculino.

Entendemos, conforme o exposto, a razão do peso relativo de .79 para o masculino contra o de .12 para o feminino. Esse resultado do quadro 19 aponta para a confirmação, pelo menos parcialmente, de nossa hipótese principal, inicialmente, que era a de que os contextos que exigissem formas masculinas seriam os favorecedores das ocorrências do anafórico *o mesmo*.

Esse foi o único grupo de fatores selecionado como importante em todas as rodadas, tanto para a do primeiro conjunto de dados como para a do segundo. Mais adiante, na seção 5.2.3, compararemos esse resultado com o da rodada do segundo conjunto de dados.

5.2.2 Resultado probabilístico de *o mesmo* para o GF 4 –função sintática

Para esse grupo de fatores 4, *a função sintática da forma usada*, encontramos dados de *o(s) mesmo(s)*, além dos que exerciam as funções mostradas no quadro abaixo, nas funções de *objeto direto e indireto*, *agente da passiva* e *adjuntos adverbiais*. A eliminação, na amostra, das ocorrências que exerciam essas funções, se deu em razão de o número de dados para cada uma delas ser muito reduzido. Assim, executamos as rodadas dos dados considerando somente as funções de *complemento nominal* e de *sujeito*. Nos resultados das rodadas desse primeiro conjunto de dados, esse GF 4 foi selecionado como o segundo mais significativo.

QUADRO 12: RESULTADO PROBABILÍSTICO PARA O GRUPO DE FATORES 4

Fator de aplicação: antecedente [+animado] e [-animado]

GF 4 – função sintática:	Peso relativo
complemento nominal	.35
Sujeito	.70

Observando esse resultado, vimos que o peso relativo recebido pelas formas com a função de *sujeito* é alto, de .70. Com esse resultado, podemos verificar que a forma com essa função sintática estaria favorecendo o emprego de *o(s) mesmo(s)*. Esses resultados, mostrados no quadro 20, corroboram, portanto, nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores: *a função sintática*. Esperávamos que a função de sujeito estivesse propiciando um maior emprego de número de *o(s) mesmo(s)* como elemento anafórico, enquanto que o *complemento nominal* favoreceria o emprego de *do(s) mesmo(s)* e *da(s) mesma(s)*.

Nos dados analisados, observamos que as formas de *o(s) mesmo(s)* na função de *sujeito* estabelecem retomada anafórica que não expressa a “posse” enquanto que o *complemento nominal* seria empregado como anafórico que expressa a “posse”. Apesar de essa função apresentar um peso relativo baixo, de .35, ela mostra ser significativa pois indica uma importante probabilidade de ocorrências de *o(s) mesmo(s)* sendo empregado como elemento anafórico. Assim, podemos afirmar que as duas funções

sintáticas do anafórico usado são significativas como favorecedoras do uso de *o(s) mesmo(s)*. É óbvio que o peso atribuído à função de *sujeito* da forma usada é muito mais relevante como sendo essa a função favorecedora do uso analisado.

5.2.3 Resultado probabilístico de *o mesmo* para o GF 3 – *ordem de retomada*

Ao iniciarmos a triagem dos dados, encontramos o elemento anafórico *o(s) mesmo(s)* sendo usado para fazer retomadas em posições bem distantes de seus antecedentes, faziam a 8.^a, 9.^a e 10.^a retomadas do mesmo antecedente. Isso nos levou a esperar um grande número de ocorrências para todas as posições das retomadas realizadas, da 1.^a à 10.^a, e também a acreditar que esse grupo seria uma variável importante em nossa análise. Mais tarde, na realização das rodadas desse primeiro conjunto de dados, foram consideradas somente as 1.^a, 2.^a e 3.^a retomadas. As demais posições de retomadas foram descartadas por apresentarem um pequeno número de ocorrências. Os pesos relativos atribuídos às 3 retomadas consideradas na rodada, para esse grupo de fatores, são apresentados no quadro 21 a seguir.

QUADRO 13: RESULTADO PROBABILÍSTICO PARA O GRUPO DE FATORES 3

Fator de aplicação: antecedente [+animado] e [-animado]

GF 3 - número da retomada	Peso relativo
1.^a retomada	.59
2.^a retomada	.55
3.^a retomada	.20

Nesse quadro vemos que a retomada que está mais próxima do ponto neutro é a segunda, com .55. A primeira retomada tem um peso relativo parecido com o da segunda, .59. Com relação ao resultado da 1.^a e da 2.^a retomadas, o resultado apresentado para a 3.^a retomada é o peso relativo que mais chama a atenção, estando bastante abaixo do ponto neutro: é de .20. A partir desses resultados obtidos, podemos afirmar que as retomadas que indicam mais proximidade do anafórico com seu antecedente, a 1.^a e a 2.^a, são as mais significativas no sentido de que seriam as que propiciam o emprego de *o(s) mesmo(s)*, a terceira retomada seria a menos relevante.

Portanto, a primeira retomada, juntamente com a segunda, aparece como a que mais estaria favorecendo essas ocorrências, em oposição à terceira. Podemos entender

que, quanto à posição da forma usada para fazer a retomada, quanto mais próximo está do antecedente a forma usada mais se estaria empregando *o(s) mesmo(s)*.

Essa tendência contraria nossa hipótese inicial para esse grupo de fatores. Ao iniciarmos a observação e registro dos dados, acreditávamos que as formas de *o(s) mesmo(s)* seriam usadas em posições mais distantes de seus antecedentes, ou seja, fazendo a retomada do antecedente pela quarta, quinta ou sexta vez, por exemplo. Para comprovarmos isso, a terceira posição deveria ter recebido um peso relativo bem maior que a primeira e a segunda. Como os dados que faziam uma retomada mais distante, como a quarta, quinta e sexta, por exemplo, eram poucos, eles não foram considerados nas rodadas, o que nos impede de termos os pesos relativos das outras variantes para compararmos e corroborarmos ou não nossa hipótese com mais segurança. No entanto, esse número reduzido de ocorrências do anafórico fazendo retomadas mais distantes nos leva a considerar que nossa hipótese inicial está sendo fortemente refutada pelos resultados dos dados aqui analisados.

Apesar de esse grupo de fatores, *o número da retomada*, ter sido selecionado como significativo nas rodadas do primeiro conjunto de dados – formas de *o(s) mesmo(s)* – ele não aparece entre os grupos selecionados pelo programa como significativos nas rodadas do segundo conjunto de dados – *seu(s)*, *dele(s)* e outras formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorre.

Em seguida, iniciamos a exposição dos pesos relativos das rodadas desse segundo conjunto de dados.

5.3 QUADRO GERAL DE PROBABILIDADES OBTIDAS PARA *SEU / DELE*

Optamos por tomar para nossa análise os resultados da rodada das formas concorrentes (*seu(s)*, *dele(s)* etc.) apresentados no quadro 9, a que considerou um maior número de dados, 2.830. Nessa rodada não incluímos o grupo 5, *informante*, pois, além de apresentar o maior número de células, o que impediria a realização da rodada, em nenhuma das rodadas de teste que fizemos esse grupo foi selecionado como significativo para os resultados.

5.3.1 Resultado probabilístico de *seu/dele* para o GF 1 – *Tipo de retomada*

Os grupos selecionados nessa rodada foram o 1 – *tipo de retomada* – e o 6 – o *gênero* da forma. Como exposto anteriormente, para cada um dos dois conjuntos de dados, o grupo de fatores 1 possui diferentes variantes. Quando preparamos os dados do primeiro conjunto – formas de *o(s) mesmo(s)* – para as rodadas, consideramos como variantes do GF 1: forma de *o(s) mesmo(s)* que estabelece retomada expressando a posse; forma que não expressa a posse. Enquanto que na preparação do segundo conjunto de dados, como variantes do mesmo GF1, consideramos: *seu(s), dele(s)* [+ possessivo] e [-possessivo]; SN = do(s) +N , SN = desse(s) +N e cujo(s) + N todos [+ possessivo].

Como nesse segundo conjunto de dados estávamos buscando formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorresse, quase todas as variantes são de formas que expressam a posse. No entanto, queríamos registrar todas as formas *seu(s), dele(s)* com a finalidade de buscar pistas que apontassem para os contextos sintáticos que mais estariam favorecendo as ocorrências de *do(s) mesmo(s)*, já que esperávamos que esses anafóricos estudados concorressem principalmente com *seu(s), dele(s)*. Devido a essa possível concorrência, incluímos, entre as variantes deste grupo, as formas *seu(s), dele(s)* que não expressam a posse.

Com isso, vamos ter na rodada do segundo conjunto de dados as variantes: *seu(s), dele(s)* [+ possessivo] e [-possessivo], SN = do(s) +N , SN = desse(s) +N e cujo(s) + N, listadas no quadro 22, a seguir:

QUADRO 14: RESULTADO PROBABILÍSTICO DE *SEU/DELE* PARA O GRUPO DE FATORES 1

Fator de aplicação: antecedente [+animado] e [-animado]

GF 1 – tipo de retomada	Peso relativo
<i>seu(s), dele(s)</i> [+ posse]	.57
<i>seu(s), dele(s)</i> [- posse]	.45
SN = desse(s) +N [+ posse]	.35
cujo(s) + N [+ posse]	.31
SN = do(s) +N [+ posse]	.18

Esse quadro nos mostra que a forma que recebeu o menor peso relativo foi o SN = do(s) +N, com peso de .18. Em contrapartida, as formas *seu(s) dele(s)* – tanto as que fazem retomadas anafóricas expressando a “posse” como as que fazem retomadas sem expressar a “posse” – seriam as que receberam os pesos relativos maiores: .57 e .45. Esses pesos nos mostram que *seu(s)*, *dele(s)* são as formas, com as quais *do(s)* mesmo(s) concorre, mais usadas. Não é possível fazer afirmações conclusivas sobre os resultados desse quadro 14, devido, principalmente, à dificuldades em compará-los com os resultados do primeiro conjunto de dados.

Reconhecemos aqui uma falha no agrupamento dos dados em dois conjuntos. Isso nos levou a perceber que haveria problemas na comparação dos resultados desses dois grupos de dados, já que não havíamos realizado uma rodada dos dados do corpus incluindo as formas *do(s) mesmo(s)*. Mesmo assim, não abandonamos os resultados das rodadas do segundo conjunto de dados, pois ao compararmos os pesos relativos, principalmente com relação ao resultado probabilístico para o grupo de fator 6, *gênero* da forma usada, dos resultados do primeiro e do segundo conjunto de dados, pudemos reforçar nossas conclusões.

5.3.2 Resultado probabilístico de *seu/dele* para o GF 6 – Gênero

Ao analisarmos o segundo conjunto de dados, formas com as quais as ocorrências de *do(s) mesmo(s)* concorreriam, obtivemos o resultado mostrado no quadro dado a seguir:

QUADRO 15: RESULTADO PROBABILÍSTICO DE *SEU/DELE* PARA O GRUPO DE FATORES 6

Fator de aplicação: antecedente [+animado] e [-animado]

GF 6 – Gênero da forma usada	Peso relativo
feminino	.54
masculino	.46

Conforme o quadro 15, observamos que há uma diferença de .08 para mais para as formas no feminino. Se observada isoladamente, essa diferença de menos de um ponto parece não ser relevante para nossa análise. No entanto, lembramos que esse mesmo resultado do GF6, *gênero* da forma usada, para o primeiro conjunto de dados,

ocorrências de *o(s) mesmo(s)*, mostrou o oposto. O peso relativo maior se deu para as ocorrências de formas no masculino, com .79, contr .12 para as de feminino. Podemos afirmar que a observação dos resultados do quadro 15 reforça o resultado apresentado no quadro 11, ambos em favor de o masculino seu um favorecedor do emprego do anafórico *o(s) mesmo(s)*.

5.4 COMPARANDO OS RESULTADOS PROBABILÍSTICOS DE *O MESMO* E DE *SEU/DELE*

Com o objetivo de comparar os pesos relativos dos grupos selecionados pelo programa como os mais significativos, tanto na rodada do primeiro conjunto dos dados — ocorrências de *o(s) mesmo(s)* — como na do segundo conjunto — formas *do(s) mesmo(s)* concorre: *seu(s)*, *dele(s)* [+ posse] e [- posse]; SN = do(s) + N; SN = desse(s) + N; cujo(s) + N — montamos o quadro 16 com o resultados obtidos, em peso relativo, nas rodadas dos dois conjuntos de dados: os resultados das ocorrências de *o(s) mesmo(s)* na primeira coluna e os de outras formas na segunda.

Os GF's, grupos de fatores, são apresentados em ordem decrescente de relevância. Assim, temos, para o primeiro conjunto de dados, na primeira coluna os GF's 6 — gênero da forma — o mais relevante, seguidos pelos GF's 4 e 3. Na segunda coluna, para o outro conjunto de dados, temos como o grupo apontado como o mais significativo o GF 1 — tipo de retomada — seguido pelo GF 6. As variáveis dentro de cada GF também foram ordenadas de acordo com seu peso relativo, do maior para o menor peso.

Ao compararmos pesos atribuídos ao fator gênero no resultado da primeira coluna com os da segunda para o mesmo fator, vemos que eles não são parecidos. Enquanto para o primeiro conjunto de dados o peso para formas de *masculino* é maior, para o segundo é o peso atribuído às formas de *feminino*. Com um índice mais próximo do ponto neutro, na segunda coluna de resultados, o *feminino* apresenta um peso relativo maior que o *masculino*: 0.54. As formas de masculino apresentou um peso de 0.46.

Com esse diferencial de .08 entre um gênero e outro, podemos afirmar que esse grupo de fator não se mostrou tão relevante para o segundo conjunto de dados como para o primeiro. No entanto, considerando que o que ocorre no resultado do segundo conjunto de dados é o inverso do que o que ocorre no primeiro, podemos assumir que esse resultado confirma nossa conclusão de que contextos em que o anafórico seria uma forma de masculino favorecem as ocorrências de *o mesmo*.

Conforme já mencionamos anteriormente, o tema dos textos é “a empresa” e os textos analisados apresentam muitas retomadas feitas com sinônimos desse nome. Isso poderia estar influenciando os resultados obtidos.

Portanto, o que podemos concluir sobre esses resultados é que o *masculino* estaria propiciando um maior número de ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Isso corrobora uma de nossas hipóteses para esse grupo de fatores, na qual supúnhamos que o uso de formas no *masculino* seriam os favorecedores das ocorrências de *o(s) mesmo(s)*. Quanto ao *feminino*, os resultados apresentados na análise dos dados do segundo conjunto não nos permitem fazer uma afirmação segura sobre se esse seria ou não um fator lingüístico que inibiria ou favoreceria o uso de outras formas com as quais *do(s) mesmo(s)* concorre.

Como resultado da análise para o primeiro conjunto de dados — formas de *o(s) mesmo(s)* — vamos observar que há um emprego maior dessas formas no *masculino*. Isso mostra que os informantes de nossa pesquisa empregam, preferencialmente, as formas como *o mesmo* e *do mesmo*. Conforme proposta de MARTIN (1975), o masculino é a forma geral, não marcada semanticamente. Isso corrobora nossa hipótese de que o emprego de *o(s) mesmo(s)*, investigado nesta pesquisa, é um fenômeno que está presente na modalidade escrita do português do Brasil, conforme demonstram os textos analisados. Também verificamos que esse uso é mais comum com as formas *não-marcadas*, formas de masculino.

Com essa observação, vemos que os resultados parecem satisfazer nossa expectativa inicial: a de que o grupo de fatores *gênero* seria importante para a comprovação de nossas hipóteses. Esses resultados levam-nos a alcançar nosso principal objetivo que é o de verificar quais seriam os contextos lingüísticos que propiciariam o uso dessas formas e investigar quais fatores estariam influenciando o emprego de *o(s) mesmo(s)* usado para fazer retomadas anafóricas.

Voltando ao quadro 16, para o GF 4, *função sintática*, os pesos relativos atribuídos à variante *sujeito* apontam que esse seria um dos contextos lingüísticos que favoreceria um maior uso de *o(s) mesmo(s)*: quando a forma exerce essa função. Nas rodadas do segundo conjunto de dados, esse grupo de fator não foi selecionado como significante. O fato de o programa estatístico não ter feito essa seleção, não nos permite estabelecer comparações entre os resultados desse GF 4 para as rodadas de um e de outro conjunto de dados, a fim de fazermos considerações seguras.

Quanto a essa função sintática, a de *sujeito*, há uma peculiaridade relacionada ao uso de *o(s) mesmo(s)*. Durante a observação inicial para o registro e codificação dos dados, ao olharmos para a lista dos 111 dados do primeiro conjunto, constatamos somente duas ocorrências de *o mesmo* na posição de sujeito da oração principal. Em nenhuma delas a forma retomava um SN, todas faziam retomadas de idéias expressas na sentença anterior, conforme relacionadas em (66) e (67).

- (66) “Os funcionários que já estão há mais tempo na empresa, sabem como se comportar nestes casos, porém **o mesmo** não acontece com os novos funcionários.”
- (67) “A responsabilidade das empresas com relação à proteção de seus empregados estende-se ao campo da Justiça, posto que culpas ou omissões constatadas possibilitam que os empregados ou seus representantes (sindicatos por exemplo) ingressem em Juízo com os mais diversos tipos de ação tais como indenizações, adicionais de insalubridade, periculosidade entre outros. **O mesmo** pode ser afirmado com respeito ao Ministério Público, que pode propor ações de natureza criminal contra a empresa...”

Observamos que nas rodadas desse conjunto de dados, que computou 44 dados na função de sujeito, 19 deles estavam sendo empregados como *sujeito* de uma oração subordinada ou de uma sentença introduzida por uma conjunção explicativa, conforme os exemplos em seguida. (ver anexo III).

- (68) “A AMH possui um bom relacionamento com *os seus* clientes, **pois ela** geralmente tem o produto em que **o mesmo** necessita disponível em estoque, ...”
- (69) “A empresa optou por destacar-se neste setor garantindo aos *seus* clientes uma rápida entrega e fácil pagamento, tornando isto o *seu* diferencial em relação aos demais concorrentes, **pois a mesma** não pode utilizar uma estratégia de enfoque por ser difícil conseguir exclusividade...”
- (70) “A estratégia adotada pela organização é a de crescimento interno, **pois a mesma** aumentou sua capacidade de produção e da força de trabalho, buscando sua, preservando sua cultura organizacional, eficiência, qualidade e prospecção.”

Como exemplos do emprego do anafórico em orações subordinadas, temos:

- (71) “Analisando as Cinco Forças de Porter em relação a AKSYS DO BRASIL, cabe-se ressaltar que **a mesma** não possui empresas rivais no mercado em que atua, pois...” B-32
- (72) “Com a finalidade de satisfazer as necessidades do *seu* único cliente, no que diz respeito a produtos e serviços que **a mesma** produz, a organização possui um contrato de exclusividade com a Volkswagen do Brasil.”

As orações subordinadas nas quais aparece o anafórico estão funcionando como complementos, de verbos e de nome, como a maior parte das ocorrências. Isso aponta para a importância da *função sintática* da oração onde se encontra a forma empregada. Assim, vemos que esses exemplos também corroboram nossa hipótese inicial de que a função exercida pela forma seria relevante no emprego de *o mesmo*.

Nos casos em que a forma de *o mesmo* empregada exercia a função de sujeito da oração principal, elas foram empregadas para retomar a idéia expressa na oração imediatamente anterior, ou seja, exercendo o papel do demonstrativo *isso*, conforme ilustram os exemplos (66) e (67).

Quanto ao grupo de fatores 3, *número de retomada* do mesmo antecedente, supúnhamos que quanto maior fosse a distância do anafórico em relação ao antecedente retomado — 1.^a vez em que ele é retomado, 2.^a vez, 3.^a etc. — maiores seriam as chances de haver o emprego *o mesmo*. Nossa hipótese era a de que, após esgotar possibilidades de uso de outros elementos coesivos, os informantes empregariam *o(s) mesmo(s)* em seus textos, ou seja, esperávamos que quanto mais distante estivesse o elemento coesivo de seu antecedente, mais ocorreria essa forma. Quando observamos o último grupo apresentado no quadro 23, o GF 3 (número da retomada), que foi

selecionado em terceiro lugar pelo programa como significativo, verificamos que os resultados contrariaram nossa expectativa. Eles demonstram que os favorecedores do uso de *o(s) mesmo(s)* são as retomadas mais próximas e não as mais distantes..

Temos para a 3ª. retomada, a que deixa o item coesivo mais distante de seu antecedente, o menor peso relativo com relação às demais posições, .20. O número da retomada que estaria influenciando as ocorrências de *o(s) mesmo(s)* seria a da 1ª. posição, a que faz a primeira retomada do antecedente, com peso relativo .59, se relacionados ao resultado da terceira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, ao levantar as hipóteses sobre o fenômeno lingüístico observado nas redações dos estudantes universitários, podemos observar que os resultados da investigação sobre o uso de *o(s) mesmo(s)* nos textos acadêmicos apresentaram informações relevantes sobre os fatores lingüísticos que estariam favorecendo o emprego dessa forma.

Após análise dos pesos obtidos para os conjuntos de dados, constatamos que o emprego do anafórico estudado nos textos universitários está sendo propiciado por contexto lingüístico em que se usa sua forma no *masculino*. Isso se dá porque o masculino é a forma não-marcada, podendo ser usado quando relacionado a um nome no masculino ou como forma neutra, quando não está ligado a um nome. Com isso, podemos verificar que os universitários estão empregando mais as formas *o mesmo* e *do mesmo* em suas redações do que as formas no feminino, que são chamadas de marcadas por MARTIN (1975) por somente serem empregadas quando relacionadas a um nome também no feminino.

Essas observações indicam o emprego dessas formas constitui um fenômeno relativamente novo na escrita. Como exposto no início do trabalho, em alguns contextos de produção – manuais, textos jurídicos, as famosas placas de elevadores – o emprego de *o mesmo* parece ser realmente mais corrente do que no corpus aqui analisado. No caso de nossa pesquisa, as formas *não-marcadas*, segundo MARTIN (1975), quanto ao gênero e as formas de singular seriam as de maior ocorrência. O fato de o anafórico ser mais usado em sua forma não marcada leva-nos a considerar que o fenômeno que estudamos, o emprego de *o mesmo*, pelo menos para fazer retomada de nomes [+ animado] seria um uso inovador que pode estar se expandindo na modalidade escrita do português do Brasil.

Conforme os exemplos de textos jurídicos e placas normativas, em algumas situações de produção escrita, já é conhecido o emprego desse anafórico, como elemento coesivo, retomando um nome. No entanto, nesses contextos, normalmente, esse item retoma um antecedente [- animado]. Nesse sentido, um aspecto importante de nossa investigação foi o de mostrar que as formas de *o mesmo* estão sendo empregadas também para retomar nomes [+ animados]. A porcentagem desse tipo de uso é ainda pequena, porém, é relevante para corroborar a hipótese da existência desse uso inovador

nas redações analisadas, tendo em vista que é um uso condenado pelas gramáticas usadas nas escolas.

Salientamos que a função sintática da forma usada é um fator lingüístico que merece atenção. Nos resultados deste estudo, vimos que a função de sujeito estaria favorecendo o emprego do anafórico *o mesmo*. Observamos também que há um grande número dessas ocorrências na posição de sujeito de uma oração subordinada e que é provável que a função dessa sentença subordinada seria um favorecedor das ocorrências do anafórico. Isso corrobora a hipótese de que a função sintática da forma empregada, e até da sentença onde o anafórico se encontra, seria um favorecedor do uso desse anafórico.

Quanto ao grupo de fatores 3 – *o número da retomada* (número de vezes que *o mesmo* retoma um mesmo antecedente) –, consideramos que os resultados de nossa investigação não nos permitiram afirmar com segurança se há uma posição de retomada que esteja propiciando o uso de *o mesmo*, tendo em vista que das dez posições de retomadas encontradas na amostra, somente as três primeiras foram consideradas nos resultados. No entanto, não podemos deixar de observar que há uma diferença entre a relevância das primeira e segunda posições em oposição à terceira posição de retomada. Os pesos relativos mostram que a esta seria a que menos favorece o emprego do anafórico.

Pretendemos que os resultados aqui apresentados possam vir a somar a outros estudos na área, podendo servir de também contribuição para reflexões de professores e estudantes sobre a língua portuguesa escrita. Nesse sentido, esperamos que a presente pesquisa venha a contribuir, juntamente com outras pesquisas realizadas ou por realizar, para a descrição da modalidade escrita do português do Brasil e a despertar o interesse em outros estudos, motivando mais discussões sobre a variação e mudança na língua. Salientamos também que todo o processo de realização dessa pesquisa significou também um importante passo em nosso crescimento pessoal e intelectual, o que nos motiva a continuar estudando a fim de prosseguir participando de discussões e pesquisas lingüísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1969.
- ÁLVARO, J. G. et alii. *Diccionario Esencial Santillana de la Lengua Española*. Madrid: Santillana S. A, 1991.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. Tradução CAVALCANTE, M. M. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUEZ, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 53-84; 2003.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 44: 105-118; 2003.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- CHAROLLES, M. L'Anaphore associative. Problèmes de delimitation. *Verbum*, 13 (3): 119-148; 1990.
- CONTE, M. E. *Condizioni di coerenza. Ricerche di lingüística testuale*. Florence: La Nuova Itália Editrice, 1988.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 1954.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. 7ª. Ed.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 2ª. edição.
- CUNHA LIMA, M. L. *Indefinido , Anáfora e Construção Textual da Referência*. Campinas, 2004. Tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- CUSTÓDIO FILHO, V. Expressões referenciais condenadas pela norma. Trabalho apresentado na *XX Jornada de Estudos Lingüísticos – Gelne*. João Pessoa, 2004.
- _____. *Expressões Referenciais em Textos Escolares: a questão da (in)adequação*. Fortaleza, 2006. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.
- FARACO, C. A. & TEZZA, C. *Oficina de Texto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

- FAVERO, L. L. *Coesão e Coerência Textuais*. 9ª. Edição. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário (Aurélio) da Língua Portuguesa*. 2ª. edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GREGORIM C. O. et ali. *Michaelis: dicionário escolar língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman. Cap. 1. Tradução elaborada pelo Departamento de Língua Inglesa e Lingüística da Universidade Federal de Natal – RN, 1976.
- ILARI, R. Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam? In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 41: 91-109; 2001.
- _____. *Introdução à semântica – brincando com a gramática*. 3ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2002.
- KARTTUNEN, L. Pronouns and variables. In: R. I. BINNICK, A. DAVINSON, G. M. GREEN, J.L. MORGAN. *Papers from the Fifth Regional meeting of the Chicago Linguistic Society*, 108-116. Chicago: University of Chicago, 1969.
- KOCH, I. G. V. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto. 1993 [1989].
- _____. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [2004].
- _____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 41: 75-89; 2001.
- KOCH, I. G. V. & MARCUSCHI, L. A. Processos de Referenciação na Produção Discursiva. *D.E.L.T.A.*, 14, (no. especial): 169-190; 1998.
- KRÜGER, S. L. *Anáforas indiretas e sua ancoragem a antecedentes implícitos*. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LEMOES, M. T. G. de. Sobre o que faz texto: uma leitura de *Cohesion in English*. *D.E.L.T.A.* 8, (1): 21-42; 1992.
- LIMA, M. L. Artigo Indefinido e Anáfora. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 44: 133-141; 2003.
- LIMA, S. A. de. *Progressão referencial e reescrita em produções textuais no ensino médio*. Curitiba, 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.
- LYONS, J. *Semântica Estrutural*. Tradução PESCADA, António. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

_____. *Semantics I*. London: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de reformulação textual. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. VI – 2ª. edição revisada – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 105-141, 2002.

MARTIN, J. W. Gênero? In: *Revista Brasileira de Linguística*, 2 (1 e 2): 3-8; 1975.

MAURER JR, T. H. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MENON, O. P. da S. Seu/de vocês: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, D. da. (org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia Editora, 79-92, 1997.

_____. O sistema pronominal do Português do Brasil. *Revista Letras*. Curitiba: Editora da UFPR, 44, 91-106; 1995.

MENON, O. P. da S. & LOREGIAN-PENKAL, L. Variação do Indivíduo e na Comunidade: Tu/Você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org) *Variação e Mudança no Português Falado na Região Sul*. Pelotas, RS: Universidade Católica de Pelotas - EDUCAT, 147-188; 2002.

MILNER, J. C. *Introduction à une science du langage*. Paris: Ed. Du Seuil, 1989.

_____. Reflexões sobre a referência e a correferência. Tradução CAVALCANTE, M. M. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUEZ, B.B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 85-130; 2003.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. (1995) *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. Tradução CAVALCANTE, M. M. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUEZ, B.B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 17-52; 2003.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes Pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L. As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de Formas? *D.E.L.T.A.*, 12, (1): 125-152; 1996.

PERINI, M. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*, 1 (1 e 2): 1-16; 1985.

SANTILLANA, S. A. *Diccionario Esencial Santillana de la Lengua Española*. Barcelona: Santillana S. A., 1991.

SARMENTO, L. L. & TUFANO, D. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. Volume único. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. RJ, 1992.

SCHERRE, M. M. P. *Pressupostos teóricos e suporte quantitativo*. RJ, 1996.

SILVA, G. M. de O. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do rio de janeiro*. Rio de Janeiro, 1982. Tese de doutorado – Faculdades de Letras, UFRJ.

SILVA, G. M. de O. & SCHERRE M. M. P. (orgs.) *Padrões Sociolingüísticos – Estereótipos da forma seu na língua oral*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 169-181, 1996.

SILVA, J. P. da. *A categoria de Gênero nos substantivos e nos adjetivos*. UERJ

SILVA, M. F. da. *A progressão referencial-anafórica na fala cotidiana*. Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.

SOARES, A. S. F. *Segunda e terceira pessoa o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.

STRAWSON, P. F. Intention and Convention in Speech Acts. *The Philosophical Review*, 4: 439-460; 1964.

TAMANINE, Andréa M. B. *A alternância Nós/ A Gente no interior de Santa Catarina*. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.

TARALO, F. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. Tese de doutorado – Pós-Graduação em Lingüística, UFSC.

TOLEDO, A. do R. *Sistema pronominal possessivo em uso na Ilha de Valadares*. Curitiba, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.

VEREZA, S. C. Contextualizando o Léxico: Considerações sobre Sinonímia e Referência. *D.E.L.T.A.*, 16, (1): 83-98; 2000.

YULE, G. *New, current and displaced entity reference*. *Lingua*, 55: 41-52.

WILLIAMS, E. B. *From Latin to Portuguese; historical phonology and morphology of the Portuguese language*. Philadelphia: University of Pennsylvania press; Oxford, H. Milford, Oxford University Press, 1938.

ANEXO I

INFORMANTES DESCARTADOS DA AMOSTRA (Casos de ocorrências únicas)

Informante Z: “A identidade da organização, diferente do conceito que se tem **da mesma**, como dito anteriormente, é definida por *sua* cultura organizacional, responsável por dar eixo necessário a união dos membros desta sociedade em torno de objetivos, ações e comportamentos.”

Informante b: “Para efeito, esta tendência de alta do dólar torna mais caros os produtos cuja venda é feita nas Lojas Riachuelo S/A. Outro fato colabora à afirmação é a queda dos preços do comércio varejista. Informações **das mesmas** publicadas, em anexo, apontam para a redução nos preços que indica redução de demanda, implicando comércio na redução do faturamento como aponta o e-comércio.”

Obs.: esse informante apresenta, em anexo a seu trabalho, informações sobre a queda de preços, o que nos entender que a queda de preços e não as lojas é o antecedente retomado.

Informante d: “COORDENADORIA DE VIGILÂNCIA À SAÚDE – Compete elaborar normas de estudos, de pesquisa e de programas de saneamento do meio; vigilância e exercício profissional; elaborar, executar, controlar e avaliar programas de educação referentes às atividades de saneamento, de... Planejar e coordenar as atividades relacionadas às epidemiologias dos agravos à saúde, definindo as medidas do controle **dos mesmos**; além de assessorar o Secretário de Saúde em assuntos de sua área específica.”

ANEXO II

DADOS DE ORDEM DE RETOMADA ELEVADA RETIRADOS DA AMOSTRA (Ocorrências descartadas para o GF3 – número da retomada)

a - único caso de 8ª. retomada:

“Não podemos deixar de relacionar no contexto, que a empresa atualmente, mantém uma inter-relação do conhecimento, da confiança, ..., que são aspectos dos bens intangíveis e a habilidade em gerar fundos internamente, e de excelente estrutura formal de comunicação entre seus sistemas de planejamento, do controle e coordenação e de... A capacidade mostra portanto, a sua habilidade de agregar e organizar os recursos para alcançar essa condição. O fator que comprova tal afirmação é perfeitamente encontrado pela forma com que a organização trata seus clientes e vice-versa. Uma vez que, a Audi instalou-se no Brasil, esta solicitou a AKSYS da Alemanha, que ingressasse como uma unidade parceira, com o intuito de atender às necessidades imediatas da mesma e da Volkswagen no Brasil. A parceria deu certa, além das expectativas dos dirigentes de ambas organizações. Após a troca da razão social ocorrida em 1998, a organização passou por uma série de mudanças que visavam a sua adequação no mercado, e a mesma pudesse atender às mudanças que a globalização exigia.”

b - dois casos de 9ª. Retomada:

1 - “O conceito básico de estratégia está relacionado à ligação da empresa e seu ambiente. E nesta situação, a empresa procura definir e operacionalizar estratégias que maximizam os resultados na interação estabelecida.

Toda empresa é parte integrante do seu ambiente. Enquanto os níveis mais baixos da empresa (nível operacional) estão relacionados com os seus aspectos internos, a tarefa dos níveis mais elevados (nível estratégico) é estudar e mapear as oportunidades e ameaças que o ambiente impõe à empresa. Assim, o conhecimento..., no sentido de se obter a adequada compatibilidade entre a empresa e as forças externas que afetam direta ou indiretamente seus propósitos, objetivos, desafios, metas, políticas, estrutura, recursos, planos, programas, projetos e procedimentos. Para que a organização obtenha um crescimento é necessário que se aumente o número de funções dentro da mesma, e com isso, vai surgir à necessidade de contratar novos funcionários e uma maior negociação no mercado.”

2 - “Basicamente o processo produtivo consiste em:

Recepção e Armazenagem da Soja – A soja é recebida a granel em caminhões, via rodoviária e descarregada por um tombador hidráulico, em moega apropriada, de onde é transportada de maneira adequada, para um silo-pulmão. Após descarga do silo-pulmão o produto recebido sofre operação de pré-limpeza para retirada de objetos estranhos, folhas, talos, vagens e poeira. Desta forma os grãos seguem transportados para secadores onde é feita uma redução de umidade para que o produto possa ser armazenado sem prejuízo de sua qualidade. Após seca, a soja vai para os silos graneleiros.

Extração do Óleo de Soja – a soja é transportada dos graneleiros para o processo de preparação, onde a mesma sofre as seguintes operações unitárias: ...”

c - fragmento em que consideramos dois casos de 10ª. Retomada:

“Não podemos deixar de relacionar no contexto, que a empresa atualmente, mantém uma inter-relação do conhecimento, da confiança, ..., que são aspectos dos bens intangíveis e a habilidade em gerar fundos internamente, e de excelente estrutura formal de comunicação entre seus sistemas de planejamento, do controle e coordenação e de...

A capacidade mostra portanto, a sua habilidade de agregar e organizar os recursos para alcançar essa condição. O fator que comprova tal afirmação é perfeitamente encontrado pela forma com que a organização trata seus clientes e vice-versa. Uma vez que a Audi instalou-se no Brasil, esta solicitou a AKSYS da Alemanha, que ingressasse como uma unidade parceira, com o intuito de atender às necessidades imediatas da mesma e da Volkswagen no Brasil. A parceria deu certa, além das expectativas dos dirigentes de ambas organizações. Após a troca da razão social ocorrida em 1998, a organização passou por uma série de mudanças que visavam a sua adequação no mercado, e a mesma pudesse atender às mudanças que a globalização exigia.

A estratégia adotada pela organização é a de crescimento interno, pois **a mesma** aumentou sua capacidade de produção e da força de trabalho, buscando sua ascensão, preservando sua cultura organizacional, eficiência, qualidade e prospecção.

Analisando as Cinco Forças de Porter em relação a AKSYS DO BRASIL, cabe-se ressaltar que **a mesma** não possui empresas rivais no mercado em que atua, pois é uma organização oriunda da Alemanha, instalada no Brasil com a finalidade 'exclusiva' de atender a Volkswagen/Audi."

ANEXO III

DADOS NA FUNÇÃO DE *SUJEITO* DESCARTADOS

1-"COMPRADORES

A AMH possui um bom relacionamento com *os seus clientes*, pois *ela* geralmente tem o produto em que **o mesmo** necessita disponível em estoque, com uma rápida entrega, bom preço e uma boa condição de pagamento." **Informante A**

2-"Diante do exposto apresentado acima, a equipe definiu que a estratégia de Diferenciação adotada pela empresa AMH Medicamentos Hospitalares Ltda é a mais adequada na organização, pois a empresa esta inserida num ambiente de grande concorrência e com um mercado já saturado.

A empresa optou por destacar-se neste setor garantindo aos seus clientes uma rápida entrega e fácil pagamento, tornando isto o seu diferencial em relação aos demais concorrentes, pois **a mesma** não pode utilizar uma estratégia de enfoque por ser difícil conseguir exclusividade... Na estratégia de liderança no custo total, a empresa não consegue manter os preços estáveis sempre, pelo fato *dela* não produzir, mas apenas revender os medicamentos." **Informante A**

3-"3.3.2 Autoridade

É o direito estabelecido de um indivíduo ou organização exercer poder sobre os outros. O poder é legitimado quando os indivíduos que o exercem são investidos de autoridade. Há três tipos de autoridade que devem ser mencionados:

AUTORIDADE TRADICIONAL: essa autoridade é baseada na crença de..., podendo ser investida no cargo quanto no indivíduo que o ocupa.

AUTORIDADE CARISMÁTICA: Essa autoridade é baseada nas qualidades pessoais do indivíduo (incluindo traços e características da personalidade). ...

AUTORIDADE RACIONAL-LEGAL: É a autoridade investida no cargo que o indivíduo ocupa, só tendo essa autoridade enquanto **o mesmo** ocupa esse cargo." **Informante B**

4-"Na produção das peças acima, é utilizada a seguintes matérias-primas:

PP (Polipropileno), ou seja, tipo de plástico na forma granulada;

Fibra de vidro longa (a denominação longa é devida em face de **a mesma** ser comercializada em fio);"

Informante B

5-"Após a troca da razão social ocorrida em 1998, a organização passou por uma série de mudanças que visavam a sua adequação no mercado, e **a mesma** pudesse atender às mudanças que a globalização exigia." **Informante B**

6-"A estratégia adotada pela organização é a de crescimento interno, pois **a mesma** aumentou sua capacidade de produção e da força de trabalho, buscando sua , preservando sua cultura organizacional, eficiência, qualidade e prospecção." **Informante B**

7-"Analisando as Cinco Forças de Porter em relação a AKSYS DO BRASIL, cabe-se ressaltar que **a mesma** não possui empresas rivais no mercado em que atua, pois é uma organização oriunda da Alemanha, instalada no Brasil com a finalidade 'exclusiva' de atender a Volkswagen/Audi." **Informante B**

8-"Com a finalidade de satisfazer as necessidades do seu único cliente, no que diz respeito a produtos e serviços que **a mesma** produz, a organização possui um contrato de exclusividade com a Volkswagen do Brasil. **Informante B**

9-"Pertencendo ao setor secundário, **a mesma** transforma a matéria prima em produtos e o seu sucesso é caracterizado pelo fato de que não possui concorrentes no mercado interno, não participando de qualquer

tipo de concorrência, seja ela perfeita ou imperfeita, e por esse fato, a organização está enquadrada no mercado monopolista.” **Informante B**

10-“Este trabalho foi concluído dentro dos propósitos iniciais, com a abordagem do conceito sobre estratégia, as formas que as mesmas são aplicadas na organização, os aspectos sociológicos no que diz respeito às forças de poder, seus conflitos e consensos internos, sua cultura organizacional as formas de identidade e costumes, sua estrutura social nos aspectos de interrelação entre os seus colaboradores, seus capitais simbólicos e grupos de interesses e, nos aspectos econômicos, através de um paralelo entre o mercado externo e a organização analisada.” **Informante B**

11-“As ações e decisões são tomadas geralmente pelo presidente. O que ocorre muitas vezes é que o filho mais velho, tem opiniões que divergem do pai, criando assim um conflito entre os funcionários que não sabem se devem atender o Presidente ou o Diretor. Os funcionários que já estão há mais tempo na empresa, sabem como se comportar nestes casos, porém o mesmo não acontece com os novos funcionários. Vale citar um caso ocorrido...” **Informante C**

12-“Em 77, a Alba é uma das primeiras empresas a instalar-se no Distrito Industrial de Curitiba, ... No final da década de 70, a Alba Química instala ...
O acordo com a Scott Bader é ampliado em 82, e a Alba passa a ter acesso à tecnologia... Em 86, a fábrica de produtos de consumo é transferida...
Em janeiro de 2001, a Alba Química separou suas operações em duas empresas independentes, continuando as mesmas sob o controle da Borden Chemical Inc.
A Borden Química Ind. E Com. Ltda dedica-se exclusivamente à produção e comercialização das linhas de produtos destinados ao mercado industrial (...).
A Alba Adesivos Indústria e Comércio Ltda, atualmente é quem produz e comercializa a linha de produtos direcionados ao mercado de consumo.” **Informante D**

13-“BATEMAN (1998), concorda com STONER (1999), quanto à necessidade das empresas estarem sempre se aperfeiçoando quanto às novas tecnologias existentes no mercado, ...
Para ele, com o surgimento de robôs sofisticados, as indústrias ganham, pois os mesmos não necessitam de férias, descansos, não solicitam aumento de salários e nem ao menos ficam fadigados.” **Informante F**

14-“4 TIPO DE ESTRATÉGIA UTILIZADA PELA ORGANIZAÇÃO

Podemos identificar que a estratégia usada pela caixa é a diferenciação, pois todos os bancos, principalmente o banco Itaú e Bradesco, podem fazer este tipo de financiamento para pessoas de baixa renda, mas não o fazem por não ter a certeza do pagamento, portanto o foco dos negócios destes são a classe média alta. Sendo aí que a caixa se diferencia dos demais, pois uma das suas principais atuações é o financiamento imobiliário para a população de baixa renda. , a mesma não se responsabilizando pelo risco na inadimplência, por ter como fiador, o governo federal.” **Informante G**

15-“RECURSOS E CAPACIDADES DA ORGANIZAÇÃO

- Dentro dos recursos financeiros – a Caixa tem ... ;
- Dentro dos recursos organizacionais – possui uma... ;
- Em recursos físicos – ela tem um grau de sofisticação e ponto de localização da agência e dos equipamentos da empresa;

Em recursos tecnológicos – a mesma possui tecnologia, marcas registradas, direitos autorais e segredos comerciais.” **Informante G**

16-“Os tipos de estratégias que a empresa sempre busca é a do crescimento interno, ..., com isso ela acaba conservando até mesmo sua cultura e seus valores.
Uma outra estratégia que a empresa pode optar é a de integração horizontal, ... , para que com isso ela fique cada vez mais forte na competição da área de trabalho.
E assim para que a organização seja diferente de outras, é adaptado a Diversificação horizontal relacionada, pois a mesma adquire outra empresa que tenha competências semelhantes ou complementares; já a Diversificação horizontal não relacionada adquire outra que tenha produtos diferentes, tornando-a mais diversificada.” **Informante H**

17-“A Companhia Paranaense de Energia – COPEL é uma empresa prestes a completar 50 anos de existência, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico e tecnológico do Estado do Paraná.

Embora tenha esta idade o que se conhece desta empresa, pela Sociedade Paranaense, é apenas o serviço que ela presta, não sendo levado em conta muitas vezes o fato de ser, talvez, o maior e mais importante patrimônio que este Estado possui.

Se analisarmos o Estado do Paraná, antes e depois da COPEL, veremos que **a mesma** é um divisor de águas no que se refere ao desenvolvimento econômico e cultural de sua história, uma ferramenta que foi capaz de transformar um estado basicamente agrícola em um dos estados mais industrializados da união, sem deixar, é claro, de continuar promovendo o desenvolvimento no campo, o que ainda é a maior fonte de renda Estadual. Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da Copel a partir de sua dimensão cultural, colocando em prática os conhecimentos apresentados pela disciplina de Gestão da Cultura Organizacional de Alto Desempenho.” **Informante I**

18–“A COPEL utiliza-se de vários rituais corporativos, entre os quais destacam-se os seguintes:

Ao término de empreendimentos, geralmente são promovidas comemorações, ...

Na data do aniversário de fundação da empresa, são realizados...

A Empresa está retomando um programa de integração do novo empregado...

Este resgate demonstra que a Copel está procurando rever os rituais e valora-los, porém muitos devem ser rediscutidos pois não se encontram adequados ao novo posicionamento estratégico.

Acreditamos que o tempo de casa é um a ser questionado, pois conflita com a posição da empresa em não privilegiar mais os empregados com distinção salarial, ou pelo menos explicar o porquê de certos rituais e se **os mesmos** estão solidificando ou contestando a cultura.” **Informante I**

19–“Então, por fim toda organização deve selecionar uma ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO que resulte em aumento das vendas ou da participação do mercado, se espera que esse crescimento possibilite um aumento do valor da empresa. O crescimento pode ser..., mas subseções seguintes, descrevem-se importantes estratégias de crescimento que podem ser adotadas pelas empresas.

ESTRATÉGIAS DE ESTABILIDADE – Esta estratégia caracteriza-se pela falta de mudanças na organização e onde **a mesma** continua servindo aos mesmos clientes, oferecendo os mesmos produtos/serviços, e mantém a sua participação no mercado quase sem inovação nenhuma.” **Informante J**

20–“A utilização desses critérios é indispensável para aumentar a força e estimular o processo que permita aos membros das organizações benefícios e envolvimento na sua gestão.

Então, a cadeia de valor é um método que a empresa utiliza para entender a sua posição em custos e identificar os diversos meios, que poderão ser empregados para facilitar as implantações de sua estratégia comercial. Fazendo isso corretamente, **a mesma** adquire o destaque, o reconhecimento, do bom resultado do produto a ser lançado no mercado.” **Informante J**

21–“Dentro da organização do sistema de gerenciamento de riscos, constatamos que, as condições programadas são tomadas pelo próprio funcionário que recebe um treinamento interno e adequado a cada função que encera, porém existe um limite nesta tomada de decisões, se **o mesmo** não conseguir resolver a situação, o problema é anunciado pelos líderes ou supervisores presentes no turno; já as decisões não programadas que fogem do controle dos colaboradores, são decididas ...” **Informante L**

22–“Poder é, atingir *os objetivos* em determinada ação, eu quero, eu... Quanto maior a capacidade de impor e atingir *os objetivos*, maior o poder. Segundo Weber, nem tudo o que queremos, nos será dado de forma pacífica. No poder sempre haverá uma relação de desejos e vontades, onde duas ou mais pessoas estarão disputando o mesmo objetivo. Para que **o mesmo** seja alcançado, cada um usará dos recursos disponíveis.” **Informante M**

23–“A empresa esta inserida no mercado de transporte há 57 anos tendo diariamente assuntos que são necessários, uma decisão ágil e certa, pois **o mesmo** é um mercado com muitos concorrentes que estão atualizados não só no mercado de transporte em geral, mas em tecnologia avançada no que se trata da área de transporte rodoviário.” **Informante P**

24–“A responsabilidade das empresas com relação à proteção de seus empregados estende-se ao campo da Justiça, posto que culpas ou omissões constatadas possibilitam que os empregados ou seus representantes (sindicatos por exemplo) ingressem em Juízo com os mais diversos tipos de ação tais como indenizações, adicionais de insalubridade, periculosidade entre outros. O mesmo pode ser afirmado com respeito ao Ministério Público, que pode propor ações de natureza criminal contra a empresa se entender que houve culpa em algum acidente que tenha resultado em morte ou dano ao meio ambiente, por exemplo.” **Informante S**

25-“Semestralmente existem avaliações de desempenho, que tem por objetivo principal, verificar os resultados obtidos pelo colaborador no período, se **o mesmo** agregou ou não valores para a empresa.”

Informante T

26-“O grupo HSBC, de modo geral, nos últimos dois anos vem passando por mudanças constantes em todos os seus segmentos, ...

Devido a sua origem ser inglesa, mais conservadora e pouco arrojada, **o mesmo** encontrou algumas dificuldades de adaptação em alguns países, inclusive no Brasil.

Quando da sua adesão ao mercado brasileiro, seu foco principal era captação de novos recursos e novos clientes sem muita exposição de sua imagem.” **Informante T**

27-“Basicamente o processo produtivo consiste em:

Recepção e Armazenagem da Soja – A soja é recebida a granel em caminhões, via rodoviária e descarregada por um tombador hidráulico, em moega apropriada, de onde é transportada de maneira adequada, para um silo-pulmão. Após descarga do silo-pulmão o produto recebido sofre operação de pré-limpeza para retirada de objetos estranhos, folhas, talos, vagens e poeira. Desta forma os grãos seguem transportados para secadores onde é feita uma redução de umidade para que o produto possa ser armazenado sem prejuízo de sua qualidade. Após seca, a soja vai para os silos graneleiros.

Extração do Óleo de Soja – a soja é transportada dos graneleiros para o processo de preparação, onde **a mesma** sofre as seguintes operações unitárias: ...” **Informante U**

28-“Enlatamento – As latas vazias com capacidade de 900 ml entram na linha paletizadas e são depaletizadas em equipamento automático. Após esta operação **as mesmas** sofrem uma inspeção visual e limpeza por ar comprimido. Em seguida as latas são cheias de óleo e recravadas. As latas prontas são encaixotadas ...” **Informante U**

29-“Este trabalho tem por objetivo analisar a organização LOJAS COLOMBO, que está situado na Cidade de Campo Largo, desde 1992, atualmente sendo gerenciada pelo ...

Demonstraremos no desenvolvimento de nosso trabalho como a organização vem utilizando os conceitos vistos em sala de aula, baseados nas aulas de Administração, Sociologia e Economia.

Escolhemos esta organização em virtude dos dados estarem ao nosso alcance, pois **a mesma** encontra-se na cidade onde moramos.” **Informante V**

30-“Em todos os lugares onde existe um grupo de pessoas sempre há um conflito, uns dos motivos de conflitos nessa organização é a disputa por vendas entre os funcionários, isso acontece quando o cliente apenas está fazendo uma pesquisa de preço e é atendido por um vendedor, mas o cliente não compra e volta na próxima semana onde **o mesmo** é atendido por um outro vendedor. Nesse momento cria-se um conflito pelo fato do vendedor que atendeu o cliente alguns dias antes não venderam o produto, mas sim viu o seu colega de trabalho vendendo para a pessoa que poderia ser seu cliente.” **Informante X**

31-“Nos oligopólios, normalmente as empresas discutem suas estrutura de custos, embora **o mesmo** não ocorra com relação a sua estratégia de produção e de marketing.” **Informante W**

32-“Motivações

Os liderados seguem o líder por alguma razão ou motivo, ou seja, o líder impõe uma atividade ou missão para serem seguidas, **o mesmo** precisa dessas pessoas para realizar essas determinadas metas. A união entre o líder e as motivações dos liderados permite afirmar que toda liderança é transacional, ou seja, orientam seus seguidores em direção a metas estabelecidas, esclarecendo requisitos dos papéis e das tarefas.” **Informante a**

33-“Se a liderança tecnológica aumentar a eficiência de uma organização perante os concorrentes, ela alcançará uma vantagem de custo. A empresa poderá utilizar essa vantagem tanto para colher lucros como para aumentar o número de consumidores.

Ser líder é um benefício que pode ... e da habilidade da organização de continuar inovando com rapidez suficiente para continuar à frente e superar os concorrentes. Quando a empresa tem lucros maiores **a mesma** investe no desenvolvimento de novas tecnologias.” **Informante a**

34-“Todos os funcionários utilizam uniformes, crachás com exceção da gerencia. (...) Já no que diz respeito de cerimônias, os funcionários recebem uma bonificação no valor de R\$ 50,00 referente ao atendente exemplar, onde durante o mês não podem se cometidos nenhum erro,...

Já no caso dos homens, a barba deve ser feita todos os dias, utilizando a camiseta por dentro da calça. A possibilidade de assensão na empresa chega ao nível máximo de gerência.

O trabalho é motivado por comissões e bonificações mensais, e **os mesmos** não tem descontos na aquisição de equipamentos.” **Informante a**

35-“Há quatro meses a operadora lançou um produto com a dupla Sandy e Junior para atingir... Se tratando de venda de aparelhos e serviços, vale a pena citar que no mês de Abril a Ponto Claro ficou em primeiro lugar em vendas de pós-pagos entre as franquias dentro da área de concessão do PR e SC. *A empresa* tem como principais fornecedores de equipamentos os seguintes fabricantes, Motorola, Nokia, ..., esses negociam com a operadora, onde em seguida **a mesma** aplica a política de preços que na maioria das vezes é subsidiados, para a comercialização dentro das franquias.

A Ponto Claro não possui ..., já com a operadora a franquia apresenta planejamentos formalizados através do contrato de exclusividade...” **Informante a**

36-“A Diretoria e a Gerência ...

A empresa tem por objetivo, a estratégia de em curto prazo, abertura de mais duas franquias, gerando... Porém a Ponto Claro pretende capacitar seus funcionários com cursos de vendas, técnicas de atendimento e aperfeiçoamento da gerencia incentivando-a também a fazer cursos na ares. (...)

Atualmente a empresa visa... (...)

Seu tipo de estrutura organizacional encaixa-se em uma estrutura simples devido a pequena quantidade de pessoas, com..., já analisando como um todo a Claro enquadra-se numa estrutura burocrática, pois suas tarefas organizacionais são altamente especializadas, com... ; Acreditam que esse é o tipo mais adequado devido o número de lojas ainda ser pequeno se tratando da Ponto Claro, **a mesma** segue também um modelo de organograma, veja a seguir.” **Informante a**

37-“Os gerentes costumam fazer o controle financeiro, controle de estoque, controle fiscal, folha de pagamentos, acompanhamento de metas e resultados, controle de comissionamento, desempenho dos funcionários e faturamentos mensais mediante ao SOFTWARE GERENCIADOR, como já mencionado anteriormente, sendo **o mesmo** desenvolvido pelo próprio proprietário da empresa (Ricardo Maciel).” OBS.: não há referência ao software nas páginas anteriores. **Informante a**

38-“Em relação aos componentes da cultura organizacional, a empresa preza seus funcionários no que se diz a respeito de pontualidade no horário, ou seja, é exigido que 15 minutos antes **os mesmos** encontrem-se na loja para realizar limpeza nos balcões e mesas de atendimento, efetuar leitura de...” **Informante a**

39-“A empresa costuma também nas reuniões mensais premiar o melhor funcionário em vendas com uma bonificação de R\$100,00, no mês de Março, foi implantada um premiação para o funcionário destaque no valor de R\$50,00, onde **o mesmo** teria que desempenhar durante o mês inteiro um excelente atendimento, e no caso das mulheres, estar sempre com as unhas feitas, maquiagem e cabelos presos. cont.

Informante a

40-“Referente aos símbolos adotados na organização, todos os funcionários utilizam uniformes logo marcados com...; Utilizam também crachás com o nome da empresa, nome do funcionário e sua função. **Os mesmos** são treinados no momento que entrem na organização com o manual de atendimento confeccionado pelos próprios proprietários...” **Informante a**

41-“*Brainstorming* é um processo em que as pessoas interagem verbalmente. Cada pessoa dá suas sugestões para resolver um problema de forma verbal, sem que **as mesmas** sejam criticadas pelos outros participantes. Quando houver uma quantidade satisfatória de idéias ou quando o fluxo das mesmas se esgotar, o processo é interrompido.” **Informante e**

42-“Autoridade formal: A primeira e mais clara fonte de poder...

- Controle dos recursos escassos: Uma habilidade de exercer controle...

- Uso da estrutura organizacional, regras e regulamentos: Na estrutura organizacional existe regras, regulamentos e procedimentos que servem como padrões na realização de tarefas, **os mesmos** podendo ser usados como instrumentos de poder.” **Informante f**

43-“2.4.2 ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A ORGANIZAÇÃO

Ao estudar e analisar a organização Meu Pé Calçados, observou-se que **a mesma** possui uma cultura organizacional previamente e claramente definida. As principais normas e valores da empresa são:”

Informante g

ANEXO IV

DADOS NA FUNÇÃO DE *OBJETO INDIRETO* DESCARTADOS

1- “O poder pode ser subdividido como: Poder legítimo que dá ao líder o direito de dizer aos subordinados o que fazer, e **os mesmos** a obrigação de obedecer.

Poder sobre recompensa, o líder que possui esse poder pode recompensar seus funcionários pelas tarefas por eles realizadas.” **Informante F.**

2- “No processo de tomada de decisões o administrador deve ter o julgamento no determinado problema, deve ter ..., deve usufruir sua experiência e análise quantitativa para analisar as alternativas e deve obter ...; mas nem toda decisão a ser tomada, permite ao administrador um lento processo de planejamento e análise, existem aquelas que a solução tem que ser imediata e nesse caso é melhor o indivíduo agir sozinho ou em uma equipe não muito grande, para assim evitar conflitos de pensamentos e dúvidas ao escolher o caminho a percorrer para a solução de determinado problema, mas isso não quer dizer que o administrador tenha que colocar em prática a primeira solução a vir em mente e também exige **do mesmo** certa concentração antes que a ação possa ser iniciada,...”

Informante J

3- “O processo coletivo da empresa é definido pelo grupo, onde os indivíduos se sujeitam as normas e regras determinadas pela organização. (Exemplo: reuniões anuais). Os conflitos decisórios como roubo e brigas são resolvidos pelos gerentes, já os conflitos entre funcionários, o consenso depende somente **dos mesmos**.” **Informante N**

4- “O trabalho repetitivo traz tão profundos sintomas no indivíduo, que manifestações fora da empresa e do horário se fazem assustadoramente presentes.

O mais terrível a se observar em tais casos é que, já estando condicionados a tais situações, a tal ritmo, os trabalhadores não conseguem se desligar **do mesmo**, alguns, inclusive desenvolvendo atividades cuidadosamente controladas, em uma estratégia inconsciente de não perder o condicionamento já adquirido,...” **Informante Q**

5- “Quem tem autoridade possui o direito de poder, influência, prestígio, papel de representante, mestre, líder. ‘Metas Convergentes – Consenso’ Pode ser relacionado a uma pessoa, de uma instituição de uma mensagem para significar que confiamos nelas, que acolhemos sua opinião, sua sugestão ou sua ordem, com respeito, consideração ou ao menos sem hostilidade nem resistência e estamos dispostos a submete-nos **a mesma**. Não depende apenas da maneira como se desincem aqueles que dela estão investidos, depende também da maneira como se acolhe a mensagem ou o comando. (...)” **Informante W**

6- “As organizações sejam empresas, ou sejam outras organizações sociais humanas dependem de símbolos. A maioria de outras sociedades animais... (...) A sociedade humana requer a socialização vitalícia, e isso requer o uso de símbolos. Tudo que é cultural — valores, objetivos, normas e verdades — são simbólicos. Tida a acumulação de conhecimentos passada de geração em geração depende da socialização de símbolos. (...)

Como o homem depende dos símbolos, as organizações também dependem **dos mesmos**. É por meio de símbolos em forma de palavras que analisamos situações, que as definimos, aplicamos nossa experiência passada e prevemos as consequências de nossa ação.” **Informante g**

